Universidade de São Paulo
Museu de Arqueologia e Etnologia

AS REPRESENTAÇÕES DA DEUSA
ATENA NAS MOEDAS DA MAGNA
GRÉCIA (SÉCULO V - IV A.C.):
POLÍTICA E RELIGIÃO

Capa: Túrio, Lucania. Distáter de prata (SNGANS.963), 410 - 330 a.C.

Dissertação apresentada ao Programa
de Pós-Graduação em Arqueologia,
do Museu de Arqueologia e Etnologia
da Universidade de São Paulo, para
obtenção do título de Mestre em
Arqueologia

Caroline Aparecida Oliveira

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Beatriz
Borba Florenzano

São Paulo - 2019

labeca

CAROLINE APARECIDA OLIVEIRA

**As representações da deusa Atena nas moedas da Magna Grécia
(século V - IV a.C.): política e religião**

Versão Corrigida

(A versão original encontra-se na biblioteca do Museu de Arqueologia e Etnologia da
Universidade de São Paulo)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade
de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Área de Concentração: Arqueologia

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Beatriz Borba Florenzano

Linha de Pesquisa: Arqueologia e Identidade

São Paulo
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pelo Serviço de Biblioteca e Documentação, MAE/USP,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Oliveira, Caroline Aparecida

As representações da deusa Atena nas moedas da
Magna Grécia (século V - IV a.C.): política e
religião / Caroline Aparecida Oliveira; orientadora
Maria Beatriz Borba Florenzano. -- São Paulo, 2019.
114 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação
em Arqueologia) -- Museu de Arqueologia e
Etnologia, Universidade de São Paulo, 2019.

1. Numismática. 2. Religião Grega Arcaica e
Clássica. 3. Magna Grécia. 4. Arqueologia Grega. I.
Borba Florenzano, Maria Beatriz, orient. II. Título.

Bibliotecária responsável:
Monica da Silva Amaral - CRB-8/7681

Nome: OLIVEIRA, Caroline Aparecida

Título: As representações da deusa Atena nas moedas da Magna Grécia (século V - IV a.C.): política e religião

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arqueologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

A todos que acreditaram, possibilitaram e incentivaram este trabalho; muito obrigada.

AGRADECIMENTOS

Mesmo com todas as dificuldades enfrentadas ao longo da pesquisa essa talvez seja uma das partes mais trabalhosas: o receio de esquecer alguém. É uma tarefa árdua listar tudo e todos que estiveram ao meu lado, na vida e ao longo do Mestrado, e que foram parte fundamental em todo o percurso. De adiantar, começo expressando que sem esse apoio eu não sei se chegaria até aqui, e por isso serei sempre grata.

Começo demonstrando toda a admiração e consideração por minha orientadora, Prof^ª. Dr^ª. Maria Beatriz Borba Florenzano. Desde o dia que cheguei no MAE-USP, lá nos primeiros meses de 2013 e até os dias atuais, sempre me senti acolhida e motivada a dar o meu melhor. Obrigada por ter sido tão presente e inspiradora, por ter me dado a oportunidade de fazer parte do Labeca (Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga), primeiro como estagiária e depois como pesquisadora; e principalmente por acreditar em mim.

Agradeço a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela concessão da bolsa de Mestrado para a realização dessa pesquisa.

Nesses anos de MAE-USP, como aluna, estagiária e pesquisadora; o Museu representou quase que uma segunda casa na minha vida. Foram tantas aulas, palestras, cursos, reuniões, participações e colaborações em eventos e em diferentes projetos; dias de trabalho no Labeca, pesquisando na biblioteca e aproveitando da companhia de tantas pessoas extraordinárias nos cafézinhos ao longo do dia que não posso deixar de agradecer imensamente a todos os envolvidos nessa instituição: professores, funcionários, pesquisadores e todos os demais.

Agradeço em especial as professoras coordenadoras do Labeca junto a Prof^ª. Dr^ª. Maria Beatriz Borba Florenzano, a Prof^ª. Dr^ª. Elaine Farias Veloso Hirata e a Prof^ª. Dr^ª. Maria Cristina Nicolau Komikiari, por toda a dedicação e contribuição para minha formação desde a graduação até o momento. Ao queridíssimo Prof. Dr. Vagner Carvalheiro Porto, pelas aulas, conselhos, e risadas, por ser sempre tão solícito e disposto a ajudar; e pelas contribuições valiosas no exame de Qualificação. Agradeço também a Dr^ª. Lilian de Angelo Laky, por ter me guiado em como prosseguir com a pesquisa e pelo tempo dedicado ao exame de Qualificação, as contribuições da banca foram precisas e fundamentais.

Não posso deixar de agradecer a todos os envolvidos com o Labeca, é imensurável a contribuição do laboratório e todos os seus agentes em meu crescimento como pessoa e como pesquisadora. Em especial ao meu grande amigo e parceiro de aventuras Rodrigo de Lima, obrigada pelas conversas, conselhos, risadas e loucuras compartilhadas! Aos amigos de laboratório (e alguns de pizzinha): Cláudio Duarte, Juliana Figueira da Hora, Felipe Perissato, Viviana Lo Monaco, Mário Coutinho e as colegas de estágio, Paula Talib e Bruna Braga Fontes.

Agradeço a todos os amigos dos outros laboratórios do MAE-USP; em especial aos colegas do grupo de pesquisa do CNPq, o ARISE (Arqueologia Interativa e Simulações Eletrônicas): nosso coordenador Alex Martire, os amigos Matheus Moraes e Amanda Viveiros Pina, e os demais.

Um agradecimento especial aos funcionários da biblioteca do MAE-USP, é inspiradora a dedicação e o carinho de vocês! Obrigada Hélio Rosa de Miranda, Washington Marques, Mônica da Silva Amaral, Alberto Bezerra, Gilberto de Paiva, Luciana Araújo, e todos os outros.

Dedico este trabalho aos amigos que caminham comigo há alguns poucos ou muitos anos e que são parte de quem sou hoje, cada um tem um lugar especial e os levo com muito carinho. É quase impossível citar todos, me considero uma pessoa de muita sorte por estar rodeada de tantas pessoas incríveis. Obrigada Maria Julia Luvizotto Rodrigues, Fernanda Tessitore, Elias Luiz Kurkdjian, Bárbara Almeida, Thais Biscuola, José Luis de Albuquerque Neto, Caio Mendes; Heloísa Fimiani, Juliana Niury Kitazato, Laís Lombardi, Pamela Ayumi, Petra Ferronato, e a todos os amigos de longa data. Dedico aos amigos da vida, em especial a Renata Furió, Mariana Ferraz Paulino, Alan Rufino, Marcus Vinícius Alves, Luiz Fernando Santana e Isabela Linares.

A Gertrudes Barbieri, a quem devo muito todo esse processo graças ao excelente trabalho comigo.

Por último e jamais menos importante, quero agradecer profundamente aos meus pais, Sergio Antonio de Oliveira e Marlene Aparecida dos Santos Oliveira. Sem eles, sem toda a dedicação e o apoio em minha formação desde muito nova, além do cuidado e os incentivos ao longo da vida, eu não chegaria tão longe. Tenho muito orgulho em dizer que sou a primeira da minha família a entrar na Universidade Pública e pretendo lutar para não ser a última, isso sem dúvidas devo aos meus pais. Obrigada pela presença, por não me fazerem desistir jamais e por apoiarem meus percursos e respeitarem minhas decisões, por mais que elas pareçam um tanto estranhas muitas vezes. Dedico também as minhas cachorrinhas, Cindy Crawford (pois é) e Mel; companheiras de anos e que hoje vivem a plenitude da terceira idade, mas sem deixarem de fazer bagunça jamais.

Aos meus avós, Wilson Ricardo dos Santos e Expedita Maria Pereira dos Santos. Em memória da minha avó Aparecida Margarida de Oliveira Sebastião, que levo sempre comigo na memória e no coração.

Que Atena tenha me protegido com sua sabedoria e astúcia para que eu não esqueça de ninguém nesse momento, muito obrigada!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 70400008

Teriam dizimado todos, sem retorno,
se Atena, filha do Cronida abala-terra,
não detivera, aos gritos, o tropel inteiro:
“Chega de prélio morticida, itácios, súbito
vos apartai, que o rio de sangue estanque!” O verde-
-cloro do medo os toma, quando Atena fala.
Das mãos de todos, aterrados, voam as armas
e caem à terra, assim que ela atroou. À pólis
retornam, desejosos de viver. O herói
multipaciente urlou, terrível; impetuoso
partiu no encalço deles, águia altivoejante.
então Zeus arrojou um raio fulgurante
aos pés de Atena, olhos-azuis. A deusa de olhos
glaucos disse a Odisseu: “Divino Laertíade,
Odisseu multiastucioso, basta, para
a barafunda bélica homogeneizante;
não se enfurie contigo Zeus, brado-estentor!”
Nem bem falou, o herói cedeu, alegre no íntimo.
Um pacto eterno obriga que os dois lados jurem
a filha do Cronida abala-terra, Palas
Atena, idêntica a Mentor em corpo e voz.
(HOMERO, *Odisseia*, Canto XXIV, v. 528-548)

RESUMO

OLIVEIRA, Caroline Aparecida. **As representações da deusa Atena nas moedas da Magna Grécia (século V - IV a.C.): política e religião.** 2019. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

Quando pensamos em moedas logo vem à mente o disco metálico que serve como ferramenta econômica em nossa sociedade atual, entretanto quando nos propomos a observar atentamente estes objetos notamos que eles geralmente carregam símbolos e figuras ligados ao seu Estado emissor de origem. Se atualmente temos essa noção sobre a moeda, qual seria a trajetória por trás desse artefato? A Numismática surge como um meio de revisarmos a funcionalidade da moeda ao longo da História, e para entendermos o papel dela como objeto de pesquisa. A proposta para esta dissertação é através de determinado cenário buscar no escopo definido os possíveis vínculos entre a iconografia monetária e as relações políticas do período, ou seja, traçar como a imagética religiosa estava ligada à política e cultura locais, assim como por tratar-se de um estudo sobre moedas podemos também traçar relações econômicas. A chamada Magna Grécia, que corresponde ao atual Sul da Itália, passa a ser ocupada pelos gregos a partir do século VIII a.C. e a emitir moedas no século VI a.C., a emissão de moedas é um dos fatores que denotam a relevância da região na conjuntura mediterrânea durante a Idade Antiga. Ao notarmos, portanto, o desenvolvimento da Magna Grécia no contexto pan-helênico e a relação dos gregos com o culto a Atena, escolhemos observar como que o culto à essa divindade se difundiu no Mediterrâneo através da observação da sua representação em moedas, aqui especificamente na Magna Grécia, nos séculos V e IV a.C., através do levantamento sistematizado e apresentado como fruto desta pesquisa. Discorreremos, portanto, sobre a região e as moedas emitidas contendo Atena e/ou seus atributos, e como através delas podemos elaborar um perfil sobre a divindade e seu culto no contexto, e também buscar compreender seu uso como tipo monetário, através do paralelo com a História local (Magna Grécia e suas pólis) e de possíveis influências tipológicas que circulavam na Grécia Ocidental, especificamente dentro do âmbito monetário.

Palavras-chave: Numismática. Religião Grega Arcaica e Clássica. Magna Grécia. Arqueologia Grega.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Caroline Aparecida. **The representations of the goddess Athena in Magna Grecia coins (5th-4th century BC): politics and religion.** 2019. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

When we think about coins, the metal disc that serves as an economic tool in our current society comes to mind, but when we set out to observe these objects closely, we notice that they usually carry symbols and figures attached to their originating State. If we currently have this notion about coins, what would be the trajectory behind this artifact? Numismatics emerges as a means of reviewing the functionality of money throughout history, and to understand its role as an object of research. The proposal for this dissertation is through a determined context to search in the defined scope the possible links between the monetary iconography and the political relations of the period, that is, to trace how the religious imagery was linked to the local politics and culture, as well as being a study on currencies we can also draw the economic relations. The so-called Magna Grecia, which corresponds to present-day Southern Italy, became occupied by the Greeks from the 8th century BC onwards and issued coins in the sixth century BC, the issuance of coins is one of the factors that denotes the relevance of the region in the Mediterranean extent during the Ancient Age. When we note the development of Magna Grecia in the Pan-Hellenic context and the relationship of the Greeks with the cult of Athena, we have chosen to observe how the cult of this divinity spread in the Mediterranean by observing its representation in coins, specifically in Magna Grecia, in the fifth and fourth centuries BC, through a systematized survey presented as the fruit of this research. We will therefore discuss the region and the coins issued with Athena and / or its attributes, and how through them we can elaborate a profile of the divinity and its cult in the context, and also seek to understand its use as a coin-type, through the parallel with the local History (Magna Grecia and its polis) and of possible typological influences that circulated in Western Greece, specifically in the monetary sphere.

Keywords: Numismatics. Archaic and Classical Greek Religion. Magna Graecia. Greek Archeology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa das fundações gregas no Mediterrâneo, a partir do século VIII a.C.....	20
Figura 2 - Mapa das regiões da Magna Grécia.....	24
Figura 3 - Mapa das <i>apoikias</i> ao longo da costa da Magna Grécia.....	26
Figura 4 - Relação de moedas no banco de dados, no <i>FileMaker</i>	33
Figura 5 - Modelo de ficha catalográfica.....	34
Figura 6 - Continuação do modelo de ficha catalográfica.....	35
Figura 7 - Atena emergindo da cabeça de Zeus enquanto Hefesto foge da cena, taça ática de figuras-negras, Londres, British Museum B 424.....	57
Figura 8 - Reconstituição da procissão panatenaica na acrópole ateniense, logo após o propileu vemos a estátua de bronze de Atena <i>Promakhos</i> (obra do escultor grego Fídias, no século V a.C.). À direita da rampa de chegada está o templo dedicado a Atena Nike, ao lado direito após o propileu, o Partenon.....	60
Figura 9 - Atena <i>Varvakeion</i> , datada aproximadamente em 200-250 d.C.....	61
Figura 10 e 11 - Ânforas panatenaicas de figuras-negras com origem ática, datadas do início do século V a.C., onde vemos a representação de Atena com seus atributos: capacete, égide, escudo e lança; além de outros elementos decorativos.....	62
Figura 12 - Atenas. Tetradracma de prata. 515 - 480 a.C. (Seltman Group Gi, ANS).....	65
Figura 13 - Corinto. Estáter de Prata. 509 - 480 a.C. (Ravel 208, ANS).....	65
Figura 14 - Estatuetas votivas de bronze dedicadas a Atena, datadas aproximadamente do final do século VI ao V a.C., expostas no Museu da Acrópoles em Atenas.....	67
Figura 15 - Mapa do Mediterrâneo, apontando as <i>apoikias</i> na Magna Grécia e as regiões/pólis que expandiram e fundaram cidades na Grécia Ocidental.....	68
Figuras 16 e 17 - Anverso da dracma de prata de Síbaris (tipo 39) e do estáter de prata de Túrio (tipo 40), com Atena vestindo o capacete ático laureado, de provável influência tipológica ateniense.....	83
Figura 18 - Na <i>khóra</i> da cidade, havia um assentamento indígena no qual os gregos de Síbaris edificaram um templo dedicado a Atena, no final do século VIII a.C. Nele foi encontrado um tablete de bronze, com data do começo do século VI a.C., dedicado à deusa por Cleombrotos, vencedor sibarita em Olímpia (GRECO, 2008, p. 205 <i>apud</i> NAUSITOO, Síbaris).....	84
Figura 19 - Moeda de bronze de Crotona (tipo 1b), semelhante à ‘coruja’ ateniense.....	87
Figura 20 - <i>Esquifo</i> de Atenas, decorado com a coruja e folhas de oliveira. Cerâmica de figuras vermelhas, datado em cerca de 470 - 440 a.C.....	89

Figura 21 - Ânfora produzida na Campânia, datada em cerca de 340-320 a.C. (Groningen, coleção particular), na qual vemos a Scylla antropomórfica representada semelhante à observada nas moedas da Magna Grécia, incorporada ao capacete ático vestido por Atena.....95

Figura 22 - Estátua romana de Atena *Promakhos*, com a égide sobre os ombros com a Górgona acoplada. Apesar de ser uma provável cópia romana, sua representação é muito semelhante as de Atena nos moldes gregos, especificamente do período Clássico. Achada em *Villa of the Papyri*, nos arredores de Herculano e datada aproximadamente no século I a.C.....97

Figuras 23 e 24 - Anverso de óbolo de prata de Tarento (tipo 10) e do estáter de prata de Heracléia (tipo 27), com Atena sem capacete e a égide ao fundo.....97

Figuras 25 e 26 - Anverso de estáteres de prata de Heracléia (tipo 26b e 29a), com a Scylla adornada ao capacete ático de Atena representada nos dois modelos iconográficos evidenciados pelas moedas da região, de acordo com a posição dos braços.....102

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Data e origem das *apoikias* gregas fundadas na Magna Grécia.....21

Tabela 2 - Catálogos monetários consultados.....32

Tabela 3 - Sistemas ponderais adotados na Grécia Ocidental.....51

Tabela 4 - Quantificação de moedas por região.....52

Tabela 5 - Quantificação da relação de emissões com Atena e/ou a coruja, por região.....53

Tabela 6 - Autoridades emissoras que utilizam a tipologia de Atena vestindo o capacete coríntio, em ordem cronológica de início das respectivas cunhagens.....79

Tabela 7 - Atena nas emissões de Túrio, de acordo com nosso catálogo.....82

Tabela 8 - Autoridades emissoras que utilizam a tipologia de Atena vestindo o capacete ático laureado, em ordem cronológica de início das respectivas cunhagens.....86

Tabela 9 - Autoridades emissoras que utilizam a tipologia de Atena vestindo o capacete ático decorado com o grifo, em ordem cronológica de início das respectivas cunhagens.....99

Tabela 10 - Autoridades emissoras que utilizam a tipologia de Atena vestindo o capacete ático decorado com o hipocampo, em ordem cronológica de início das respectivas cunhagens.....100

Tabela 11 - Autoridades emissoras que utilizam a tipologia de Atena vestindo o capacete ático decorado com a Scylla, em ordem cronológica de início das respectivas cunhagens.....103

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tipos monetários contendo a cabeça de Atena.....	54
Gráfico 2 - Tipos monetários contendo a coruja.....	54
Gráfico 3 - Comparativo entre emissões em que Atena veste o capacete ático (tipologia derivada da moeda de Atenas) e que veste o capacete coríntio (tipologia derivada da moeda de Corinto).....	74

SUMÁRIO

Introdução.....	16
Capítulo 1. Contextualização Histórica e Espacial.....	19
1.1 A Magna Grécia.....	19
1.2. Do final do século VI ao século IV a.C.....	24
Capítulo 2. Catálogo de Moedas: métodos de construção e análise.....	28
2.1. Critérios teóricos e método de elaboração do catálogo.....	30
2.1.1. Catálogos consultados e criação do banco de dados.....	31
2.1.2. Critérios de classificação.....	33
2.2. Catálogo final.....	35
2.3. Primeiras leituras e interpretações do catálogo.....	50
Capítulo 3. Atena.....	56
3.1. Quem era?.....	57
3.2. Atena e a sua imagética nas moedas.....	64
Capítulo 4. Atena nas moedas do Ocidente grego: uma interpretação.....	69
4.1. O que os tipos monetários de Atena podem nos dizer.....	73
4.1.1. Atena com o capacete coríntio.....	78
4.1.2. A relação da moeda ateniense e a fundação de Túrio.....	81
4.1.3. A moeda ateniense para além do caso de Síbaris e Túrio.....	85
4.2. Variações estilísticas na representação de Atena em moedas.....	92
4.2.1. Elementos míticos representados com Atena nas moedas.....	96

5. Considerações finais.....	107
6. Bibliografia.....	110
6.1. Catálogos consultados.....	110
6.1.1. Online.....	110
6.1.2. Impressos.....	110
6.2. Fontes escritas.....	110
6.3. Sites.....	110
6.4. Fontes textuais.....	111

Introdução

O território denominado Magna Grécia na antiguidade, que atualmente corresponde ao Sul da Itália, na península Itálica; passou a ser ocupado pelos gregos no século VIII a.C. e foi uma das regiões mais prósperas da Grécia Antiga, dado seu desenvolvimento comercial e a disseminação local das pólis gregas nos séculos seguintes. Um dos indícios da relevância dessa região está na emissão de moedas, a partir do século VI a.C. De acordo com as fontes escritas tradicionais, existem duas versões para a adoção da moeda na Grécia Antiga: uma diz que as de ouro e de prata surgiram na Lídia (Ásia Menor), e outra que atribui a Fídon, tirano de Argos, a cunhagem das primeiras moedas de prata em Egina, no século VII a.C. (FLORENZANO, 2001, p. 201).

A moeda para os gregos era um objeto utilizado nas interações comerciais entre si e outros povos, além de representar sua pólis emissora, sendo uma forma de disseminar mensagens; acrescida de seu amplo alcance. Sendo, então, um objeto funcionalmente eclético, que nos proporciona diversas possibilidades de entender o cotidiano do indivíduo e do coletivo grego, durante seu período de circulação. Portanto, é notável a capacidade documental da moeda como objeto de análise.

Os gregos ocuparam a extensão de Leste a Oeste do Mediterrâneo, da península Ibérica à região do mar Negro. Apesar da vasta extensão territorial, a identificação entre as cidades gregas estava mais ligada a elementos culturais compartilhados do que a demarcações territoriais, como os Estados modernos. A ideia do que era ser grego no período vem sido trabalhada em diferentes perspectivas: seja através das fontes escritas historiográficas ou literárias, ou de vestígios materiais, notamos que o conceito de helenidade era construído através de denominadores comuns que agregavam nesse ideal, podemos listar como exemplos a adoção da pólis, da língua e a religião.

Sobre religião, uma das formas de unificação do território pode ser expressa através do culto às divindades do Panteão grego. Dentro do conjunto de deuses, Atena aparece quase que onipresente, ela era representada nos mitos, tragédias, vasos cerâmicos, moedas; além dos templos e santuários dedicados à deusa. Atena é caracteristicamente uma divindade multifacetada e políade, sendo então, portanto, um elemento expressivo da helenidade.

A apropriação da representação divina em um objeto oficial tal qual a moeda é, além do viés místico, um ato político, característica intrínseca desse artefato. A emissão de moedas

demonstrava o poder econômico e de influência de uma pólis, enquanto a cunhagem contendo divindades denotava o culto e o pertencimento a determinado grupo. Sendo assim, as representações de Atena nas moedas da Magna Grécia podem nos dizer sobre as relações humanas do período em que circulavam, no nosso caso os séculos V e IV a.C; seja através do culto local à essa divindade ou de possíveis influências tipológicas que percorriam o Mediterrâneo. A adoção da imagem de tal deusa pelas pólis gregas, que exercia diversas funções e possuía tantos significados dentro do Panteão grego, demonstra a identificação com o restante da Hélade por parte do Ocidente grego.

A ideia de estudar as emissões monetárias com a representação de Atena é estudar como o uso da iconografia de uma divindade, ao ser apropriada pela pólis grega e usada para cunhar moedas, possibilita a leitura do cotidiano do período e a percepção das relações sociais, políticas e econômicas do contexto estudado; além da prática religiosa. Assim, no Capítulo 1, iniciamos com o panorama sobre a formação da Magna Grécia, partindo da História local, iniciando com a ocupação grega da região.

Para realizar esta pesquisa, optamos que a forma ideal seria através da elaboração de um levantamento sistemático das moedas dentro das definições estabelecidas, resultando em um catálogo. Assim, os critérios para o formato final foram definidos a partir da historiografia e das perspectivas numismáticas, de acordo com nossa proposta de pesquisa. No Capítulo 2 discorreremos sobre esse processo, desde a consulta em tradicionais catálogos (físicos e online) de diferentes coleções e períodos de elaboração, dentro do nosso alcance, até a construção do banco de dados, que foi imprescindível para a organização do catálogo final.

No Capítulo 3 abordaremos sobre o culto a Atena, sua atuação no cotidiano antigo e a construção da iconografia dessa divindade, a partir de diferentes suportes imagéticos e de sua atuação nos mitos gregos, além de olharmos os diferentes epítetos e atributos. Para analisar Atena, decidimos observar como se dava sua caracterização na pólis homônima, Atenas, local onde está o maior representante grego do culto à deusa na antiguidade, o Partenon. Além disso, dado o foco da pesquisa, evidenciamos o início do uso da representação de Atena em moedas pelas pólis gregas, especificamente em Atenas e Corinto, nas emissões a partir do século VI a.C.

Em seguida, no Capítulo 4, interpretaremos os resultados obtidos através do catálogo de moedas elaborado. Durante a pesquisa, nos deparamos com algumas dificuldades durante o levantamento monetário realizado que acarretaram a necessidade de aprimorarmos os recortes

escolhidos, para que assim não dispersássemos da proposta e eventualmente prejudicássemos o resultado. Assim, trabalhamos estritamente com a iconografia de Atena e seus atributos característicos, representados em moedas emitidas pela Magna Grécia, que circularam no período entre os séculos V e IV a.C., explorando a helenidade expressa através dessas representações e sua atuação no “mundo grego”.

Portanto, na redação desta dissertação exploraremos nosso tema de pesquisa e exibiremos como foi o processo de construção do catálogo de moedas aqui exposto, o qual servirá como base para a interpretação dentro da temática proposta. Estudar a representação de Atena nas moedas da Magna Grécia, nos séculos V e IV a.C., foi uma forma que pensamos sobre estudar o Ocidente grego como parte da helenidade, já que a moeda funciona como documento oficial da pólis grega e Atena como uma das divindades de maior notoriedade da religião grega.

Capítulo 1. Contextualização Histórica e Espacial

1.1 A Magna Grécia

Para o início dessa pesquisa, pensamos na necessidade de contextualizar historicamente a região estudada, a fim de posteriormente unir com a análise iconográfica do nosso objeto de estudo. Assim, nesse primeiro capítulo discorreremos sobre a Magna Grécia, desde o início de sua ocupação até acontecimentos no recorte temporal inicialmente proposto, séculos V e IV a.C., buscando visualizar as relações políticas e sociais gregas nesse contexto.

O território denominado Magna Grécia (*Megale Hellas*, em grego) corresponde atualmente ao Sul da Itália, e passou a ser ocupado permanentemente pelos gregos a partir do século VIII a.C., com a fundação de Cumas e Pitecusa, na Campânia. Para entender a ocupação grega da região pensamos primeiramente em alguns pontos: 1) Além dos fatores que poderiam atrair os gregos para a própria região, qual(is) seria(m) o(s) motivo(s) que os levaram a sair de sua terra natal; 2) Esse território já era habitado, ponto fundamental na análise dos rumos tomados pelas fundações gregas; e 3) A origem desses gregos que migraram e fundaram as cidades a serem estudadas, e qual a relação que as fundações mantiveram com suas "cidades-mães".

Como a proposta inicial feita para esta dissertação é a compreensão do uso de uma divindade nas emissões monetárias das cidades gregas da Magna Grécia, ao longo da pesquisa percebemos a necessidade de traçar alguns pontos fundamentais para nosso segmento de análise. Para buscar motivações por trás do uso da imagem de Atena nas moedas, previamente precisamos compreender estruturalmente a região, e traçar suas relações humanas interna e externamente, através da História regional.

Portanto, a partir desses pontos levantados, iniciaremos com a ocupação efetiva do território pelos gregos. O período entre os séculos VIII e o VI a.C. é marcado pela migração grega e a fundação de novas cidades no Ocidente, esses gregos partiram majoritariamente das ilhas do Egeu e da costa da Ásia Menor, atual Turquia (CERCHIAI; JANNELLI; LONGO, 2002, p. 20). Entretanto, isso não implica que a região era desconhecida ou não frequentada anteriormente pelos gregos, pelo contrário. É a partir desse momento que as relações com a

Esse contato prévio, mesmo em âmbito comercial, demonstra que os gregos não partiram rumo ao desconhecido, e que inclusive as relações anteriores provavelmente foram um dos motivos externos para a emigração. Outro fator externo notável seria a busca por metais, o que pode explicar as primeiras fundações na região da Campânia, que aliada aos resultados das trocas comerciais foram igualmente fundamentais. Essas atividades foram possíveis em consequência da fragmentação do mundo indígena e, conseqüentemente, da ausência de um sistema econômico organizado (D'AGOSTINO, 2006, p. 215).

A exata motivação que fundamentou a migração maciça para o Ocidente nunca saberemos, entretanto, notamos que em curto período o local se tornaria próspero economicamente e exerceria grande influência nas comunidades vizinhas, como a Sicília, e na Grécia em geral. Um dos maiores demonstrativos dessa prosperidade é justamente o início da emissão de moedas pelas cidades locais, a partir do século VI a.C. (RUTTER, 2001, p. 3), a disseminação precoce e muito rápida do comércio baseado em cunhagem de moedas, precisamente na região, é um reflexo de seu potencial econômico (FUNKE, 2010, p. 155).

É interessante notarmos que as *apoikias*² foram fundadas por gregos provenientes de outras regiões do Mediterrâneo, mas que posteriormente as cidades locais passam a expandir territorialmente e a estabelecerem novas cidades, que chamaremos de sub-fundações, implicando também no sucesso da ocupação local.

Tabela 1 - Data e origem das *apoikias* gregas fundadas na Magna Grécia.

Fundação	Cronologia (a.C.)	Origem
Pitecusa	770-60	Cálcis e Erétria (Eubéia)
Cumas	750	Cálcis e Erétria (Eubéia) ou Kyme e Erétria (Eubéia)
Régio	730-20	Cálcis (Eubéia)
Síbaris	720-10	Acaia (Peloponeso)
Crotona	708	Acaia (Peloponeso)
Caulônia	final século VIII	Acaia (Peloponeso)

² "Cidade fundada por grupo de imigrantes gregos, sobretudo a partir do século VIII a.C. As *apoikias* mantinham relação religiosa e moral com as cidades que as haviam fundado mas eram completamente independentes do ponto de vista político e econômico". Definição dada ao termo pelo Labeca (Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga, MAE-USP). Disponível em <<http://labeca.mae.usp.br/pt-br/glossary/>>. Acesso em: dez-2017.

Tarento	706-05	Esparta
Síris	690-80	Cólofon
Lócris Epizefíria	675-50	Lócrida (Balcãs)
Laos	final século VII	Síbaris
Metaponto	640-30	Aqueus de Síbaris
Posidônia	600	Síbaris
Medma	575	Lócris Epizefíria
Hipônio	início século VI	Lócris Epizefíria
Eleia	535	Foceia
Neápoles	início século V	Cumas
Túrio	444-43	Pan-helênica
Heracléia	433	Túrio e Tarento

Fonte: CERCHIAI; JANNELLI; LONGO, 2002, p. 13, tradução nossa.

Nesse ponto, devemos ressaltar que a expansão territorial grega, no século VIII a.C., é acompanhada pelo processo de configuração e de definição da pólis grega, ambos configuram um processo único de formação do "mundo grego" (MONEDERO, 1993, p. 133). O que podemos compreender disso? Quando falamos sobre a pólis, devemos ir além da estrutura física da cidade grega, mas também entender que esse conceito abrange um modelo político e social. A fundação de cidades gregas em outras regiões do Mediterrâneo, além dos Balcãs e do Egeu, associada à constituição da pólis, mostra como a formação desse "novo" território tinha fundamento político e social, e também estava relacionado à formação de uma identidade grega. Nesta dissertação, como pontuamos anteriormente, não pretendemos falar sobre colonização e colônia pela carga conceitual dos termos em relação aos séculos XV e XVI (vide nota de rodapé 1), portanto recorreremos ao termo grego *apoikia*.

Sobre a expansão grega, devemos entender que a relação entre a cidade fundadora e a *apoikia* possui um caráter ambíguo, de acordo com Adolfo Domínguez Monedero “de um lado existia o reconhecimento formal, de ambas as partes, da independência política uma da outra, por outro lado, esse fato se origina graças ao sentimento de um vínculo imaterial que une ambas” (1993, p. 118, tradução nossa). Com relação a esse vínculo imaterial, apontamos, por exemplo, a ligação da expansão no Mediterrâneo com o Oráculo de Delfos e a adoção da pólis como modelo político, ou seja, mesmo migrando e não mantendo vínculo formal; essas fundações tinham forte relação com o ideal grego, baseadas em seu histórico de formação.

O processo de extensão territorial grego e a formação da Magna Grécia mostram, portanto, que a relação entre as fundações, as *apoikias*, e as "cidades-mães" era econômica e politicamente independente, mas ainda sim mantinham-se vínculos em diversos fatores, principalmente quando pensamos sobre identidade. A região obviamente possui, entretanto, singularidades que são fundamentais na sua formação. Em *A Companion to the Classical Greek World*, Peter Funke aponta que a localização geográfica da Magna Grécia era como um "ponto de encontro" entre gregos, fenícios (cartagineses também) e as populações nativas, inclusive os conflitos regionais por território levaram a um clima constante de insegurança política e instabilidade (2010, p. 157).

A adoção da pólis como modelo político expressa a transformação nativa ocorrida após a ocupação grega, assim como também a emissão de moedas. Apesar de termos notado a existência de moedas contendo a representação de Atena emitidas por parte das comunidades indígenas locais³, optamos por focar apenas as *apoikias* e suas sub-fundações. É importante fazer essa ressalva para explicitar que tal decisão foi baseada em manter o objetivo proposto para essa pesquisa, que é a análise das moedas gregas com imagens de Atena das diferentes *apoikias*.

Quando falamos sobre a Grécia na antiguidade, devemos sempre lembrar que a unidade era mais vinculada com uma ideia de identidade do que com o território e fronteiras, como os Estados modernos. Ainda que a extensão territorial ocupada pelos gregos fosse muito vasta, as diferentes cidades mantinham traços culturais que revelavam sua identidade helênica. No interior dessa identidade podiam aparecer traços locais como os dialetos, costumes, alguns cultos, mas a helenidade vinha sempre preservada. A emissão de moedas é um elemento desta helenidade.

Vimos que as *apoikias* na Magna Grécia possuíam variadas origens e que, na antiguidade, o ser grego não estava necessariamente ligado a um território. Em sua palestra *Quem Eram Os Gregos*, Jonathan Hall discorre sobre a formação da ideia do ser grego:

Aparentemente, há poucos grupos étnicos através da História que não tenham expressado sua auto-consciência comum por meio de um nome coletivo. A razão disto não é difícil de determinar. A etnicidade depende de categorização,

³ No levantamento realizado, evidenciamos a presença de moedas com o tipo de Atena na região da Apúlia em *Arpi*, *Caelia*, *Rubi* e *Teate*; em *Bretti* na região de Bruttium e em *Allifae*, *Campani*, *Hyria*, *Nola* e *Phistelia* na Campânia. Mais adiante, discorreremos sobre a elaboração final do catálogo apresentado e o porquê as respectivas autoridades emissoras não fizeram parte da análise.

ou seja, da habilidade em dividir o mundo entre 'nós' e 'eles'. E a categorização é muito melhor operacionalizada quando há nomes (2001, p. 216).

Com isso, podemos pensar que possivelmente era mais lógico que as relações humanas fossem facilitadas por meio de uma identificação conjunta, ou seja, a semelhança entre grupos mesmo que geograficamente distantes possibilitava a formação de uma identidade comum que refletia no contato entre eles, desde o âmbito comercial até a religião. Na Magna Grécia, ao observarmos o processo de ocupação grega, vemos também a construção de uma identidade local atrelada àquela mais ampla formada pelas cidades gregas ao longo do Mediterrâneo.

1.2. Do final do século VI ao século IV a.C.

Figura 2 - Mapa das regiões da Magna Grécia.

Fonte: RUTTER, 2001, p. 225, tradução nossa.

Na Magna Grécia, o final do século VI a.C. é marcado por acontecimentos internos que mudariam o curso histórico da região. A ocupação grega e as pólis já estavam consolidadas, eram majoritariamente localizadas ao longo da costa, em torno da hinterlândia indígena. Como dito anteriormente, a Magna Grécia é constantemente marcada por prosperidade econômica, enquanto que simultaneamente por conflitos. Em nossa análise, destacaremos primeiramente as

relações entre as cidades gregas, e as devidas decorrências políticas locais, em seguida veremos como algumas movimentações externas gregas também influenciariam no desenvolvimento regional.

Nosso estudo está delimitado ao chamado Período Clássico pela historiografia grega. A Magna Grécia começa a cunhar moedas no século VI a.C., entretanto observamos em nosso levantamento que a primeira aparição de Atena ocorre no século seguinte (V a.C.). Os séculos V e IV a.C. na Magna Grécia são marcados por profundas mudanças estruturais, parte em decorrência dos conflitos entre as cidades gregas locais e externas, e/ou com os grupos indígenas, como veremos ao longo da análise apresentada no Capítulo 4. Uma característica regional é a ausência de unidade política entre as pólis, pois estas eram autônomas em relação às formas de governos: observamos a existência desde oligarquias, aristocracias até tiranias.

Essa fragmentação histórica, demonstrada pela ausência de um poder único dominante local, levou-nos a propor um panorama geral sobre a História da Magna Grécia, no período de sorte a melhor compreender a veiculação monetária com a imagem de Atena. “Com o fim do arcaísmo e a passagem para o século V a.C., em quase todo o sul da península, há sinais de novas ordens políticas, sociais e culturais, fruto de transformações radicais, considerando a rapidez com que se desdobraram” (GRECO, 2004, p. 211, tradução nossa).

Como observamos, a Magna Grécia já no século VI a.C. é marcada por prosperidade econômica e demográfica, e também por conflitos. Além das fontes históricas primárias, como Tucídides e Estrabão, contamos com a Arqueologia, os vestígios materiais e estratigráficos, para comprovar a sucessão de ocupações, como também o desenvolvimento e o papel das cidades gregas locais. Nessa região e no Ocidente grego como um todo, vemos que ao invés de achar uma reprodução das cidades-mães, observamos uma evolução em paralelo das sociedades urbanas, ocupando a Magna Grécia e a Grécia Balcânica (GRECO, 2006, p. 169).

De início, ao observamos as “sub-regiões” locais, nos séculos V a.C. e IV a.C., novas cidades gregas são fundadas pelas próprias pólis locais, como é o caso de Neápoles e Heracléia, enquanto outras são destruídas por conta de conflitos locais, como Síbaris e Síris. Regionalmente, os conflitos levam a criação de ligas, como a Liga Italiota, e a novas fundações, e esses fatos podem ser traçados pelas emissões monetárias locais. Para nossa pesquisa, um dos fatos mais relevantes à nossa análise é a fundação pan-helênica de Túrio em 444/3 a.C., momento em que Atenas torna-se presente com mais força na região.

O tipo monetário ateniense, contendo no anverso Atena e no reverso a coruja (símbolo atribuído à divindade) é amplamente difundido pelo Mediterrâneo, entretanto, seria um equívoco apontar a influência ateniense como o único motivo possível para a emissão de moedas com Atena na Magna Grécia. Outras pólis gregas, como Corinto e Siracusa, também marcaram presença localmente. Mas é posteriormente à chegada ateniense na região que observamos um súbito aumento do uso de Atena como tipo monetário. Então, junto à análise iconográfica monetária, pretendemos também entender o culto a Atena na região, visto que não são poucas as pólis com vestígios de culto à divindade: Eleia, Heracléia, Lócris, Medma, Metaponto, Síbaris, Síris, Posidônia e Tarento, por exemplo.

Figura 3 - Mapa das *apokias* ao longo da costa da Magna Grécia.

Fonte: KRAAY, 1976, p. 348, tradução nossa. Acervo Labeca.

Dadas a amplitude regional e a singularidade histórica de cada pólis, nesse início apresentamos um panorama mais generalizado sobre a Magna Grécia, a fim de nos situarmos geograficamente e cronologicamente, e entendermos o papel da região para a Grécia como um todo, na antiguidade. Evidentemente que, todo o processo de formação local exposto até o momento é fundamental para nossa análise proposta e servirá como base para a leitura das moedas levantadas para tal, como discorreremos no capítulo seguinte.

Capítulo 2. Catálogo de Moedas: métodos de construção e análise

Neste capítulo aprofundaremos o processo de composição do catálogo de moedas, desde o primeiro levantamento e as fontes consultadas até o porquê do formato final. Ao longo da pesquisa deparamos com a necessidade de algumas restrições quanto à abordagem do objeto de pesquisa selecionado, para que não dispersássemos do objetivo proposto. Assim, primeiramente faremos uma exposição sobre o desenvolvimento do repertório, para então compreendermos como os critérios usados servirão para a análise iconográfica final.

Utilizando os catálogos numismáticos físicos e online publicados, montamos o repertório inicialmente a partir dos seguintes critérios: a) autoridade emissora; b) tipo monetário e c) data de emissão. Dentro desse sistema, em seguida foram enumerados metal, denominação e o peso como critérios para formatar o repertório. Para nós, o processo de sistematizar as moedas no formato de um catálogo é essencial; já que assim podemos traçar os elementos iconográficos de Atena adotados pelas pólis gregas da região.

O mundo grego antigo tinha forte relação com sua arte e a representação de sua própria cultura. Atualmente, além das fontes escritas preservadas, a Arqueologia em seu desenvolvimento como disciplina científica proporcionou uma nova forma de pensarmos nos artefatos além da sua morfologia, ou seja, como eles se aplicavam no cotidiano humano do período a ser estudado. Analisar a funcionalidade de determinado objeto dentro de um contexto é buscar compreender não somente seu uso, mas também sua influência nas relações humanas de um período.

A moeda cunhada desde seu surgimento mostrou-se como um suporte iconográfico de alta capacidade de circulação, e, portanto, de alcance. Esse fato nos aponta primariamente a alta relevância da iconografia monetária nesse contexto. A analogia entre moeda e um jornal ou um *outdoor* ilustra a relação das pólis gregas com a emissão monetária, e principalmente com a escolha de uma imagem para figurar esse objeto.

A cunhagem de moedas a partir de moldes individualmente identificáveis, e a sobrevivência de um grande número de moedas tão batidas, permite que a cunhagem seja classificada com mais precisão do que seja possível com qualquer outro artefato antigo. A conexão próxima da moeda com política contemporânea, vida social e econômica a tornam uma fonte de informações sobre o cotidiano que dificilmente podem ser obtidas em outro lugar (KRAAY, 1976, p. 19, tradução nossa).

Sendo assim, quando pensamos na moeda durante a antiguidade, fica evidente que sua função ia além de seu caráter econômico, e esse fato é consumado através da análise iconográfica. O tipo monetário, que seria a imagem gravada nas faces de uma moeda, costuma carregar consigo diversos elementos, desde divindades, heróis, símbolos e também monogramas. Devido ao vasto alcance característico desse artefato, podemos deduzir que a escolha das representações aplicadas nesse objeto estão longe de terem sido feitas arbitrariamente.

Essa escolha estava diretamente relacionada com a autoridade emissora responsável pela fabricação monetária, o que geralmente era determinado por uma pólis. Emitir moedas dava um status político à uma cidade, sendo assim, as imagens ali tinham relação representativa com quem as emitia. Sobre a emissão de moedas, era imprescindível que a respectiva autoridade emissora (a pólis) apresentasse um padrão elevado de poder político e econômico; já que a arrecadação de recursos, comercialização de bens de consumo e o manuseio de um metal precioso para a cunhagem requeria a existência de um componente institucional responsável.

A emissão monetária pelas pólis gregas era geralmente acompanhada pela necessidade da manutenção de atividades que demandavam o uso da moeda. Além do comércio, evidentemente, dentre os eventos que criavam essa necessidade podemos citar a arrecadação de tarifas e impostos, a realização de obras públicas e a guerra como fatores que levavam uma pólis a cunhar suas próprias moedas (FLORENZANO, 1995, p. 223).

A constatação de que as emissões monetárias nas pólis gregas estavam vinculadas diretamente com demandas pontuais – ocasionalmente causas internas – nos auxilia a compreender a variedade de tipos monetários observados nas moedas gregas da antiguidade. Sendo, portanto, a emissão monetária responsabilidade das autoridades emissoras, e a pólis costumeiramente representando seu próprio órgão emissor, cada uma dessas cidades cunhava suas moedas e definia seu tipo monetário a ser utilizado, ainda que nem sempre verifiquemos regularidade.

Entretanto, um dado interessante sobre as moedas é que elas também possuíam uma atribuição mística, ou seja, além dos status políticos e econômicos, ela também estava relacionada às práticas religiosas, fato observado na representação de divindades em suas faces (FLORENZANO, 1999, p. 46). Devemos, neste ponto, destacar a capacidade documental da moeda como objeto de análise. Para os gregos, tratava-se de um objeto utilizado nas interações comerciais entre si e outros povos, e uma forma de representar sua cidade emissora, cultivar os

deuses e disseminar mensagens. Sendo então um artefato funcionalmente eclético, que nos proporciona diversas possibilidades de entender o homem grego e seu cotidiano, durante seu período de circulação. “É ponto pacífico entre os especialistas que as moedas gregas trazem figuras de significado emblemático e heráldico que revelam características específicas do Estado emissor” (FLORENZANO, 1995, p. 224). Ainda sobre os tipos monetários escolhidos para representar as respectivas pólis emissoras, Maria Beatriz Borba Florenzano coloca que:

São representações geográficas ou mítico-religiosas que de uma maneira ou de outra satisfaziam as necessidades do poder político constituído fosse ele democrático, oligárquico, tirânico. Assim, eram escolhidos tipos que simbolizavam a comunidade como um todo, outros que serviam para divulgar o prestígio de governantes únicos e outros ainda que se referiam claramente a grupos pequenos que haviam se instalado no poder da cidade. A moeda, através destas imagens emblemáticas, foi, durante toda a antiguidade, um importante veículo de afirmação política, que ultrapassava os limites mais estreitos do poder emissor e se impunha no mercado diante das outras comunidades, próximas ou distantes (1995, p. 224).

Sendo assim, é implícita a ampla capacidade da moeda grega tanto como objeto do cotidiano da pólis, ao longo da Idade Antiga, e como objeto de pesquisa para a Arqueologia e a Numismática, nos dias de hoje. Em sequência mostraremos o processo de levantamento e elaboração do catálogo de moedas, a partir dos recortes determinados nesse estudo. Para isso, partiremos das fontes consultadas, a criação do banco de dados no *Filemaker*, até o formato final. É importante expor esse processo para que posteriormente, durante a análise iconográfica dessas moedas, o leitor possa visualizar os resultados obtidos através da observação do catálogo monetário elaborado.

2.1. Critérios teóricos e método de elaboração do catálogo

Partindo do fato que as emissões com Atena na Magna Grécia tiveram seu expoente no século V a.C., foi definido que o período a ser estudado seriam os séculos V e IV a.C., já que no século III a.C. as cidades gregas da região sucumbem ao domínio romano⁴. Atena e seus atributos foram bastante representados e difundidos na Grécia Antiga, o que podemos observar claramente no alto número de emissões e variações de sua imagem, como veremos aqui posteriormente.

⁴ Sobre a periodização, algumas moedas têm datação até o ano 300 a.C., ou seja, estendendo a cronologia estabelecida em um ano no século III a.C.; optamos por contabilizar esses tipos monetários para fim de explorarmos mais a temática escolhida, já que tal extensão não seria prejudicial ao resultado, pelo contrário.

Sendo assim, vimos que a Magna Grécia não apresenta uma unidade política, ou seja, torna-se difícil traçar um padrão monetário que corresponda a toda região. Quase como via de regra, as pólis eram as autoridades emissoras, e em alguns casos uma pólis poderia representar a autoridade emissora de mais cidades, como é o caso de Neápolis na Campânia, no século V a.C., observado pelas correspondências estilísticas (GRECO, 2004, p. 220).

A ausência de qualquer estado grego dominante no Sul da Itália teve seu efeito sobre o registro histórico, [...] as cunhagens abundantes e contínuas da área raramente podem ser colocadas em um contexto histórico, de modo que grande parte da cronologia numismática tende a ser vaga e hesitante (KRAAY, 1976, p. 161, tradução nossa).

No início da cunhagem local, em torno de 550 a.C., algumas cidades como Síbaris, Metaponto, Crotona, Caulônia, Posidônia e Eleia utilizaram-se da técnica incusa. O sistema ponderal foi influenciado por Corinto, e o padrão adotado foi o aqueu (estáter com 8g, aproximadamente) (RUTTER, 1997, p. 17). Posteriormente, as moedas cunhadas em ambas as faces dominam as emissões locais, e as autoridades emissoras passam a adotar outros sistemas ponderais. Apesar de não haver um padrão monetário por toda a Hélade, como dito por Mario Gomes Marques, "isto não significa que os Estados mais poderosos não tinham condicionado a preponderância de certos modelos nas respectivas áreas de influência" (1982, p. 35).

Entretanto, como veremos adiante, a abundância apontada sobre as emissões da Magna Grécia e a dificuldade em contextualizá-las historicamente serão fatores determinantes no processo da pesquisa. Ao elaborarmos o catálogo aqui exposto notamos considerável diversidade quanto aos valores ponderais adotados e inclusive nas próprias variações estilísticas percebidas nas representações de Atena e/ou seus atributos, adotadas pela região. Essa constatação nos chamou a atenção para a questão da delimitação da abordagem pensada, fator que discorreremos ao longo deste capítulo.

Sendo assim, o levantamento foi feito regionalmente dentro da Magna Grécia: na Apúlia, Bruttium, Calábria, Campânia e Lucânia; nas pólis gregas e suas fundações, sendo relacionadas moedas contendo Atena e/ou seus atributos representados nas faces (anverso e/ou reverso), que foram emitidas e circularam no período entre os séculos V e IV a.C.

2.1.1. Catálogos consultados e criação do banco de dados

Por ter sido uma região de rápida ascensão e crescimento, o que inclusive é demonstrado pela quantidade de emissões monetárias, temos uma vastidão de catálogos de moedas da Magna

Grécia, que classificaram e disponibilizaram diversas coleções e acervos de colecionadores, museus e outros. Além dos catálogos impressos, atualmente contamos também com alguns bancos de dados virtuais, como o MANTIS⁵, elaborado pela *American Numismatic Society*. Para essa pesquisa, consultamos os que estão relacionados na tabela seguinte:

Tabela 2 - Catálogos monetários consultados.

Online	<i>MANTIS - The American Numismatic Society collections database</i> < http://numismatics.org/search/ >
	<i>Sylloge Nummorum Graecorum</i> < http://www.sylloge-nummorum-graecorum.org/ >
	<i>Magna Graecia Coins</i> < http://www.magnagraecia.nl/coins/home.html >
Impressos	SYLLOGE NUMMORUM GRAECORUM - <i>Grèce Collection Réna H. Evelpidis. Part. 1, Italie, Sicile, Thrace</i>
	SYLLOGE NUMMORUM GRAECORUM. <i>The Collection of The American Numismatic Society. Part 2, Lucania</i>
	SYLLOGE NUMMORUM GRAECORUM. <i>The Royal Collection of Coins and Medals, Danish National Museum. 1, Italy, Sicily</i>
	SYLLOGE NUMMORUM GRAECORUM. <i>The John Morcom Collection of Western Greek Bronze Coins</i>
	RUTTER, N.K. <i>Historia Numorum Italy</i>

Procuramos levantar o maior número possível de moedas ao nosso alcance, para que assim fosse elaborado um vasto repertório dentro do que foi proposto, o que enriquece a pesquisa e nos permite refletir melhor sobre a temática. Ao buscarmos nas fontes acima,

⁵ Disponível em < <http://numismatics.org/search/>>. Acesso em: 2018.

percebemos a necessidade de criarmos um banco de dados para organizar todo o levantamento de moedas que utilizaríamos para essa pesquisa. A extensa quantidade de moedas que lidamos nos fez optar por elaborar o catálogo final numerando os tipos monetários, ao invés de quantificar cada uma das moedas, já que o objetivo é analisar a iconografia de Atena, e não necessariamente traçar cada uma das emissões locais.

Utilizando o *FileMaker*⁶, criamos então uma relação das moedas levantadas, a fim de posteriormente colocá-las no formato previsto para o catálogo. No início da pesquisa, foram levantadas todas as moedas dentro do contexto, ou seja, além das emitidas pelas *apoikias* e suas sub-fundações, também aquelas batidas por cidades indígenas locais. Além disso, notaram-se algumas moedas emitidas ainda no século IV a.C. mas que circularam até o início do século III a.C. Entretanto, dado o tamanho que o repertório tomou e todas as mudanças necessárias para estender localmente e cronologicamente nosso objeto, decidiu-se por mantermos o foco original, para assim continuarmos no propósito da pesquisa.

Figura 4 - Relação de moedas no banco de dados, no *FileMaker*.

Região	Imagem	Referência bibliogr.	Autoridade emissora	Cronologia	Descrição	Observações	Anverso	Reverso
Bruttium	⦿	http://www.	Crotona	400-385 a.C.	Anv.: cabeça Atena à	Bronze		
Bruttium	**	http://www.	Crotona	400-301 a.C.	Anv.: cabeça Atena à	"suth" (?) prata		
Bruttium	⦿	http://www.	Crotona	320-300 a.C.	Anv.: cabeça Atena à	Dracma de bronze		
Bruttium	⦿	http://www.	Crotona	420-316 a.C.	Anv.: cabeça	bronze		
Bruttium	**	http://www.	Crotona	370-300 a.C.	Anv.: cabeça	meia ou terço de		
Bruttium	⦿	http://www.	Crotona	420-316 a.C.	Anv.: cabeça Atena à	bronze		
Bruttium	⦿	http://www.	Crotona	400-316 a.C.	Anv.: cabeça Atena à	bronze		
Campania	⦿	http://www.	Cumae	c. 475 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR didracma			
Campania	**	http://www.	Cumae	c. 475 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR óbolo			
Campania	**	http://www.	Cumae	c. 465/460-421 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR óbolo			
Campania	⦿	http://www.	Cumae	c. 420 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR didracma			
Lucania	⦿	http://numismatics.	Heracleia	370 - 350 a.C.	Anverso: cabeça	Estátér de prata		
Lucania	⦿	http://numismatics.	Heracleia	410 - 390 a.C.	Anverso: cabeça	Estátér de prata		
Lucania	⦿	http://www.	Heracleia	432-420 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR estátér			
Lucania	⦿	http://www.	Heracleia	420/415-390 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR estátér			
Lucania	⦿	http://www.	Heracleia	420/415-390 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR estátér			
Lucania	⦿	http://www.	Heracleia	420/415-390 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR estátér			
Lucania	⦿	http://www.	Heracleia	420/415-390 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR estátér			
Lucania	⦿	http://www.	Heracleia	420/415-390 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR estátér			
Lucania	⦿	http://www.	Heracleia	350 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR estátér			
Lucania	⦿	http://www.	Heracleia	433-400 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR estátér			
Lucania	⦿	http://www.	Heracleia	350 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR estátér			
Lucania	⦿	http://www.	Heracleia	390-340 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR estátér			
Lucania	⦿	http://www.	Heracleia	390-340 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR estátér			
Lucania	⦿	http://www.	Heracleia	432-420 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR diobol			
Lucania	⦿	http://www.	Heracleia	433-330 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR diobol			
Lucania	⦿	http://www.	Heracleia	433-330 a.C.	Anv.: cabeça de AtenaAR diobol			
Bruttium	⦿	http://www.sylloge-	Hipponium	350 - 301 a.C.	Anv.: cabeça Atena à	AR estátér		
Bruttium	⦿	http://www.	Locri	325 - 317 a.C.	Anv.: Pegasus	AR estátér		
Bruttium	⦿	http://www.	Locri	325 - 317 a.C.	Anv.: Pegasus	AR estátér		
Bruttium	⦿	http://www.	Locri	325 - 317 a.C.	Anv.: Pegasus	AR estátér		

2.1.2. Critérios de classificação

Seguindo o propósito da pesquisa, elencamos os principais critérios que nos guiaram na execução do catálogo. Desse modo, foram elaboradas fichas descritivas para cada moeda no

⁶ O *FileMaker* é um sistema de banco de dados relacional comum, desenvolvido pela *Apple*, com interface personalizada de acordo com as necessidades do usuário.

FileMaker. Pensando então que utilizamos as regiões da Magna Grécia, como exposto anteriormente, para então ordenarmos as moedas, os critérios foram:

- Local de emissão: para nós, reconhecer a autoridade emissora é fundamental, para assim traçarmos junto à análise iconográfica a História local e o culto a Atena.
- Cronologia: através do período de emissão e circulação de um tipo monetário podemos fazer um comparativo aos relatos históricos e outros tipos que circulavam simultaneamente, além de também levantar as variações estilísticas na representação de Atena.
- Metal: apesar da grande maioria das moedas aqui levantadas serem de prata, temos alguns exemplares de bronze e um de ouro (em Tarento: 13a). Evidenciar o metal nos auxilia em compreender a importância de uma emissão e do poder da autoridade emissora.
- Denominação e peso: ao observarmos o sistema ponderal adotado por uma autoridade emissora, podemos analisar suas relações dentro do mundo grego. Além disso, entender também o grau de representação local de cada moeda.

Então, seguindo esse sistema elaborado, montamos fichas catalográficas no *FileMaker*. No banco de dados foram colocadas as moedas levantadas dos catálogos online, e junto aos catálogos físicos pudemos traçar os principais tipos monetários relacionados a Atena e seguir os critérios expostos acima. Em sequência, segue o modelo elaborado para as fichas, expressado por uma emissão de Túrio (tipo 41c):

Figura 5 - Modelo de ficha catalográfica.

Catálogo

Arquivo Editar Exibir Inserir Formatar Registros Scripts Ferramentas Janela Ajuda

108 Total (Classificado) Registros

Mostrar tudo Novo registro Excluir registro Buscar Classificar Compartilhar

Layout: Catálogo_1 Exibir como: Visualização

Região: Lucania

Referência bibliográfica: <http://numismatics.org/collection/1957.172.332?lang=pt>

Autoridade emissora: Túrio

Cronologia: 440 - 435 a.C.

Descrição: Anverso: cabeça Atena vestindo capacete Ático, decorado com um ramo de oliveira
Reverso: touro andando virado para esquerda, letra pi abaixo, no exergo: peixe

Observações: Estáter de prata
7.9 g
SNGANS: 2.878

Imagem

Infos

Silver Stater, Thurium, 440 BC - 435 BC. 1957.172.332

Physical Description

Axis: 11

Musclements: 1.8

Typological Description

Obverse Type: [head](#)

Date Range

From Date: 440 BC

To Date: 435 BC

Denomination: [Stater](#)

Manufacture: [Greek](#)

Material: [gold](#)

Obverse

Legend: [head](#)

Geographic

Mark: [Thurium](#)

Region: [Lucania](#)

Map

References

Reference: [SNGANS 2.878](#)

Citation: [SNGANS 2.878](#)

Administrative History

Inventory: 1957.172.332

Department: [Greek](#)

Collection: [American Numismatic Society](#)

Provenance

Previous Collection: [Hill, H.](#)

Figura 6 - Continuação do modelo de ficha catalográfica.

2.2. Catálogo final

Os métodos de pesquisa e levantamento nos catálogos expostos anteriormente resultaram no corpus documental, o que resultou no nosso catálogo. Optamos por moldá-lo de acordo com os catálogos de moedas nacionais e internacionais, mas ainda assim buscando organizá-lo da melhor forma correspondente à análise iconográfica das representações associadas a Atena.

O processo de montagem do catálogo e todas as etapas expostas anteriormente foram pensados a partir de dois pontos principais: o objetivo proposto nessa pesquisa e a decorrente análise iconográfica. Ao pensarmos sobre Atena, vemos que nas representações dessa divindade ela vem carregada de atributos vinculados à sua pessoa, como o capacete e a coruja, e para além disso, Atena é uma deusa guerreira que representa a sabedoria, a razão, e diversos outros aspectos que discorreremos no próximo capítulo. Além disso, ela também aparece como patrona da cidade de Atenas, como Atena *Polias*, ou seja, era característica sua relação com as cidades gregas (BRANDÃO, 1993, p. 138).

Para então buscar o sentido político, além do religioso, do uso da imagem de Atena, observamos a recorrência do seu uso e sua distribuição espacial, como também as variações presentes em sua imagem. Como dito por Enrica Pozzi Paolini em *La circolazione della moneta ateniese in Sicilia e in Magna Grecia*, observando os centros de difusão desse tipo monetário

podemos traçar as zonas de influência entre as cidades gregas, no nosso caso na Magna Grécia (1969, p. 67). Por esse motivo que a elaboração do catálogo foi fundamental, e seu formato pensado através dos tipos monetários serve melhor a nossa proposta, já que nosso foco é iconográfico.

Como visto no Capítulo 1, a Magna Grécia foi uma área plural quanto à formação, mas que se identificava com o restante do território grego através da adoção de elementos helênicos, como a pólis e a religião grega. Além disso, foi um expoente do comércio mediterrânico na antiguidade. Outra característica intrínseca à região são os conflitos internos e externos: sejam entre as pólis e os grupos indígenas, entre as próprias pólis locais ou de outras áreas do Mediterrâneo. Isso mostra que mesmo compartilhando da identidade, muito provavelmente, dada a série de disputas territoriais e políticas entre essas cidades; as pólis regionais viviam em constante disputa pela hegemonia no território (HANSEN; NIELSEN, 2004, p. 254).

A recorrente hostilidade presente na Magna Grécia implica na importância da auto afirmação das cidades gregas no espaço. Uma forma de evidenciar a interatividade no mundo grego antigo é através de duas correntes lógicas: pensar que por um lado existia um senso comum de individualidade em cada pólis, ao mesmo tempo em que dominava a ideia de pertencimento a algo maior, expressa pelo pan-helenismo. Em relação ao território grego, as *apoikias* encontravam-se em situação delicada, por estarem alocadas geralmente nas fronteiras com o mundo bárbaro elas eram quase que obrigadas a reforçarem sua identidade étnica (FLORENZANO, 1999, p. 45). E uma das formas de reforçar esse senso de pertencimento era batendo moedas.

Ao olharmos para a História da região, notamos que as tensões entre as pólis gregas e os grupos locais indígenas são quase que constantes. Apesar de que possam ser evidenciadas tanto relações pacíficas quanto de conflito, seria o caso de pensarmos se a disputa territorial servia como forma de intensificar tanto a consolidação na presença no território quanto a busca de identificar-se com algo maior, que poderia proporcionar um maior reconhecimento perante o restante das fundações gregas e dos habitantes não-gregos da Magna Grécia.

Sendo assim, através da dimensão que o culto de Atena possuía entre os gregos, podemos considerar que do mesmo modo que essa divindade representava a identificação com a Hélade por parte dos que se enxergavam como parte dela, ela também poderia servir como forma de povos externos relacionarem o uso da sua imagem com o território grego. Pensar a helenidade expressa através da interatividade é um dos caminhos para traçar a relação entre

iconografia de Atena com as relações sociais e políticas, como pretendemos explorar a partir do catálogo.

Com isso, após descrever o processo de levantamento das moedas referidas e a formatação final do catálogo elaborado para essa pesquisa, em sequência apresentamos o resultado obtido. Buscamos por preservar o modelo internacional utilizado pela Numismática, em que primeiro listamos os tipos monetários elencados a partir dos critérios estabelecidos, seguidos pelas pranchas com as imagens das moedas, numeradas de acordo com o respectivo tipo, em escala 1:1 cm. Para a leitura do catálogo, incluimos no início a listagem das abreviaturas utilizadas.

ABREVIATURAS

Anv.	Anverso
AE	Bronze
AR	Prata
AV	Ouro
c.	circa
d.	direita
e.	esquerda
Rev.	Reverso

REFERÊNCIAS

<u>HN</u>	Historia Numorum Italy
<u>MANTIS</u> database	< www.numismatics.org/search/ >
<u>MGC</u> database	< www.magnagraecia.nl/coins/ >
<u>SNG</u> Cop	Sylloge Nummorum Graecorum - The Royal Collection of Coins and Medals, Danish National Museum
<u>SNG</u> database	< www.sylloge-nummorum-graecorum.org/ >
<u>SNG</u> Rená	Sylloge Nummorum Graecorum - Grèce Collection Réna H. Evelpidis

BRUTTIUM

Crotona

1. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático com crista, as vezes KPO

Rev.: galo, QPO

a) c. 425-375 a.C., AE, 6.2-7.5 g

Rev.: coruja à d., asas fechadas, em pé sobre ramo de oliveira KPO

b) c. séc. IV a.C., AE, 2.56 g

Rev.: dois crescentes, KPO

c) c. séc. IV a.C., AE, 2.01 g

Rev.: águia na cabeça de veado, olhando para trás, TPI

d) c. 375-325 a.C., AE, 25.8-27.4 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 174, n. 2210, 2230, 2229 e 2011

2. Anv.: cabeça de Héracles à d. vestindo pele de leão

Rev.: coruja, KPOTΩNIATAN

a) 420-316 a.C., AE, 11.77 g

Ref.: MGC database

3. Anv.: cabeça de Héracles ou deus dos rios Aisaros

Rev.: coruja de pé à e., do lado e. espiga de cevada, KPO

a) c. séc. IV a.C., AR, 2.98 g

Ref.: MGC database e SNG Cop, 1981, n. 1809

4. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete coríntio

Rev.: clava, duas estrelas e KP

a) c. 350-301 a.C., AR dióbolo, 0.84 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 173, n. 2189

Hipônio

5. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete coríntio com aba no pescoço

Rev.: Pégaso voando à e. ou d., abaixo, as vezes, caduceu

a) c. 350-301 a.C., AR estáter (coríntio), 8.4 g

Ref.: SNG database e Rutter, HN, 2001, p. 175, n. 2242

Lócris

6. Anv.: Pégaso à d. ou à e., abaixo ΛΟ, ΛΟΚ ou sem inscrição, às vezes rédea e/ou símbolos: trovão ou caduceu abaixo

Rev.: cabeça de Atena à d. ou e., com capacete coríntio com aba no pescoço, variações de símbolos e inscrições: trovão, águia e/ou caduceu atrás; ΛΟΚΡΩΝ, ΛΟ ou ΛΟΚ, as vezes na aba no pescoço, Μ

a) c. 330-310 a.C., AR estáter, 8.21-8.70 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 180, n. 2336-2342

7. Anv.: cabeça de Atena à e., com capacete coríntio com aba no pescoço, ΛΟΚΡΩΝ

Rev.: Pégaso à e., abaixo trovão

a) c. 317-310 a.C., AR estáter, 8.545 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 180, n. 2344

Medma

8. Anv.: Pégaso à e., as vezes abaixo ME ou MK

Rev.: cabeça de Atena à e., com capacete coríntio, as vezes abaixo do pescoço Μ

a) c. 350-320 a.C., AR estáter (coríntio), 8.50-8.68 g

Ref.: SNG Cop, 1981, n. 1899, MGC database e Rutter, HN, 2001, p.184, n. 2424-2425

Régio

9. Anv.: Pégaso à e., as vezes H abaixo

Rev.: cabeça de Atena à e., com capacete coríntio, lira à d.

a) c. 415-387 a.C., AR estáter, 8.02-8.45 g

Ref.: SNG Cop, 1981, n. 1938 e Rutter, HN, 2001, p. 189, n. 2507

CALÁBRIA

Tarento

10. Anv.: cabeça de Atena à direita sem capacete, sobre a égide

Rev.: clava e arco cruzados ou cântaro, as vezes acima TA; cinco grânulos

a) c. 450-380, AR óbolo

Ref.: Rutter, HN, 2001, p. 95, n. 858-859

11. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático com crista, decorado com Scylla

Rev.: Héracles ajoelhado ou em pé, estrangulando leão, as vezes clava e/ou étnico no campo

a) c. 380-325 a.C., AR dióbolo, 1.16 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 98, n. 909-914

12. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático com crista, decorado com hipocampo

Rev.: Héracles à e., sentado em rocha coberta com pele de leão, as vezes segurando clava

a) c. 380-325 a.C., AR dióbolo, 0.90 g

Ref.: MGC database

13. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete coríntio com crista

Rev.: Taras (?) com tridente, em biga à d.; acima estrela, abaixo golfinho

a) c. 302 a.C., AV terço-estáter

Ref.: Rutter, HN, 2001, p. 100, n. 956

CAMPÂNIA

Cumas

14. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete coríntio, as vezes KVME ou KVMAION

Rev.: caranguejo e mexilhão

a) c. 475-460/55 a.C., AR didracma (ático ou focu), 8.38 g

Rev.: mexilhão, KVME, KV ou KVMAION

b) c. 475-421 a.C., AR óbolo, 0.39-0.85 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 66-67, n. 517, 524-525, 527 e 529

15. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático laureado

Rev.: mexilhão e símbolo, KVMAION

a) c. 420-385 a.C., AR didracma, 7.55 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 67, n. 531

Neápolis

16. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete coríntio, ΝΕΟΠΟΛΙΤΙΚΟΝ ou abreviações (NEO, NE ou N)

Rev.: touro com rosto humano à d. ou à e., as vezes coroado por Nike, acima ou no exergo, símbolo; ΝΕΟΠΟΛΙΤΕΣ, -ΗΣ, -ΑΣ, -Η, ou abreviação

a) c. 450-420 a.C., AR didracma

Rev.: Mexilhão, acima N

b) c. 450-420 a.C., AR óbolo

Rev.: dianteira de touro com rosto humano, NEO

c) c. 450-360 a.C., AR óbolo, 0.54-0.64 g

Ref.: MGC database; SNG Réna, 1970, n. 52 e Rutter, HN, 2001, p. 68-69, n. 547-549

17. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático laureado com crista

Rev.: touro com rosto humano à d. ou à e., ΝΕΠΟΛΙΤΗΣ ou variação, as vezes cornúpetas

a) c. 440-400 a.C., AR didracma, 7.44-7.51 g

Rev.: dianteira de touro com rosto humano à d., ΝΕΠΟΛΙΤΟΝ ou abreviações

b) c. 440-400 a.C., AR óbolo, 0.52-0.67 g

Rev.: touro com rosto humano à d., abaixo M e pássaro, (Κ)ΑΜΠΑΝΟ ao contrário

c) c. 400-380 a.C., AR didracma, 7.27 g

Ref.: MGC database, SNG Cop, 1981, n. 381-384 e Rutter, HN, 2001, p. 69, n. 554 e 557

LUCÂNIA

Eleia

18. Anv.: cabeça de ninfa à d. ou e., as vezes cabelo enrolado ou com rede

Rev.: coruja em pé, as vezes sobre ramo de oliveira e/ou asas abertas, ΥΕΛΗ

a) c. 465-440 a.C., AR dracma, 3.91 g

b) c. 465-440 a.C., AR dióbolo

c) c. 465-440 a.C., AR óbolo, 0.59 g

d) c. 440/35-400 a.C., AR dracma, 3.91 g

e) c. 440/35-400 a.C., AR dióbolo, 1.01 g

f) c. 440/35-400 a.C., AR óbolo, 0.53 g

g) c. 425-390 a.C., AE, 2.17 g

h) c. 400-365 a.C., AR dióbolo, 0.82 g

i) c. 340-344 a.C., AR dióbolo, 0.95 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 118-121, n. 1265-1267, 1272-1274, 1288 e 1320

19. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático, ao lado (possivelmente) cobra arqueada subindo pela cabeça

Rev.: coruja em pé, ramo de oliveira à e., ΥΕΛΗ

a) c. 440/35-400 a.C., AR dracma, 3.86 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 118, n. 1268

20. Anv.: cabeça de Atena à e., com capacete ático laureado com crista, as vezes cabeça de ganso em frente ao visor

Rev.: coruja, ΥΕΛΗ à e.

a) c. 440/35-400 a.C., AR dracma

Rev.: leão abatendo veado, olhando para trás ou andando à d., as vezes abaixo Λ, Ν ou ΚΕ, ΥΕΛΗΤΩΝ

b) c. 440/35-400 a.C., AR didracma, 7.77-7.83 g

c) c. 334-300 a.C., AR didracma, 7.61 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 118 e 120, n. 1269, 1297-1298

21. Anv.: cabeça de Atena à d ou à e., com capacete ático com crista decorado com grifo, as vezes palmeta na aba do pescoço e/ou monograma

Rev.: leão abatendo veado ou andando à d., YEΛHTΩN ou coruja acima e/ou no exergo

a) c. 440/35-400 a.C., AR didracma, 7.83 g

b) c. 400-365 a.C., AR didracma, 6.72-7.70 g

c) c. 365 - 340 a.C., AR estáter, 7,57 g

d) c. 340-334, AR didracma, 7.6 g

Anv.: cabeça de ganso em frente ao visor

e) c. 334-300, AR didracma

Ref.: MGC database, MANTIS database e Rutter, HN, 2001, p. 118-119, n. 1271, 1279-1287 e 1289-1290

22. Anv.: cabeça de Héracles à d., com pele de leão

Rev.: coruja, YEΛH

a) c. 425-390 a.C., AE, 1.5-4 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 121, n. 1321-1324

23. Anv.: cabeça de Atena 3/4 de frente, com capacete frígio, KAEYΔΩPOY

Rev.: leão à e., roendo presa, KE entre as pernas, no exergo YEΛHTΩN

a) c. 350 - 340 a.C., AR estáter, 6,16 g

b) c. 334-300 a.C., AR didracma, 7.61 g

Ref.: MANTIS database, MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 120, n. 1295

24. Anv.: cabeça de Atena à e., com capacete frígio com crista decorado com centauro, KE atrás

Rev.: leão à e., com pata da frente levantada ou dilacerando presa à d., acima círculo concêntrico, Φ entre pernas, no exergo YEΛHTΩN

a) c. 334-300 a.C., AR didracma, 7.40 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 119-120, n. 1291-1294 e 1296

Heracleia

25. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático decorado com hipocampo, as vezes com asa curvada

Rev.: Héracles de joelhos ou em pé, lutando com leão, variações de étnicos ou sem legenda

a) c. 433-330 a.C., AR dióbolo, 1.14 g

b) c. 432-420 a.C., AR dióbolo, 1.02 g

Rev.: clava, clava e concha, ou arco e clava; as vezes Σ e Φ entre os pés ou Σ ao contrário atrás

c) c. 420/415-390 a.C., AR estáter, 7.90 g

Ref.: Rutter, HN, 2001, p. 125-126, n. 1360, 1363, 1371-1372 e 1379

26. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático decorado com Scylla, as vezes abaixo ΓΟ, ΑΡΙΣΤΟΞΕ[ΝΟΣ] na base da crista do capacete ou atrás A

Rev.: Héracles de joelhos ou em pé, lutando com leão, as vezes segurando clava; no campo clava, concha, arco e aljava ou espiga de milho; ἩΡΑΚΛΗΙΩΝ, na linha do chão ΕΥΦΡΟ ou ΑΡΙΣΤΟΞΕ

a) c. 433-330 a.C., AR dióbolo

b) c. 420/415-390 a.C., AR estáter, 7.43-7.74 g

Rev.: pele de leão à e., Nike o coroador à e., no campo, EY, Σ ou E
c) c. 340-330 a.C., AR dióbolo, 0.98 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 125-126, n. 1364-1365, 1369-1370, 1373-1374

27. Anv.: cabeça de Atena, laureada sobre a égide

Rev.: Héracles sentado à e. em rocha, escifo à d., abaixo clava e concha na rocha, ΗΡΑΚΛΕΙΩΝ
a) c. 432-420 a.C., AR estáter, 7.53 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 125, n. 1362

28. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático decorado com grifo, embaixo Σ

Rev.: Héracles de joelhos ou em pé à d., lutando com leão; as vezes segurando clava ou no campo clava, aljava e/ou arco; no exergo espiga de cevada, EY ou ΕΥΦΡΟ
a) c. 420/415-390 a.C., AR estáter, 7.96 g
b) c. 390-340 a.C., AR estáter, 7.37 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 125, n. 1366-1368

29. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático decorado com Scylla de braços erguidos segurando diversos atributos (polvo, leme, bastão) ou arremessando pedras, no campo ΑΘΑΝΑΣ, ΕΥΘΥ, ΕΥ, Χ, Δ, Κ e/ou Φ

Rev.: Héracles em pé, estrangulando leão ou coroador por Nike, no campo Α, ΕΡ, ΚΑΛ ou ΑΠΟΛ e/ou símbolo(s) (arco, clava, cântaro, concha), entre as pernas coruja ou escifo;
 ΗΡΑΚΛΗΙΩΝ, ΗΡΑΚΛΕΙΩΝ
a) c. 390-340 a.C., AR estáter

b) c. 340-330 a.C., AR dióbolo, 0.98 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 126, n. 1376-1378 e 1381

30. Anv.: cabeça de Atena, 3/4 de frente para d., com capacete ático, as vezes coruja à d. ou lança

Rev.: Héracles em pé à d., lutando com leão, símbolos (clava e arco), ΗΡΑΚΛΗΙΩΝ ou ΗΡΑΚΛΕΙΩΝ
a) c. 390-340 a.C., AR estáter, 7.48-7.74 g
Rev.: *tropaion*, Ηρακλειων à d. ou e.
b) c. 330-328 a.C., AE, 2.38-2.73 g

Ref.: MGC database, Rutter, HN, 2001, p. 126, n. 1375 e SNG Cop, 1981, n. 1136-1137

31. Anv.: dianteira de um cavalo à d.

Rev.: coruja sobre raio
a) c. 330-328 a.C., AE, 2.03 g

Ref.: SNG Cop, 1981, n. 1133

32. Anv.: duas figuras de Héracles à e., com clava, pele de leão e pátera, abaixo ΗΡΑΚΛΕΙΩΝ

Rev.: Atena à e., sacrificando sobre altar, escudo e tocha à d.
a) c. 330-328 a.C., AE, 6.32 g

Ref.: SNG Cop, 1981, n. 1138

33. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete coríntio com crista

Rev.: divindade marinha (Glaucos?), armado com capacete, escudo e lança, ΗΡΑΚΛΕΙΩΝ
a) c. 330-328 a.C., AE, 2.20-2.37 g

Ref.: SNG Cop, 1981, n. 1141-1142

Laos

34. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete coríntio

Rev.: dois pássaros à e., acima à d. duas estrelas

a) c. segunda metade séc. IV a.C., AE, 3.43 g

Ref.: Rutter, HN, 2001, p. 178, n. 2308

Metaponto

35. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete coríntio

Rev.: espiga com folha à d. ou grão de cevada, as vezes símbolo; à e.; M]ET[-], MET 1, MET-TEI, M-E e/ou T-PI

a) c. último quarto séc. V - metade séc. IV a.C., AE, 1.8-4.2 g

b) c. 350-340 a.C., AE, 3.7 g

Ref.: Rutter, HN, 2001, p. 139, n. 1646 e 1653 e MGC database

36. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático com crista

Rev.: espiga de cevada, MET 1

a) c. 350-340 a.C., AE, 4.2 g

Ref.: MGC database

Posidônia

37. Anv.: cabeça de Atena à d. ou e., com capacete coríntio

Rev.: tridente

a) c. 445-420 a.C., AR hemióbolo

Ref.: Rutter, HN, 2001, p. 110, n. 1126

38. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático laureado com crista

Rev.: Posídon em pé arremessando tridente à d. ou cabeça de tridente, ΠΟΣ(EI) ou ΠΟ, grafia jônica

a) c. 420-390 a.C., AE, 1.8-3.3 g

Ref.: Rutter, HN, 2001, p. 111, n. 1155-1156, MGC database e SNG Cop, 1981, n. 1323

Síbaris (sob influência de Atenas)

39. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático laureado

Rev.: touro com cabeça para trás, no exergo ΣΥΒΑ ou ΣΥΒΑΠΙ

a) c. 446-440 a.C., AR dracma, 2.34 g

b) c. 446-440 a.C., AR trióbolo, 1.14-1.19 g

Rev.: cabeça touro à d., ΣΥΒΑ

c) c. 446-440 a.C., AR trihemióbolo, 0.40 g

Ref.: Rutter, HN, 2001, p. 146, n. 1750-1753, SNG Cop, 1981, n. 1402-1404 e MGC database

Túrio

40. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático laureado, as vezes folha de hera na base ou letra em frente ao visor ou atrás da aba do pescoço

Rev.: touro cornúpeto ou andando à d. ou e., as vezes cabeça para trás, dianteira do touro, perfil ou 3/4 de frente; no exergo peixe, acima ΘΟΥΡΙΩΝ

a) c. 443-400 a.C., AR, 7.62 g

b) c. 443-425/20 a.C., AR di(tri)óbolo, 1.22 g

c) c. 440-435 a.C., AR estáter, 7.9 g

d) c. 440-435 a.C., AE, 3-5.3 g

e) c. 435-410/405 a.C., AE, 1-4 g

- f) c. 433-400, AR distáter/ estáter/ dracma/ trióbolo/ dióbolo
- g) c. 420 a.C., AR estáter, 7.89 g
- h) c. 415 a.C., AE, 10.3 g
- i) c. 415/10-400 a.C., AE, 0.37-5.8 g
- j) c. 400-380 a.C., AR distáter, 15.61 g
- k) c. início séc. IV a.C., AE, 5.02 g

Ref.: SNG database, MANTIS database, MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 147-148 e 154, n. 1757-1780 e 1903-1911

41. Anv.: cabeça de Atena à d. ou e., com capacete ático com crista, decorado com Scylla

Rev.: touro cornúpeto ou andando à d. ou e., no exergo peixe, acima ΘΟΥΡΙΩΝ

a) c. 410-330 a.C., AR distáter, 15.25-15.77 g

Anv.: com letras Φ, Ε ou ΙΣ

b) c. 410-400 a.C., AR distater/ estáter

Rev.: com ou sem nomes, iniciais ou símbolos

c) c. 400-350 a.C., AR estáter/ trióbolo

d) c. início séc. IV a.C., AE, 3 g

e) c. 380-360 a.C., AR distáter, 15.6-15.80 g

f) c. 380-360 a.C., AR estáter, 7.69 g

Rev.: entre as pernas pássaro, no exergo ΜΟΛΟΣΣΟ

g) c. 360-340 a.C., AR estáter, 7.84-7.98 g

Anv.: aba do pescoço decorada com grifo

h) c. 350-300 a.C., AR, 7.61 g

i) c. c. 350-300 a.C., AR distáter/ estáter/ trióbolo

Ref.: MANTIS database, MGC database, SNG database e Rutter, HN, 2001, p. 148, n. 1781-1785, 1797-1869 e 1915

42. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático com crista, decorado com Scylla de braços erguidos

Rev.: touro andando à d. (alguns exemplares têm o nome do magistrado, ΔΑΜΩΝ, entre as pernas do touro), no exergo cobra, acima ΘΟΥΡΙΩΝ

a) c. 390-320 a.C., AE, 35.6-40.45 g

Anv.: na aba do pescoço grifo

Rev.: no exergo caduceu

b) c. 375-300 a.C., AR tetróbolo, 27.19 g

Ref.: MGC database

43. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático com crista decorado com hipocampo, atrás do pescoço Ξ

Rev.: touro cornúpeto à e., acima ΘΟΥΡΙΩΝ, entre as pernas píleo, no exergo peixe

a) c. início séc. IV a.C., AE, 3-7.7g

b) c. 380-360 a.C., AR estáter, 7.93 g

Ref.: MGC database e Rutter, HN, 2001, p. 154, n. 1913-1914

44. Anv.: cabeça de Atena à d., com capacete ático decorado com grifo

Rev.: touro cornúpeto à d., no exergo tirso, acima ΘΟΥΡΙΩΝ ΕΥΙΑ

a) c. 330-300 a.C., AR estáter, 7.82 g

Ref.: MANTIS database

BRUTTIUM

CALÁBRIA

CAMPÂNIA

14b

15a

16c

17a

LUCÂNIA

18a

18i

19a

20b

21a

21e

22a

23a

24a

Prancha III

25c

26b

27a

28a

29a

30a

31a

32a

33a

35b

36a

38a

39a

Prancha IV

40g

41a

42a

43b

44a

2.3. Primeiras leituras e interpretações do catálogo

Ao elaborarmos o catálogo, observamos as seguintes variações estilísticas de Atena em evidência: temos três tipos de capacete; o ático, o coríntio e o frígio⁷ (com rara exceção onde Atena vem representada sem capacete - Tarento: 10a e Heracléia: 27a); e nos elementos decorativos do capacete, podendo ser este laureado, e posteriormente majoritariamente decorados com a ninfa Scylla, o hipocampo e o grifo⁸. Essas foram as primeiras características que, durante o levantamento das moedas estudadas, direcionaram a nossa atenção e a forma como pensaríamos na análise.

Observamos também a variedade de denominações monetárias utilizadas, sendo que em alguns casos o mesmo tipo monetário é emitido em diferentes frações, outro dado levantado é o uso de sistemas ponderais díspares. Sobre esse aspecto, em *The Greek Coinages of Southern Italy and Sicily*, N. Keith Rutter pontua sobre as emissões de Crotona no século V a.C., “os tipos não serviam para distinguir denominações, já que as mesmas denominações empregam vários tipos, e alguns tipos aparecem em mais de uma denominação” (1997, p. 38, tradução nossa).

Mesmo tratando-se de um contexto específico, vemos que essa colocação pode ser aplicada a Magna Grécia de maneira ampla, visto que aparentemente a região não adota um único sistema ponderal simultâneo. O que pode ser interpretado como um reflexo da ausência de unidade política, como discorreremos no Capítulo 1; ou como o efeito da relação entre a cunhagem de moedas e as eventuais necessidades pontuais que levaram a emissão monetária pelas diversas cidades gregas na região e no período estabelecido, mesmo que sem frequência definida.

Optamos por fazer uma breve exposição da diversidade de denominações utilizadas pela Magna Grécia, para assim pensarmos sobre a ambiguidade presente na região, já que ao mesmo tempo que notamos a ação das pólis gregas como parte de um conjunto, expressadas através

⁷ Sobre os modelos de capacete apontados, a identificação de cada um se dá através da própria representação: o ático apresenta o visor curto e costumeiramente levantado, deixando a face exposta; no coríntio o visor cobre o rosto deixando apenas os olhos e parte da boca a mostra (nas moedas de Atena, ele frequentemente aparece colocado na parte superior da cabeça, de forma que o rosto fique descoberto); no frígio aparece uma pequena protuberância acima do visor, na parte frontal. Nos três casos, pode haver a adição da crista.

⁸ Essas são as figuras que aparecem com maior frequência, entretanto devemos apontar que existem também alguns tipos onde o capacete não está decorado ou que apresentam diferentes representações, como alguns exemplares com centauros (Eleia, tipo 24a), por exemplo.

dos traços adotados característicos da helenidade; percebemos a inconsistência no quesito de tratar a região em forma de um sistema coeso. Já que, cada uma das pólis da região, na maior parte do tempo, emitia moedas individualmente e agia como sua própria autoridade emissora.

Tabela 3 - Sistemas ponderais adotados na Grécia Ocidental.

Aqueu	Usado nas <i>apoikias</i> de origem Acaia, o estáter de 8 g foi dividido por três (dracmas) de 2.6 g
Ático	Usado em Atenas e outras autoridades emissoras no Egeu, e na Sicília. A tetradracma de 17.2 g foi dividida em quatro dracmas de 4.30 g
Coríntio	Usado em Corinto, o modelo coríntio também foi cunhado por outras autoridades emissoras gregas. O estáter de 8.6 g foi dividido por três (dracmas) de 2.9 g
Eubóico	Usado na Eubéia e por suas fundações no Norte do Egeu e na Sicília. O estáter de 17.2 g foi dividindo por três (dracmas) de 5.7 g
Foceu/Campânia	Usado em Eleia, Posidônia (até c. 500) e na Campânia. O estáter de 7.5 g foi dividido em três dracmas de 2.5 g

Fonte: RUTTER, 1997, p. 182, tradução nossa (adaptado).

Ainda sobre os sistemas ponderais adotados pela região, a dimensão observada através da elaboração do catálogo demonstra como as pólis atuavam individualmente como respectivas autoridades emissoras. As variações de padrões monetários adotados em um mesmo tipo nos fazem refletir sobre nossa proposta, junto à cronologia dispersa dessas emissões relacionadas a Atena; nas implicações de buscar estabelecer um modelo único iconográfico adotado e disseminado pela Magna Grécia.

Outro quesito evidenciado pelo catálogo é referente aos tipos monetários associados na face oposta à representação de Atena, que aparece no anverso⁹, ou da coruja, carimbada no reverso das moedas. Apesar de encontrarmos emissões dentro dessa tipologia iconográfica (modelo ateniense, como veremos no decorrer da dissertação), a variação de representações levantadas associadas ao tipo de Atena deixa evidente a não existência de um padrão nas

⁹ Foram poucos os casos evidenciados nos quais Atena aparece no reverso: Lócris (tipo 6a), Medma (tipo 8a) e Régio (tipo 9a), em Bruttium; e Heracléia (tipo 32a), na Lucânia.

moedas da região. Muitas vezes, são figuras associadas à respectiva autoridade emissora e, mesmo que possuam alguma associação com a deusa Atena, como é o caso do Héracles que aparece em algumas moedas, é complicado dizer que exista alguma ligação implícita entre os tipos iconográficos impressos em ambas as faces de uma mesma moeda.

Seguindo nossa proposta de pesquisa, como pensamos em uma análise iconográfica para além do viés religioso, mas também político, é necessário traçarmos alguns critérios como forma de guiar nosso estudo. Dada a importância da cronologia na construção do catálogo, como exposto anteriormente, um dos pontos de partida sobre os tipos monetários de Atena e seus respectivos atributos é a recorrência de uso do mesmo, ainda que tenham diferenças estilísticas observadas entre as representações da divindade nas emissões relacionadas. Contabilizamos 44 tipos monetários e um total de 97 emissões¹⁰ entre os séculos V e IV a.C. na Magna Grécia, sendo que¹¹:

Tabela 4 - Quantificação de moedas por região.

	Tipos monetários	Emissões
Bruttium	9	12
Calábria	4	4
Campânia	4	9
Lucânia	27	72
Total	44	97

É possível observarmos uma discrepância considerável entre emissões com Atena na Lucânia em relação a outras regiões. Outro critério colocado em pauta foi que, para além da imagem de Atena, temos também o uso de seus atributos nas moedas, como a coruja. Sendo assim, ao observarmos detalhadamente quantificamos que das 97 emissões contabilizadas, 81 contêm Atena, 13 a coruja e 3 ambas¹²:

¹⁰ Quando aqui dizemos “emissões”, estamos nos referindo ao tipo monetário emitido pelas pólis classificados cronologicamente em nosso catálogo. Entretanto, isto não implica que uma emissão corresponda a uma moeda batida; e sim ao conjunto de moedas emitidas no mesmo período e com o mesmo tipo monetário.

¹¹ A região da Apúlia não apresentou emissões que correspondessem aos nossos critérios estabelecidos, entretanto existem na região moedas com a representação de Atena, apenas não foram relacionadas aqui.

¹² Quando dizemos aqui ambas, nos referimos à imagem de Atena e da coruja, sendo uma delas no anverso e outra no reverso (ou vice-versa), em que aparecem como figura principal nos respectivos tipos monetários. Em alguns casos, a coruja aparece como elemento decorativo em outros tipos monetários,

Tabela 5 - Quantificação da relação de emissões com Atena e/ou a coruja, por região.

	Atena	Coruja	Ambas
Bruttium	9	2	1
Calábria	4	-	-
Campânia	9	-	-
Lucânia	59	11	2
Total	81	13	3

A coruja, apesar de ser utilizada menos que Atena, é mais usada na região da Lucânia, principalmente por Eleia. A recorrência de um tipo monetário, vista a partir dos seus locais de emissão, nos possibilita refletir sobre os possíveis centros de difusão de tal. Além do contexto local, outro ponto em que baseamos nossa análise é na cronologia, visando trabalharmos também com o viés historiográfico dessas moedas, e em decorrência com as questões políticas. Entretanto, como viemos apontando até então, devemos nos atentar à extensa quantidade de moedas batidas e dispersas pela região.

Como o objetivo desta pesquisa é buscar entender, através da veiculação da representação de Atena e seus atributos nas moedas emitidas pela Magna Grécia, parte das relações políticas dessa região e o culto à divindade, elaboramos para essa análise um catálogo monetário que, dentro dos critérios adotados, nos possibilitasse pensar sobre a correspondência entre iconografia monetária e as relações humanas do período. Para tal estudo, como apontamos anteriormente, observar dentro da cronologia e do contexto estabelecidos questões como a recorrência iconográfica serve como um ponto de partida para aprofundarmos nossa análise.

Dessa forma, pensamos em quantificar os tipos monetários para então elaborarmos gráficos a partir dos dados levantados. Portanto, com o auxílio de um método quantitativo podemos visualizar estatisticamente o que nosso levantamento monetário tem a dizer sobre o tema. Vemos em sequência um comparativo entre o uso da representação de Atena e da coruja (sem especificação da face da moeda que cada qual aparece), inicialmente por região da Magna Grécia e por data de emissão (aproximadamente de 50 em 50 anos)¹³.

e por isso contabilizamos, nessa situação especificamente, aquelas em que ela apareça como protagonista da face.

¹³ Nos casos em que aparecem Atena e a coruja, como descrito na nota de rodapé 12, contabilizamos as moedas em ambas as contagens.

Gráfico 1 - Tipos monetários contendo Atena.

Gráfico 2 - Tipos monetários contendo a coruja.

Inicialmente, dentre as primeiras interpretações superficiais que podemos retirar de ambos os gráficos, vemos a primeira aparição do tipo monetário de Atena, na primeira metade do século V a.C., na Campânia. Já na segunda metade do século V a.C. a região da Lucânia teve seu expoente de emissões de todo o período estudado, tanto com Atena quanto com a

coruja. A primeira metade do século IV a.C. apresenta quantidade significativa de emissões, já na segunda metade do século vemos a diminuição de emissões em todas as regiões, menos na Lucânia.

Ao optarmos por um método quantitativo, podemos então pensar nos rumos da análise iconográfica e quais pontos devemos nos concentrar. Nossa intenção é, a partir da interpretação quantitativa dos dados obtidos através da construção do catálogo e do estudo imagético de Atena fazer uma interpretação da relação entre os tipos monetários aqui expostos, a imagem e o culto a Atena com as relações políticas, econômicas e sociais da Magna Grécia. Considerando que, como notamos a partir do catálogo elaborado, a representação de Atena e/ou seus atributos foram amplamente utilizadas nas emissões monetárias da região.

Portanto, não aprofundamos na análise nesse capítulo pois pretendemos posteriormente discorrer sobre Atena, seu significado, atributos e o culto de tal divindade pelos gregos do período. A intenção dessa primeira interpretação foi exibir o processo de criação do catálogo de moedas e a forma em que pensamos na análise iconográfica, indicando então os rumos que pretendemos aqui seguir como guia para a pesquisa.

Capítulo 3. Atena

Dentre as divindades do Olimpo, Atena é uma das que mais se destaca. Ela é conhecida por sua figura atrelada a seus atributos, sendo esses símbolos militares como o capacete, a lança, o escudo; similarmente com símbolos míticos como a égide, a Górgona e a coruja; além de outros que podem aparecer vinculados à deusa em diferentes contextos. O elmo e o escudo trazem seu lado como guerreira, enquanto a égide representa o campo mágico (DEACY, 2008, p. 7). Além disso, Atena carrega consigo diferentes significados, muitas vezes refletidos em seus vários epítetos, que nos auxiliam compreender sua ação enquanto divindade e seu culto pelos gregos.

Ao lançarmos um olhar crítico sobre Atena, para fim de compreender a relação entre ela e os gregos, nos deparamos com uma divindade de múltiplas facetas, mas que sem dúvida exercia enorme influência ao longo do Mediterrâneo. Evidências arqueológicas e históricas nos apontam a disseminação do culto a Atena na antiguidade, e para entendermos seu culto partiremos do fundamental: afinal, quem era Atena?

Para entendermos os significados que Atena tinha para os gregos, nós precisamos encontrar maneiras de nos desfamiliarizarmos com ela. Nossas próprias noções sobre ela precisam ser postas de lado, assim como aquelas que temos sobre a crença e devoção em geral (DEACY, 2008, p. 4, tradução nossa).

Em *Athena*, Susan Deacy assinala que, de acordo com especialistas, uma forma de compreender Atena seria observar sua posição no complexo sistema religioso do Panteão, ao invés de direcionar o olhar para seu culto e pessoa (DEACY, 2008, p. 33). Em outras culturas da antiguidade, anteriores aos gregos inclusive, como o Egito e a Mesopotâmia; existem divindades com traços comuns aos de Atena, sendo levantadas como possíveis fontes para a origem da deusa. Entretanto, ainda que Atena tenha se originado de alguma divindade anterior, ela se desenvolveu de acordo com as eventuais necessidades dos gregos do período (DEACY, 2008, p. 42).

Quanto a seu culto, na religião grega havia o estabelecimento de um vínculo entre as divindades e os praticantes. No culto aos deuses os gregos praticavam sua devoção através de festivais e oferendas (de objetos votivos a sacrifício de animais), visando em troca a garantia de proteção divina. Com Atena, ela se inseria no amálgama do Panteão grego, como pontua Susan Deacy "não havia uma 'religião de Atena' separada" (2008, p. 58, tradução nossa). Nesta etapa, não é nossa intenção trabalhar com todos os diversos aspectos relacionados a Atena, dada

a dimensão e toda a demanda necessária para, mas é essencial uma leitura inicial sobre a divindade aqui estudada, já que nosso foco é analisá-la iconograficamente no contexto determinado.

3.1. Quem era?

Ele da própria cabeça gerou a de olhos glaucos
Atena terrível estrondante guerreira infatigável
soberana a quem apraz fragor combate e batalha.
(HESÍODO, *Teogonia: a origem dos deuses*, v. 924-926)

Atena é constantemente citada e/ou representada ao longo da antiguidade, seja na literatura, vasos e moedas; ela costumeiramente não passa despercebida. Segundo seu mito de nascimento, existia uma predição de que caso a filha de Zeus tivesse um filho, este neto tomaria o poder do avô. Assim Zeus, como forma de driblar o destino engana sua então esposa já grávida, Métis, que possuía a habilidade de transfigurar-se em outros objetos, e ela transforma-se em algo pequeno o suficiente para Zeus engoli-la. De tal modo, ele muda a profecia, já que Atena nasce de sua cabeça (PORTO; CORREIA, 2013, p. 105).

Figura 7 - "Atena emergindo da cabeça de Zeus enquanto Hefesto foge da cena, taça ática de figuras-negras, Londres, British Museum B 424"

Fonte: DEACY, 2008, p. 22, tradução nossa.

Com fortíssima dor de cabeça, Zeus pede a Hefesto que abra sua cabeça com um machado. Com isso, ao abrir a cabeça de Zeus, Atena emerge já adulta e vestida com seus trajes militares típicos e brada um grito de guerra que estremece o céu e a Terra (GRIMAL, 1993, p. 53). Outra versão de seu mito de nascimento coloca que ela nasceu nas margens do Lago Tritônio, na Líbia (BRANDÃO, 1991, p. 136).

Uma das características marcantes de Atena está na forma como se deu sua concepção, por sua singularidade. Alguns afirmam que Zeus concebeu Atena sozinho, mas notamos em seu mito de nascimento que ela literalmente saiu de dentro dele, algo fora da normalidade, e que refletia na relação próxima entre os dois, descrita em diversos mitos gregos. Na *Teogonia*, Atena é a primeira filha de Zeus a ser apresentada, o que pode ser interpretado como um reflexo de sua influência em comparação às outras divindades do Olimpo (PORTO; CORREIA, 2013, p. 105).

Nos diversos estudos realizados sobre Atena até o momento, é sempre levantada sua pluralidade enquanto divindade. Ao mesmo tempo que ela simboliza a bravura e as habilidades guerreiras, ela também está associada à inteligência, à sabedoria e aos trabalhos manuais. Uma das principais características observadas em Atena está no fato dela ser uma divindade multifacetada, o que a torna um objeto de estudo complexo, mas que possibilita uma gama de leituras e interpretações sobre sua atuação.

Deusa guerreira, na medida em que defende "suas Acrópoles", deusa da fertilidade do solo, enquanto Grande Mãe, Atená é antes do mais a deusa da inteligência, da razão, do equilíbrio apolíneo, do espírito criativo e, como tal, preside às artes, à literatura e à filosofia de modo particular, à música e a toda e qualquer atividade do espírito. Deusa da paz, é a boa conselheira do povo e de seus dirigentes e, como Têmis, é a garante da justiça, tendo-lhe sido mesmo atribuída a instituição do Areópago. Mentora do Estado, ela é também no domínio das atividades práticas a guia das artes e da vida especulativa. E é como deusa dessas atividades, com o título de *Εργανη* (Ergane), "Obreira", que ela preside aos trabalhos femininos da fiação, tecelagem e bordado. (BRANDÃO, 1991, p. 138).

Outra discussão envolvendo Atena é relativa à sua ambiguidade do gênero. No mundo grego antigo, os papéis relacionados ao masculino e ao feminino eram relativamente definidos, o que é refletido na divisão espacial das pólis e suas edificações; e inclusive nas atividades cotidianas. Enquanto ao homem cabiam as incumbências civis e militares, a mulher estava associada aos trabalhos manuais e de manutenção da casa (*oikos*, em grego). Entretanto, atualmente, essa visão um tanto quanto dualista dos indivíduos e da sociedade grega tem sido

rediscutida e, sendo assim, nos tem permitido outros olhares quanto ao cotidiano na antiguidade e sobre outros elementos do período, como é o caso da própria religião grega.

Atena em sua figura, com seus aparatos militares por exemplo, e suas diversas atribuições, apresenta características de atuação tanto masculinas quanto femininas. Questionar sobre o gênero enquanto divindade é também uma proposta de reflexão em relação ao seu culto. Ao notarmos essa ambivalência e a quebra do estigma em relação ao papel definido do masculino e do feminino na sociedade grega antiga, podemos também pensar sobre a amplitude de seu culto. Como apontado por Vagner Porto e Larissa Correia no artigo *O simbolismo de Atena: o mito sob o olhar literário de Homero*, "Atena é uma divindade que transita pela esfera do bélico e do racional e também do masculino e do feminino" (2013, p. 111).

"A natureza multifacetada de Atena dificulta que façamos declarações definitivas sobre ela. Ela era, por exemplo, a deusa da guerra, mas também deusa do trabalho das mulheres. Ela era a deusa virgem, mas também figura materna em alguns contextos" (DEACY, 2008, p. 6, tradução nossa). A pluralidade de Atena é evidenciada através de seus distintos epítetos. Como protetora da cidade ela era *Palas* Atena e *Polias*, como *Promakhos* a "campeã", como *Parthenos* a "donzela" ou "virgem", *Higiia* da "boa saúde", Atena *Nike* como deusa da vitória e *Ergane* a "obreira", relacionada aos trabalhos manuais (DEACY, 2008, p. 5); para citar alguns destes epítetos. Ela também era nomeada adjunta de seus atributos, como na *Teogonia* em que Hesíodo a descreve como "Atena de olhos glaucos virgem de Zeus porta-égide" (HESÍODO, *Teogonia: a origem dos deuses*, v. 13), sobre a égide e sendo os "olhos glaucos" referência direta à coruja.

Quando falamos sobre Atena, é quase que impossível não pensarmos em sua pólis homônima, Atenas. Patrona da cidade, disputa com Posêidon a função de protetora e ganha, após a criação da oliveira sagrada na Acrópole (BURKERT, 1993, p. 281). Um dos maiores símbolos da religião grega e de seu culto é o Partenon, templo de Atena *Parthenos* na Acrópole ateniense; esse que além de um marco territorial é a maior representação do culto a Atena na Grécia Antiga. Com o crescente poder da pólis durante o século VI a.C., consequentemente o culto de Atena expandiu-se e isso é evidenciado através da instituição da Grande Panateneia¹⁴ e, posteriormente, no programa de construção da Acrópole (DEACY, 2008, p. 101).

¹⁴ "As Panateneias (do grego: Παναθήναια / *Panaténaia*) eram celebrações sociais e religiosas da cidade de Atenas. O festival Panatenaico era anual e era realizado de 23 a 30 do *Hekatombaión* (do grego: ἑκατομβαιών) - primeiro mês do ano ático, equivalente à segunda metade de nosso corrente mês de

Figura 8 - Reconstituição da procissão panatenaica na acrópole ateniense, logo após o propileu vemos a estátua de bronze da Atena *Promakhos* (obra do escultor grego Fídias, no século V a.C.). À direita da rampa de chegada está o templo dedicado a Atena *Nike*, ao lado direito após o propileu, o Partenon.

Fonte: DODGE; CONNOLLY, 1998, p. 56-57 *apud* NAUSITOO.

Sendo, portanto, o Partenon o maior símbolo do culto a Atena da Grécia Antiga e dado o poder político e econômico de Atenas no período, não é de se espantar que nosso imaginário sobre essa divindade muito provavelmente tenha sua origem nessa cidade. Mesmo com seu culto disseminado por todo o Mediterrâneo, não podemos deixar de citar em nossa pesquisa sobre a estátua do escultor grego Fídias, a Atena *Parthenos*, do século V a.C., por tratar-se de uma obra tão representativa de Atenas e do imaginário grego do período, podemos abordá-la como provável modelo representativo de Atena no contexto.

Ainda que não tenha sobrevivido fisicamente, temos vestígios em fontes escritas e cópias físicas, o que nos possibilita uma noção do culto e da representação de Atena do período em que foi instaurada na Acrópole ateniense, mais especificamente no Partenon. O *Museu*

Julho. A cada quatro anos ocorriam as Grandes Panateneias, que incluíam jogos, rituais, musicais, danças e banquetes e duravam mais dias que as Pequenas Panateneias, realizadas anualmente" (CORREIA; SOUZA, 2015, p. 89).

Arqueológico Nacional de Atenas fornece a seguinte descrição para Atena *Varvakeion*, uma das cópias mais famosas da Atena *Parthenos*:

Estátua da deusa Atena, feita de mármore Pentélico. Encontrado em 1880 em Atenas, perto da escola de *Varvakeion*. Conhecida como a Atena *Varvakeion*, esta estatueta é a cópia mais fiel e melhor preservada da estátua de culto da Atena *Parthenos* por Fídias, que foi erguida no Partenon em 438 a.C. A original, que era aproximadamente doze vezes maior do que a cópia de *Varvakeion*, tinha as partes nuas do corpo feitas de marfim, enquanto o resto da estátua era coberta por folhas de ouro. Atena veste o peplo ático. Seu busto inteiro é coberto pela égide adornada com a Górgona no centro e serpentes ao redor da borda. Em sua cabeça ela veste o capacete ático com três cristas, a do meio como uma esfinge e as laterais como cavalos alados (Pégaso). Na palma da mão direita está Nike prestes a voar. O braço esquerdo repousa sobre o escudo dela. No interior do escudo está Erictônio, enrolado como a serpente sagrada. Traços de tinta vermelha e amarela são preservados em muitas partes da estátua. Altura 1,05 m (NATIONAL ARCHAEOLOGICAL MUSEUM OF ATHENS, tradução nossa).

Figura 9 - Atena *Varvakeion*, datada aproximadamente em 200-250 d.C.

Fonte: disponível em <<https://www.namuseum.gr/en/collection/klasiki-periodos-2/>>. Acesso em: maio de 2019.

Ainda sobre Atenas, como mencionamos anteriormente, um dos maiores festivais religiosos da antiguidade e dedicado à deusa era a Panateneia (como especificado na nota de rodapé 14 desta dissertação). É atribuído a Atena a introdução da confecção do azeite, pelo fato de que Atena presenteou a Ática com a oliveira, sendo, portanto, escolhida como patrona de Atenas por tal ato. Nesses festivais, eram dadas como recompensa aos competidores dos jogos promovidos as chamadas ânforas panatenaicas preenchidas com azeite, que costumeiramente carregavam representações de Atena em sua superfície (CORREIA; SOUZA, 2015, p. 86).

Diversos estudos já foram feitos sobre esses vasos e não temos a intenção aqui de aprofundarmos na iconografia de cerâmicas, o objetivo de abordarmos tal assunto é para demonstrarmos que a imagem de Atena circulava no Mediterrâneo em diferentes suportes imagéticos, e que provavelmente a eventual circulação servia como inspiração artística e religiosa, já que a adoção da iconografia de uma divindade pode ser interpretada como uma forma de invocá-la. Neste caso, abordamos algumas das representações de Atena em Atenas, por seu papel como protetora e patrona, atribuído por sua cidade homônima.

Figuras 10 e 11 - Ânforas panatenaicas de figuras-negras com origem Ática, datadas do início do século V a.C., onde vemos a representação de Atena com seus atributos: capacete, égide, escudo e lança; além de outros elementos decorativos.

Fonte: BRITISH MUSEUM, registro 1842,0728.783 e 1836,0224.193.

Apesar dessa relação com Atenas, era recorrente o acolhimento de Atena como patrona e protetora de outras pólis. Isto é refletido na presença de templos dedicados à deusa em outras cidades gregas, como em Esparta, Mégara, Argos, entre outras (GRIMAL, 1993, p. 53). Ao estudar Atena, é necessário compreender que Atenas agia como um dos epicentros do culto dessa divindade e, portanto, de sua representação, mas que não podemos tomar o modelo ateniense como único no mundo grego antigo. Tal leitura restringe o olhar a um contexto, sendo que nossa intenção é ter uma visão de maior abrangência. Como aponta Susan Deacy, "Longe de interferir na vida religiosa das cidades, Atena era usada para denotar o poder ateniense nos lugares" (2008, p. 124, tradução nossa).

Em relação a Atena, os estudiosos tendem a criticar cada vez mais a tendência tradicional de tomar Atenas como modelo, e começaram a apontar que o papel de Atena em outras pólis gregas poderia ser muito diferente do de Atenas, cuja religião, política e arte formaram nossa ideia da deusa (RITTER, 2001, p. 145, tradução nossa).

Atena é presença recorrente na literatura grega: seja nos mitos, tragédias ou poesias épicas; é notável a influência que ela exercia na sociedade e no imaginário grego do período. Além do seu nascimento, descrito na *Teogonia* de Hesíodo, Atena também aparece na *Ilíada* e na *Odisséia* de Homero, obras consideradas marcos da historiografia e literatura grega. É importante ressaltarmos que nessas obras ela não somente é citada, mas também aparece como divindade atuante para além do místico, ela está diretamente ligada aos rumos tomados pelos indivíduos gregos aos quais ela exercia o papel de protetora, como Aquiles, Odisseu e Telêmaco. Atena aparece como divindade protetora de outros heróis retratados na antiguidade grega, entre eles Hércules, Diomedes, Belerofonte e Perseu.

A imagem de Atena é bastante presente em Homero, tanto na *Ilíada* quanto na *Odisséia*, em Hesíodo a personagem aparece com uma recorrência menor de vezes, mas ainda assim com funções importantes. Na *Teogonia* a presença da deusa se dá primeiramente na introdução do poema, onde o autor cita algumas das personagens míticas às quais o poema é dedicado indicando primeiramente Zeus, depois Hera, em seguida Atena, Apolo, Artemis e etc. (PORTO; CORREIA, 2013, p. 104).

Sua relação com os heróis gregos acentua suas características como divindade protetora, guerreira e igualmente astuta, ao mesmo tempo que quando relacionada às mulheres Atena mostra seu papel como divindade dos trabalhos manuais. "Pensar Atena e o feminino, leva-nos, imediatamente, à questão de que Atena é uma das principais divindades gregas e que ao mesmo tempo é uma divindade feminina" (PORTO; CORREIA, 2013, p. 107).

Na *Ilíada*, ela participa igualmente no combate, ao lado dos Aqueus (desde que Páris, sobre o Ida, lhe recusara o prêmio da beleza, era hostil aos Troianos). Os seus favoritos na Guerra de Tróia são Diomedes, Ulisses, Aquiles, Menelau, etc. Do mesmo modo protege Héracles no combate. Começou, aliás, por o armar no momento em que o herói estava para começar seus trabalhos. [...].

Atena ajudou igualmente Ulisses a regressar a Ítaca. Na *Odisseia*, a sua ação é constante e ela intervém através de metamorfoses, sob a forma de diversos mortais, para prestar assistência ao herói. [...] Esta proteção concedida a Ulisses e a Héracles simboliza a ajuda trazida pelo Espírito à força violenta e ao valor pessoal dos heróis. É por essa razão que Atena é geralmente considerada no mundo grego, e especialmente na sua cidade, Atenas, como a deusa da Razão (GRIMAL, 1993, p. 53).

As fontes escritas gregas nos fornecem a base para observarmos as representações de Atena enquanto divindade junto de seus atributos, elas nos apresentam como se deu o nascimento da deusa e como era sua atuação na Hélade e para os gregos do período, ou seja, nos auxiliam também quanto às questões sobre o culto. Nossa pesquisa visa analisar a iconografia de Atena e seu uso nas moedas, por isso que buscar nas fontes escritas nos permite interpretar as imagens aqui levantadas para além da questão iconográfica, mas também no âmbito de sua inserção no cotidiano do período.

3.2. Atena e a sua imagética nas moedas

Atena em sua pluralidade enquanto divindade possibilita uma variedade de interpretações sobre sua *persona* e seu culto pelos gregos. Os emblemas associados às divindades gregas nos mostram a relação de determinada divindade com o cotidiano do período, e consequentemente com seu culto. "Atributos permitiram aos gregos articularem as características distintivas dos seus deuses. Eles forneciam um meio de expressarem seus poderes de maneiras comunicáveis com os seres humanos" (DEACY, 2008, p. 8, tradução nossa).

Nas moedas aqui levantadas, os atributos que podemos evidenciar são o elmo (suas variações quanto ao modelo e as decorações presentes) e a coruja, que aparece sozinha em alguns casos. Como veremos adiante, as moedas emitidas pela Magna Grécia são majoritariamente carimbadas com o perfil de Atena vestindo capacete, sendo a partir do século VI a.C. e no período Clássico sua representação provavelmente mais disseminada nas moedas gregas. Para realizarmos nossa análise, um dos pontos necessários para tal é investigar a origem e a eventual circulação da iconografia monetária relacionada a Atena, em contexto grego.

A imagem de Atena circulava na Grécia Antiga desde os primórdios da civilização, mas através das evidências percebemos que a iconografia monetária recorrente da divindade começa a circular a partir do século VI a.C., em Atenas. Sobre esse tipo monetário, aquele ateniense contendo Atena no anverso e a coruja no reverso pode ter surgido em torno de 560 a.C., durante a ascensão de Pisístrato, mas provavelmente foi disseminado com seus filhos (DEACY, 2008, p. 101).

Uma das características principais de Atena é seu papel enquanto divindade políade, fato observado pela adoção de sua representação por diversas pólis e pelas nuances em sua imagem por região, como observaremos aqui nas moedas estudadas. Um fato interessante é que a imagem da coruja aparece antes de Atena nas moedas, nas primeiras emissões atribuídas a Atenas, as chamadas *Wappenmünzen* (moedas heráldicas); e posteriormente são cunhadas as moedas com Atena no anverso e a coruja no reverso (tipo monetário conhecido como “corujas”, pelos especialistas), sendo o primeiro grupo dessas emissões datado no último quartel do século VI a.C., por associações em tesouros (FLORENZANO, 2001, p. 205-206).

As primeiras cidades gregas a emitirem moedas na Grécia continental foram Egina, seguida por Atenas e Corinto, por volta da primeira metade do século VI a.C.; fato interpretado a partir de estudos numismáticos e das fontes textuais (FLORENZANO, 2001, p. 208-209). Em Corinto, desde o início da cunhagem, foi estabelecido no anverso dos estáteres a representação do Pégaso (que segundo o mito, com a ajuda de Atena, foi domado por Belerofonte, herói venerado em Corinto). A adição da cabeça de Atena no reverso marca a única grande inovação nas moedas de prata cunhadas por Corinto, sendo apenas um dos modelos monetários adotados pela cidade na segunda metade do século VI a.C., mas não era o único (KRAAY, 1976, p. 80-82).

Figura 12 - Atenas. Tetradracma de prata. 515 - 480 a.C. (*Seltman Group*.Gi, ANS).

Figura 13 - Corinto. Estáter de Prata. 509 - 480 a.C. (*Ravel* 208, ANS).

Fonte: THE AMERICAN NUMISMATIC SOCIETY COLLECTIONS DATABASE, registro 1957.172.1051 e 1921.174.12.

No que diz respeito às estatúas, Stefan Ritter afirma que: “há claramente duas fases para distinguir ambas em Atenas e Corinto. Antes da década de 560 a.C., Atena era normalmente identificada por inscrição e/ou contexto narrativo, enquanto após este ponto ela começou a ser caracterizada pelo capacete, a égide e armas em Atenas, bem como em Corinto” (2001, p. 148, tradução nossa). Enquanto que em Corinto, Atena era retratada sem capacete no período Arcaico; em Atenas o capacete tornou-se atributo comum da deusa por volta de 560 a.C. (RITTER, 2001, p. 146-147, tradução nossa). Essa mudança iconográfica de Atena é evidenciada nas moedas emitidas por ambas as cidades, como relacionamos anteriormente.

Como discurremos no primeiro capítulo, as *apoikias* da Magna Grécia têm origens difusas, mas não estão desassociadas da Grécia continental. Quando traçamos as emissões da região, buscamos evidenciar relações políticas através de possíveis influências tipológicas. É evidente que as representações de Atena podem nos fornecer tal informação, mas que não podemos assumir tal significação para todas as emissões contendo a imagem da divindade. Pode-se dizer que uma das atribuições das imagens monetárias na Grécia Antiga era a de propiciar o afastamento do mal fazendo da moeda um objeto apotropaico, ou seja, ela também se enquadrava como parte da religião grega e do culto às divindades.

Para isso, com o levantamento do início da difusão dos tipos monetários contendo Atena, notamos que Atenas e Corinto determinam o modelo representativo desta divindade ainda no século VI a.C., em diferentes suportes imagéticos, inclusive. No caso das moedas, observamos que não somente a adoção da representação da divindade, mas com as variações estilísticas e representações de símbolos (posteriormente), é dúbio acreditar que se trate apenas de elementos decorativos ou apotropaicos (KRAAY, 1976, p. 85).

Para esta pesquisa, optamos por focalizar o estudo iconográfico, seguindo então nossa proposta inicial, contudo; outro fator que evidencia as influências da Hélade nas emissões da Magna Grécia são as denominações e técnicas de cunhagem encontradas na região. Por exemplo, a adoção da representação de uma divindade na maior denominação emitida por uma pólis pode implicar a alta relevância do culto àquele ser místico. As abordagens de estudo possibilitadas pelas moedas são distintas e, no nosso caso, o catálogo aqui elaborado corroborou com essa constatação.

Pretendemos na próxima etapa desta pesquisa abordar nosso objeto de estudo de acordo com o que apresentamos ao longo da dissertação até esse momento, a partir dos panoramas que

criamos. Como observamos neste capítulo sobre Atena, sua pluralidade enquanto divindade é transmitida pela difusão e adoção do seu culto, além do fato de que sua invocação pelos gregos era explícita na variedade de meios nos quais ela era representada: na literatura, nos vasos cerâmicos; nos festivais religiosos, templos e santuários dedicados à deusa e nas moedas, como aqui observamos, entre outros meios.

Figura 14 - Estatuetas votivas de bronze dedicadas a Atena, datadas aproximadamente do final do século VI ao V a.C., expostas no Museu da Acrópole em Atenas.

Fonte: disponível em < <https://www.theacropolismuseum.gr/en/content/votives/5>>. Acesso em 2019.

Figura 15 - Mapa do Mediterrâneo, apontando as *apoikias* na Magna Grécia e as regiões/pólis que expandiram e fundaram cidades na Grécia Ocidental.

Autor: ARAÚJO DE LIMA, R., 2019.

Capítulo 4. Atena nas moedas do Ocidente grego: uma interpretação

A moeda quando vista como documento de análise proporciona ramificações interpretativas sobre sociedades e períodos. Ela é por si caracteristicamente um objeto político e social, além de econômico, obviamente. Na antiguidade, emitir moedas era sinal de um status político para além da atividade econômica, e as representações contidas neste artefato eram referência direta do seu local de emissão. Como objeto de pesquisa, este artefato é singular, dada sua pluralidade. Segundo Viviana Lo Monaco, “a moeda, além de ser um simples instrumento comercial ou de retribuição pelo seu valor intrínseco ou nominal, relaciona-se, portanto, às outras manifestações artísticas coevas e se torna veículo de um pensamento” (2019, p. 737).

Um dado interessante sobre as moedas gregas na antiguidade se dá pelo fato de que a adoção da representação de divindades da religião helênica, assim como as imagens de ninfas e/ou heróis, ocorre no século seguinte à adoção inicial da moeda cunhada pelas cidades gregas, localizadas na Ásia Menor (século VII a.C.). As primeiras imagens a aparecerem em moedas gregas foram as de animais (como é o caso da coruja em Atenas), e posteriormente as pólis passam a integrar elementos de caráter divino, como os deuses e/ou seus atributos, em seus tipos monetários (LAKY, 2008, p. 214).

O processo de adoção da representação de divindades para figurar as moedas cunhadas pelas cidades gregas está intrínseco ao seu processo de consolidação, já que bater moedas denota o grau de organização e autonomia política de uma pólis (LAKY, 2019, p. 455). Sendo assim, “ao retratar a imagem de um deus, as moedas expressavam, em certo sentido abstrato, um aspecto da identidade de uma pólis que não poderia existir separada da divindade com a qual estava intimamente ligada” (LAKY, 2019, p. 455).

Olhar para a imagem de Atena nas moedas nos possibilita, dentre diversos fatores, a busca por traços culturais semelhantes e que apontam para possíveis elementos que culminaram na apropriação dessa imagem pelas pólis em diferentes contextos. No século V a.C., início do chamado período Clássico na Grécia Antiga, observamos a continuidade do que vinha sendo construído desde o período anterior, denominado Arcaico: a pólis estava consolidada assim como a ocupação grega no Mediterrâneo, e como abordamos anteriormente, um dos fatores que remete à identificação e integração entre os territórios gregos era a helenidade; expressa pela adoção de traços culturais comuns entre si.

Apesar de considerarmos que os gregos estavam ‘sempre a processo de vir a ser’ – e que esse processo se transformou conforme a época – a consolidação do ideal de helenidade não havia sido concluída antes do período clássico. Conforme nos explica J. Hall (2003: 219-220), foi justamente a partir do século V a.C., com a ameaça representada pelos persas, que a identidade helênica começou a se consolidar. Um sentimento de auto-consciência verdadeira, de helenidade, surgiu apenas depois da invasão pérsica (HALL, 2003, p. 219-220 *apud* LAKY, 2008, p. 212).

Em relação a Magna Grécia, o território era ocupado pelos gregos desde o século VIII a.C., as *apoikias* desenvolveram-se e fundaram novas pólis na região. Nossa ideia inicial com o levantamento de moedas aqui feito era abordá-las em conjunto à História local, observando assim a adoção da representação de Atena em paralelo ao curso das cidades gregas locais. Entretanto, devemos pontuar as complicações e dificuldades identificadas em tal abordagem.

Primeiramente, como discurremos no Capítulo 1, era característico da região a fragmentação histórica, explícita através da ausência de uma unidade política que compreendesse toda a região. Além disso, vemos pelo catálogo elaborado que a emissão de moedas de maneira geral era abundante e descontínua, o que dificulta uma contextualização generalizada da cunhagem de moedas pelas pólis locais (que funcionavam como autoridades emissoras), já que a cronologia de emissão e circulação dessas moedas tende a ser ampla e difusa.

Ainda que nossa pesquisa vise as moedas com a representação de Atena, não intencionamos contemplar essas moedas somente pelo viés iconográfico; no entanto, uma das questões que surgiram ao longo da pesquisa foi sobre o direcionamento do nosso olhar sobre o catálogo elaborado. Para tal, é necessário nos lembrarmos sempre que as moedas na antiguidade podem ser entendidas não somente como objetos que expressavam medidas de valor ou meros instrumentos de troca; mas que além disso, serviam também como um suporte singular para a imagética religiosa (FLORENZANO, 2018, p. 7).

Nosso levantamento demonstrou que a adoção de Atena nas moedas da Magna Grécia, no intervalo entre os séculos V e IV a.C., foi amplamente difundida, mas dada as inconsistências desde as denominações e os sistemas ponderais utilizados, até a própria representação da divindade, que apresenta variações quanto aos elementos estilísticos (como abordado no Capítulo 2), como poderíamos, portanto, analisar essas moedas sem cair no erro da generalização? Neste caso, a generalização seria um equívoco, caso guiássemos a pesquisa pela

necessidade de buscarmos por um modelo único visando uma ideia de unidade, sendo que estamos lidando com uma área caracteristicamente fragmentada.

Nesse sentido, é por isso que ao invés de forçar uma reciprocidade entre a política local e a iconografia monetária estudada, percebemos que uma das abordagens possíveis desse objeto de estudo seria por meio do conceito de identidade na região e na Hélade como um todo – ou seja, a ideia transmitida pela helenidade, que seria a de pertencimento ao contexto grego – observada através das moedas levantadas, o que poderia nos trazer resultados mais satisfatórios dentro de nossa proposta.

Já que dessa forma, através da observação e sistematização dos dados obtidos pelo catálogo, as próprias iconografias das moedas nos apontam suas possíveis ligações com as relações políticas da região, sem desconsiderarmos que elas também poderiam simbolizar o culto local da divindade. Para isso, trabalhamos em paralelo com a historiografia e os estudos numismáticos prévios sobre a Magna Grécia, ainda que buscando elaborar nossas próprias interpretações sobre o tema.

Sobre o culto de Atena, vimos que este era difundido pelo território grego desde antes do período aqui estudado, sua importância enquanto divindade reflete em sua constante presença no imaginário helênico. A representação dessa divindade nos registros escritos e em símbolos físicos ao longo da Idade Antiga, como é o caso dos templos e santuários dedicados à deusa, além da representação em moedas, vasos cerâmicos ou estátuas – ou seja, nos diversos suportes imagéticos evidenciados através da Arqueologia – denotam a relação do grego com o culto de Atena, que também é evidenciada através dos festivais religiosos.

As fontes escritas e imagéticas nos possibilitam observar Atena e constatar sua relevância no Panteão grego e no cotidiano antigo, e respectivamente, por Atena preencher diversas funções e significados na Hélade, podemos apontá-la como elemento de identificação daqueles que se reconheciam como helenos. Sendo assim, a adoção da representação de Atena por uma pólis pode ser a expressão da helenidade local, e que quando expressa através das moedas pode significar o reconhecimento de uma identificação política entre autoridades emissoras, além do vínculo implícito quanto à religião e ao culto a essa divindade.

Através da elaboração do catálogo e da observação das moedas levantadas, inferimos que ao mesmo tempo que o objeto moeda circulava pelo Mediterrâneo (território grego e não

grego) na antiguidade, as imagens contidas nesses discos metálicos também circulavam, podendo ser interpretadas como forma de referência imagética, já que essas imagens podiam ser adotadas por outras pólis.

Os traços contidos no interior das moedas estavam sujeitos a serem vistos e rearranjados compondo novas imagens. Dessa maneira, a imagem que inicialmente representava a identidade de seu local originário, quando era readaptada por outro lugar, podia remeter ao fenômeno do pan-helenismo. Portanto, a importação de uma imagem monetária pode não ter qualquer significado subjacente a não ser de assinalar a idéia de pertencimento, do grego antigo, a um mundo mais amplo (FLORENZANO, 2000, p. 222 *apud* LAKY, 2008, p. 212).

Portanto, para utilizá-las como objeto de pesquisa é necessário definir precisamente os recortes a serem usados. Dentro da numismática, a ciência das moedas; "dos objetos metálicos marcados com impressões ou tipos, que funcionam como sinais de valor e servem para facilitar a generalidade das transações" (GOMES MARQUES, 1982, p. 10), nosso objetivo para esta pesquisa é olhar as impressões nas faces, os tipos monetários.

A observação do cunho em moedas é uma das possibilidades dentro do estudo desse artefato, outros elementos como as denominações utilizadas, o metal que serviu como matéria-prima e as respectivas autoridades emissoras, para citar alguns; também fazem parte do conjunto de elementos fornecidos pelas moedas como fonte de estudo.

As mensagens transmitidas por via dos tipos monetários são essencialmente veiculadas pelos respectivos temas principais, deste modo se justificando o enorme interesse de que o seu estudo se reveste em Numismática. Todavia, importa acentuar que os componentes secundários ou acessórios, que vão desde os que assinalam valores até os simples elementos decorativos, passando pelos que indicam oficinas, a cronologia das emissões e a identidade de responsáveis por lavramentos, constituem um outro manancial de conhecimentos, de modo algum menos importante do que o formado pelos primeiros (GOMES MARQUES, 1982, p. 98).

O processo de elaboração do catálogo, parte fundamental desta dissertação, exposto no segundo Capítulo, nos trouxe uma vastidão de leituras e interpretações das quais exploraremos em sequência. Nossa intenção aqui é olhar para a representação de Atena e/ou seus atributos nas moedas previamente catalogadas e, em diálogo com os elementos iconográficos evidenciados, analisar como o uso dessas imagens nos contam sobre o Ocidente grego, as pólis emissoras e o período estudado.

Pretendemos, a partir do catálogo composto para esta dissertação e a observação do mesmo, guiar nossa pesquisa pelas variações estilísticas observadas na representação de Atena

e elencando a recorrência de uso dos estilos evidenciados. Para isso, discorreremos sobre o uso da representação de Atena e da coruja pela Magna Grécia, usando como pontos para nossa interpretação as nuances estilísticas observadas nas emissões catalogadas com essa divindade. Lembrando que, de acordo com nossa proposta para esta pesquisa, o foco seguido é o iconográfico, mas ainda considerando o devido suporte de tais imagens, as moedas.

4.1. O que os tipos monetários de Atena podem nos dizer

Para iniciar nossa reflexão, pensando sobre a relação entre a emissão de moedas e seu papel na pólis, vemos que a moeda pode ser considerada como um status de poder de uma cidade. No caso da Magna Grécia, notamos que cada uma das pólis funcionava como um núcleo político e ao mesmo tempo como autoridade emissora de moedas, contexto em que devem ser tratados os tipos monetários. Nesse sentido, uma possível interpretação é de que apesar de não haver unidade política na região e um único sistema de governo simultâneo, poderia haver uma identificação entre as pólis locais, no nosso caso, analisada e expressa através da adoção da representação de Atena nas moedas.

A emissão de moedas tem a ver com o controle, com o poder instituído muito mais do que com qualquer aspecto econômico, de crescimento comercial ou de aprofundamento de relações de mercado. A moeda é fruto da pólis grega, é resultado de transformações profundas no pensamento grego e na maneira de se medir e de se avaliar coisas e serviços. A moeda é um instrumento de poder e de manipulação do poder; como elemento constitutivo da pólis grega servia à tirania e ao poder democrático (HOLLOWAY, 2000 *apud* FLORENZANO, 2001, p. 209).

As moedas surgiram como um meio para facilitar trocas comerciais e o pagamento de serviços, como o de mercenários, e passam a carregar imagens relacionadas à sua autoridade emissora, como um meio de expressão. Assim, uma maneira de analisá-las é através do paralelo com a História local. No primeiro capítulo discorreremos sobre o processo histórico de formação da Magna Grécia e como se deu a constituição da região, a elaboração de um panorama geral serve como um guia para analisar as moedas levantadas. Mas, como vimos anteriormente, devemos tratar com cuidado essa relação entre o tipo monetário contendo Atena com a História local, a fim de evitar generalizações.

Como demonstramos no segundo capítulo, com a elaboração do catálogo notamos que a imagem de Atena nas moedas emitidas na região é adotada na primeira metade do século V

a.C. e tem seu expoente na segunda metade do século, e que seu ápice ocorre na Lucânia, como representado no Gráfico 1 (página 54). Ainda no século V a.C., a primeira aparição de Atena nas moedas da região pertence a Cumas (tipo 14) em aproximadamente 475 a.C., seguida por Neápolis (tipo 16) em 450 a.C., ambas localizadas na Campânia. Em relação à representação de Atena, as primeiras moedas contendo a deusa representam a divindade com o capacete de modelo coríntio; e na segunda metade desse mesmo século o tipo de Atena com o capacete ático surge na Magna Grécia. As primeiras pólis a baterem moedas com esse tipo monetário foram Síbaris (tipo 39) por volta de 446 a.C. e Túrio (tipo 40a e 40b), em cerca de 443 a.C.

Ao longo dos séculos V e IV a.C., notamos que o modelo no qual Atena aparece retratada nas moedas da Magna Grécia não segue um padrão iconográfico único e difundido regionalmente. Ela aparece em diferentes denominações e cunhada por mais de uma pólis simultaneamente, nas quais sua iconografia poderia variar estilisticamente de uma moeda para outra, isso quando não aparecia na forma da coruja. Ou seja, não temos dúvida de que sua adoção enquanto tipo monetário pela região tenha sido amplamente aceita e difundida, entretanto, é quase que inviável tratar essas moedas de maneira linear e concêntrica na amplitude total do contexto.

Gráfico 3 - Comparativo entre emissões em que Atena veste o capacete ático (tipologia derivada da moeda de Atenas) e que veste o capacete coríntio (tipologia derivada da moeda de Corinto)¹⁵.

¹⁵ Escolhemos representar graficamente essas duas variações na representação de Atena por serem os modelos de capacete que mais aparecem representados nas moedas da região, ainda que existam variações, como Atena sem capacete ou vestindo o capacete de modelo frígio; Atena com o capacete ático e o coríntio representa a maior recorrência iconográfica constatada nas moedas analisadas.

O gráfico exibido anteriormente demonstra o comparativo da recorrência iconográfica entre a representação de Atena com o capacete coríntio e o capacete ático na região. Como apontamos, no início da cunhagem com o tipo monetário dessa divindade, ela aparece segundo sua representação disseminada por Corinto e na metade do século V a.C. notamos a alteração da tipologia para a atribuída a Atenas, das quais citamos no Capítulo 3 (página 65) como possíveis influências tipológicas para as emissões monetárias que carimbam o perfil de Atena. Ainda que a iconografia dessa deusa no modelo de Corinto continue aparecendo nas moedas da região, neste momento chamaremos a atenção para o pico da adoção do tipo monetário ateniense, a partir da segunda metade do século V a.C.

Fazendo uma breve ressalva: a representação de Atena nas moedas aqui apontadas como plausíveis referências tipológicas, ou seja, as cunhadas por Atenas e por Corinto a partir do século VI a.C., são relacionadas dessa forma pelo fato de que essas pólis funcionaram como centros de difusão dos respectivos tipos monetários. Entretanto, isso não implica que creditamos a origem da representação de Atena nos modelos iconográficos aplicados às moedas cunhadas necessariamente a essas pólis. Como levantamos ao longo da pesquisa, Atena era uma divindade políade e amplamente cultuada ao longo da Hélade, e dada a dimensão do uso de sua iconografia nos mais diversos suportes imagéticos, seria um equívoco tratar as respectivas iconografias monetárias como vetores dessas representações específicas de Atena (vestindo o capacete ático ou coríntio) para além do contexto monetário.

Retomando, sobre o uso do tipo monetário com Atena a partir da segunda metade do século V a.C., tal dado nos remete à entrada de Atenas na Magna Grécia, através da participação na fundação pan-helênica de Túrio, que coincide com o pico de emissões contendo a deusa, como representado no Gráfico 1 (página 54). Com este dado, é possível levantarmos as seguintes hipóteses: seria Túrio um centro de difusão do tipo monetário contendo Atena na região? E teria essa pólis derivado sua representação de Atena nas cunhagens do tipo ateniense? O caso de Túrio talvez seja o mais expressivo sobre a relação da adoção desse tipo monetário em paralelo com a fundação e a trajetória da própria pólis.

Entretanto, como demonstramos anteriormente, as moedas cunhadas na Magna Grécia entre os séculos V e IV a.C. apresentam variações estilísticas na representação de Atena que vão além do modelo disseminado por Atenas. Fora isso, veremos que a iconografia de Atena passa a apresentar outros elementos decorativos no capacete ático na segunda metade do século

V a.C. , além do ramo de oliveira integrado (capacete laureado) que é o modelo difundido pelas moedas de Atenas.

Como abordamos no Capítulo 3, é quase que impossível desassociarmos a imagem da deusa com a criada e disseminada por sua pólis homônima, no período Clássico da historiografia grega. Já que, muito provavelmente, a concepção de Atena tenha sua origem nesse contexto, e que perdura até os dias de hoje. Além disso, alguns dos estudos numismáticos sobre a Magna Grécia abordam as cunhagens dessa região partindo da perspectiva da eventual circulação da moeda ateniense pelas pólis locais (evidenciada através do levantamento de tesouros enterrados e/ou do teste de pureza da prata utilizada) e, conseqüentemente, qual teria sido o reflexo de tal nas cunhagens da Grécia ocidental.

Quando escolhemos as moedas com a representação de Atena emitidas no Ocidente grego como objeto de estudo, uma das primeiras abordagens pensadas foi a possível influência de Atenas nos séculos V e IV a.C. como referencial de poder político para essas cidades. Afinal, ao olharmos para o Mediterrâneo de maneira geral no período, é impensável não colocar Atenas como um dos polos políticos, culturais e econômicos dentro e fora do conjunto helênico.

Entretanto, em relação às moedas cunhadas na Magna Grécia, logo após a sistematização dos dados levantados, como apontado anteriormente, evidenciamos que a primeira adoção da representação de Atena como tipo monetário na região não corresponde ao disseminado por Atenas. Nessas moedas, Atena aparece com o capacete coríntio, sendo a tipologia difundida por Corinto no período. Dessa forma, já que é factível denotar a replicação da moeda ateniense na Magna Grécia à entrada de Atenas nas relações políticas do Continente (aprofundaremos sobre a questão de Síbaris e Túrio posteriormente), seria praticável partir da mesma abordagem com as moedas que, aparentemente, replicavam a representação de Atena utilizada nas moedas de Corinto?

Como levantamos no Capítulo 1, algumas das *apoikias* na Magna Grécia possuem origem na região da Acaia, ao Norte do Peloponeso, nas proximidades de Corinto. Na Grécia ocidental, ainda no período Arcaico, algumas das fundações na região contam com a participação direta ou indireta de Corinto, mais evidente na Sicília. Entretanto, no que se refere a Magna Grécia, é difícil estabelecermos essa relação de maneira tão direta, assim como o caso de Atenas com Túrio. Ao apontarmos uma reprodução da representação de Atena baseada no tipo monetário de Corinto como consequência da atuação política dessa pólis na região

podemos cair no equívoco de tratar a iconografia monetária apenas do viés político, deixando em segundo plano o culto da divindade na região estudada.

Outra questão que nos ocorre seria em relação às influências tipológicas, propriamente ditas. É evidente a atuação de Atenas e Corinto como vetores dos modelos iconográficos monetários aqui apontados e que essas moedas circularam ao longo do Mediterrâneo na antiguidade, possivelmente servindo como influência tipológica para outras autoridades emissoras e cunhadas em diferentes áreas, seja por motivação política, cultural e/ou religiosa.

Pensando então sobre a Grécia Antiga como um todo, e em como as interações entre as pólis gregas distribuíam-se presumivelmente de forma irregular no espaço, uma das interpretações que podemos tratar é se esses tipos monetários não poderiam ter chegado na Magna Grécia de forma “indireta”, ou seja, através de outra autoridade emissora que atuava como um dos centros difusores dos tipos monetários de Atena e/ou Corinto?

Portanto, a abordagem da adoção de específica iconografia monetária diretamente como a reprodução de outras que circularam no período, em decorrência de algum vínculo político previamente estabelecido, como pelo fato de estudarmos as *apokias* da Magna Grécia ou um evento pontual que denota essa atribuição; pode acarretar na generalização sobre as emissões destacadas e que muito provavelmente não seja aplicável à realidade. Nesse sentido, apesar de trabalharmos com hipóteses sobre a adoção dos tipos monetários aqui discorridos, ao evidenciarmos a adoção do modelo tipológico de Atenas e Corinto como os mais difundidos nas moedas da Magna Grécia entre os séculos V e IV a.C., não estamos presumindo que de maneira generalizada havia algum tipo de vínculo direto entre a região e essas pólis.

Ainda assim, por mais que seja tentador atribuir o uso da representação de Atena vestindo o capacete coríntio espontaneamente a uma suposta atuação direta ou indireta de Corinto na região, preferimos utilizar outra abordagem e, dentro do possível, tratar cada caso com sua devida especificidade. Entretanto, não intencionamos analisar as moedas cunhadas que contém Atena e/ou seus atributos de maneira individual, ou seja, pretendemos tratar dessa iconografia monetária respeitando seu contexto de origem, mas também como integrantes de um contexto amplo e caracteristicamente helênico, que é a Magna Grécia.

Ao traçarmos a recorrência iconográfica de Atena nas moedas estudadas, podemos a partir da iconografia dessa divindade, através de suas variações estilísticas e seu culto, buscar

possíveis interpretações para sua adoção pelas pólis da região, para além do viés religioso. Sabemos que, através dos vestígios materiais e das fontes escritas, algumas das pólis das quais evidenciamos o uso do tipo monetário contendo Atena integravam em seus respectivos territórios templos e/ou santuários dedicados à deusa, como é o caso de Posidônia, Eleia, Lócris, Síbaris/Túrio, Síris/Heracleia, Metaponto e Tarento. Essa pontuação assinala a difusão do culto à deusa na região, e ao mesmo tempo enfatiza o cuidado que devemos tomar ao analisarmos nosso objeto de estudo, de forma a não cair em potenciais generalizações.

Dessa maneira, para esse estudo, traçamos as recorrências estilísticas nas representações de Atena nas moedas da Magna Grécia, para assim tentar observar o fluxo de difusão e uso de determinado tipo monetário, dentro do espaço em que essas moedas aparecem cunhadas e, através da cronologia de fabricação, olhar em paralelo com a historiografia os eventuais acontecimentos que podem influenciar na adoção de um tipo monetário de Atena. Elaboramos uma leitura partindo da iconografia evidenciada como ponto de vista para abordar as pólis e a Magna Grécia como um todo, partindo do pressuposto de que estamos lidando com um dos contextos da Hélade na antiguidade.

4.1.1. Atena com o capacete coríntio

Como vimos, Atena surge nas moedas da Magna Grécia em Cumas, na Campânia, na primeira metade do século V a.C., vestindo o capacete coríntio. Esse modelo tipológico, que foi difundido por Corinto a partir do século VI a.C., aparece na região e é replicado pelas pólis locais ao longo do período estudado, tendo seu ápice de emissão na segunda metade do século IV a.C. Diferente do capacete ático, o de modelo coríntio não apresenta a incorporação de decorações nas emissões com Atena desse período; ele segue praticamente inalterado iconograficamente, apesar de haver um intervalo entre o século V e a segunda metade do século IV a.C. em que não evidenciamos o uso desse tipo monetário na Magna Grécia.

Esse tipo monetário aparece majoritariamente na costa do mar Tirreno, mas dificilmente manifesta-se como o único modelo da representação de Atena adotado pelas pólis emissoras. A única região em que atestamos a adoção exclusiva dessa iconografia da divindade foi em Bruttium, com exceção de Crotona. Segundo a historiografia local, após a destruição de Síbaris por Crotona em 510 a.C., essa pólis ascende como um centro de difusão monetária na Magna

Grécia (papel que era exercido por Síbaris), até aproximadamente a segunda metade do século V a.C., quando constata-se o abandono da moeda incusa por Crotona (RUTTER, 1997, p. 35). Essa talvez seja a motivação por trás da adoção de diversos tipos monetários por essa pólis.

No final do século V a.C., a cunhagem no Sul da Itália atingira seu maior nível em termos do número de autoridades emissoras ativas. Havia também agora uma padronização na aparência e nos sistemas ponderais das diferentes cunhagens, com a técnica incusa há muito abandonada e a principal denominação agora amplamente estabelecida era o estáter de prata pesando 8 g ou um pouco mais leve.

No decorrer do próximo século, o número de emissões diminui, sem alterações significativas nas cunhagens para compensar. Por outro lado, muitas das autoridades emissoras existentes floresceram como nunca. As razões para o fechamento de alguns centros emissores e o aumento da atividade de outros são encontradas principalmente na atividade militar (RUTTER, 1997, p. 68, tradução nossa).

A possível reprodução do tipo de Atena das moedas de Corinto é percebida na Magna Grécia de maneira difusa quanto à cronologia e às denominações. Entretanto, através da pontuação dessas emissões, notamos que sua maior recorrência se localiza majoritariamente na costa do mar Tirreno e em Bruttium. Uma das possíveis interpretações seriam as interações com a vizinha Sicília, que cunha moedas com o tipo monetário de Atena vestindo o capacete coríntio no mesmo período.

Tabela 6 - Autoridades emissoras que utilizam a tipologia de Atena vestindo o capacete coríntio, em ordem cronológica de início das respectivas cunhagens.

Início da cunhagem	Nº tipo	Autoridade emissora	Data aproximada da cunhagem inicial (a.C.)
Século V a.C.	14 a/b	Cumas, Campânia	475
	16 a/b/c	Neápolis, Campânia	450
	37 a	Posidônia, Lucânia	445
	35 a	Metaponto, Lucânia	Último quarto do séc. V
	9a	Régio, Bruttium	415
Século IV a.C.	4a	Crotona, Bruttium	350
	5a	Hipônio, Bruttium	350

	8a	Medma, Bruttium	350
	35b	Metaponto, Lucânia	350
	34a	Laos, Lucânia	2ª metade do séc. IV
	33a	Heracléia, Lucânia	330
	6a	Lócris, Bruttium	330
	7a	Lócris, Bruttium	317
	13a	Tarento, Calábria	302

Especificamente, assim como as emissões de Corinto nos séculos VI e V a.C., contendo o Pégaso no anverso e Atena no reverso; são evidenciadas na Magna Grécia algumas moedas da mesma tipologia, primeiro no final do século V a.C. em Régio e posteriormente em Lócris e em Medma, na segunda metade do século IV a.C. Nesse mesmo período, em outros casos, em Hipônio e em Lócris, são emitidas moedas com Atena vestindo o capacete coríntio no anverso e o Pégaso no reverso. Essa mesma tipologia monetária é observada em Siracusa, a partir da chegada de Timoleonte em 344 a.C.

Sobre o século IV a.C. na Magna Grécia, trata-se de um período conflituoso nos quesitos políticos e territoriais em que, conseqüentemente, cresceu a demanda por atividades militares. Tanto na costa do mar Tirreno quanto do mar Jônico os conflitos com os grupos indígenas se agravavam por conta das terras férteis da costa, dominadas pelos gregos. A área mais afetada foi a costa tirrenica, ao final do século V a.C., Cumas e Neápolis foram dominadas pelos Samanitas e Posidônia pelos Lucânios. Na costa jônica a ocupação grega demonstrou maior resistência às intervenções externas, apesar de eles também terem de lidar com as populações nativas nas proximidades e com a Sicília. No primeiro quarto do século IV a.C., algumas cidades foram destruídas por Dionísio I de Siracusa, como Caulônia em 389/8, e no final desse século as pretensões em relação à península Itálica foram retomadas por Agátocles de Siracusa. Por trás da maior resistência das cidades da costa jônica em relação às do Tirreno está a criação de uma liga defensiva, primeiro com base em Crotona e ao final do século IV a.C. em Heracléia, a Liga Italiota (RUTTER, 1997, p. 69).

Apesar da recorrência do uso desse tipo iconográfico ser inconstante nas moedas da Magna Grécia, assinalamos que a ascensão de Túrio como potencial centro difusor monetário tenha sido a causa na mudança iconográfica entre o capacete ático e coríntio. A moeda de Túrio adentra a região profundamente e isso é refletido pelo abundante número de emissões na segunda metade do século V a.C., com Atena segundo a iconografia ática. Como demonstrado na Tabela 6, as emissões com Atena vestindo o capacete coríntio passam a ser cunhadas na região ainda na primeira metade do século V a.C. mas têm sua frequência diminuída no restante do século. Já no século IV a.C., esse tipo monetário cai em total desuso até que é retomado pelas pólis de Bruttium, na segunda metade do século, período de intensas atividades militares e da ação dos grupos nativos e de Siracusa na região.

4.1.2. A relação da moeda ateniense e a fundação de Túrio

A interpretação que discutiremos nessa parte é se a moeda ateniense teria servido como possível influência tipológica na Magna Grécia, partindo do caso de Túrio. Ainda que esse tipo monetário de Atenas tenha circulado vastamente no Mediterrâneo durante o período, nosso levantamento demonstra que foi a partir do estabelecimento de Túrio que provavelmente o tipo monetário contendo Atena tenha se disseminado na Magna Grécia. Durante o longo período de sua cunhagem, o tetradracma ateniense manteve-se ligado ao modelo inicial quanto à iconografia (POZZI PAOLINI, 1969, p. 34).

A partir de 525 a.C. o tetradracma - a denominação de prata mais cunhada e mais amplamente difundida também no Ocidente - apresenta no anverso a cabeça de Atena com o capacete ático com crista e calota simples e, no reverso, a coruja de asas fechadas, na legenda, como símbolo, um pequeno ramo de oliveira; estes tipos mantiveram-se substancialmente uniformes ao longo do período da cunhagem denominada "di vecchio stilo", que precede a adição da coroa de folhas de oliveira e de um ramo floral na decoração do capacete de Atena, além de um crescente lunar no campo do reverso: o começo da série mais recente com o capacete laureado, de datação controversa, parece contudo não ser antes de 479 a.C. (POZZI PAOLINI, 1969, p. 34, tradução nossa).

Em 444/443 a.C., após a tentativa de refundar Síbaris por parte de antigos sibaritas e um grupo de atenienses (mais colonos gregos do Peloponeso) em 446 a.C.; as desavenças entre ambos os grupos acarretaram na execução ou dispersão dos antigos habitantes de Síbaris (destruída por Crotona em 510 a.C.), e então Túrio é estabelecida no antigo território de Síbaris, como uma fundação pan-helênica (HANSEN; NIELSEN, 2004, p. 305).

A fundação de Túrio é um marco na cunhagem da Magna Grécia, assim como a queda de Síbaris, no final do século VI a.C., esse fato é evidenciado pela quantidade abundante de moedas emitidas por Túrio e pela influência tipológica proporcionada nas emissões da Magna Grécia. O final do século V a.C. corresponde ao ápice no número de autoridades emissoras ativas na região (RUTTER, 1997, p. 34). Ainda assim, a longa duração das emissões de Túrio com o tipo monetário atribuído à participação de Atenas em sua fundação pode demonstrar que, além desse evento em particular, é possível que também seja a decorrência da tradição religiosa local, herdada de Síbaris (RUTTER, 1997, p. 44).

Tabela 7 - Atena nas emissões de Túrio, de acordo com nosso catálogo.

Início da cunhagem	Descrição do tipo monetário	Quantidade de emissões levantadas¹⁶
Século V a.C.	Cabeça de Atena com capacete ático laureado com crista (tipo 40)	11
	Cabeça de Atena com capacete ático com crista, decorado com Scylla (tipo 41)	9
Século IV a.C.	Cabeça de Atena com capacete ático com crista, decorado com Scylla de braços erguidos (tipo 42)	2
	Cabeça de Atena com capacete ático com crista, decorado com hipocampo (tipo 43)	2
	Cabeça de Atena com capacete ático com crista, decorado com grifo (tipo 44)	1

Na tabela anterior, evidenciamos que as emissões de Túrio, apesar das alterações estilísticas na representação de Atena, apresentam seu ápice de emissões do referido tipo monetário no momento seguinte à sua própria fundação, mas estendem-se cronologicamente de forma que fica arriscado apontar ainda como uma influência direta de Atenas, como exploraremos posteriormente.

“A moeda de prata de Túrio é, como se nota, normalmente caracterizada pela cabeça de Atena com o capacete ático, que distingue o anverso de suas emissões, no qual é reconhecido a

¹⁶ “Emissões” aqui no mesmo sentido exposto na nota de rodapé número 10, na página 52 desta dissertação.

referência clara ao tipo monetário da cidade de Atenas, que patrocinou sua fundação” (POZZI PAOLINI, 1969, p. 39, tradução nossa). Apesar de ser visível a semelhança entre as moedas emitidas por Túrio com as de Atenas, é necessário ter cautela ao apontar como uma clara imitação. Em um primeiro momento, posterior à fundação contando com um contingente ateniense, constatamos que as moedas emitidas por Túrio eram provável replicação da moeda de Atenas, mas sem deixar de evidenciar que o culto a Atena nesse contexto vinha desde a anterior Síbaris.

Figuras 16 e 17 - Anverso da dracma de prata de Síbaris (tipo 39a) e do estáter de prata de Túrio (tipo 40g), com Atena vestindo o capacete ático laureado, de provável influência tipológica ateniense.

Fontes: catálogo, página 44.

A influência da tipologia monetária ateniense expressa pelas emissões de Túrio denota a possível relação política entre a *apoikia* e sua pólis de origem, ao mesmo tempo que pode ser o reflexo da presença de Atenas no período de emissão pode ser também reflexo do culto à divindade na região. Outro fator evidenciado é que antes da fundação de Túrio, sua antecessora Síbaris também emitiu moedas com a tipologia ateniense, em 446 a.C. (tipo 39). Sobre as emissões atenienses no século V a.C., Colin M. Kraay aponta:

Que não deve haver nada de 480-450 não é surpreendente, pois vimos que a produção limitada da cunhagem ateniense durante esses anos era necessária para propósitos internos, mas a partir de 450 a produção maciça de moedas coincide com o crescente interesse no Ocidente, no qual a fundação de Túrio era o episódio principal e a expedição de Siracusa o clímax. [...] É claro que é possível que números muito maiores entrassem na área e estivessem sendo convertidos em lingotes para as bem estabelecidas cunhagens locais, mas a menos que isso estivesse sendo feito de forma muito sistemática, a representação de ‘corujas’ nos numerosos tesouros privados do período é surpreendentemente baixa (1976, p. 72, tradução nossa).

A representação da cabeça de Atena no estilo ático, nas moedas batidas nesse contexto, pode ser reflexo da participação inicial de Atenas, primeiramente na tentativa da refundação de Síbaris e depois na de fundação de Túrio, ou seja, ocorrências pontuais que podem ser evidenciadas através dos tipos monetários. Entretanto, como apontamos anteriormente, o longo período no qual essa tipologia monetária aparece bota em questão se podemos falar sobre uma

influência direta e contínua de Atenas na região, sendo que uma possível interpretação remete ao período anterior durante a existência de Síbaris, já que o culto a Atena *Crathis* é atestado nessa pólis (RUTTER, 2001, p. 146).

Figura 18 - Na *khóra* da cidade, havia um assentamento indígena no qual os gregos de Síbaris edificaram um templo dedicado a Atena, no final do século VIII a.C. Nele foi encontrado um tablete de bronze, com data do começo do século VI a.C., dedicado à deusa por Cleombrotos, vencedor sibarita em Olímpia (GRECO, 2008, p. 205 *apud* NAUSITOO, Síbaris).

Fonte: MERTENS, 2006, p. 50 *apud* NAUSITOO.

Nesse sentido, uma observação que gostaríamos de fazer neste momento é: as evidências abordadas até aqui implicam que, mesmo a moeda ateniense sendo amplamente difundida pelo Mediterrâneo no período Clássico, a adoção e incorporação da imagem de Atena reproduzindo a iconografia difundida pro Atenas nas moedas cunhadas, em um primeiro momento em Síbaris e depois em Túrio; no momento em que essas cidades passam a manter relações de viés político com Atenas, demonstram que tipos monetários podem ser replicados por outras pólis gregas a partir do estabelecimento de um vínculo político entre elas. Ainda no caso de Túrio, o vínculo expresso pela adoção do tipo monetário ateniense vem do fato que a fundação dessa pólis, especificamente, tenha sido incentivada por Atenas.

Entretanto, ao tentarmos replicar a especificidade de Túrio por toda a expansão da Magna Grécia, é provável que não consigamos avançar de maneira satisfatória na abordagem adotada. Uma interpretação possível do nosso catálogo, como discorreremos sobre a região no

Capítulo 1, é que a fragmentação política e consequentemente a individualidade expressa por cada uma das cidades gregas da região provavelmente refletem diretamente na quantidade de variações nos tipos monetários relacionados a Atena. Já que, no sentido religioso, o culto a Atena pode representar por si como um indício da helenidade local.

Sendo assim, onde mais o tipo monetário de Atena vestindo o capacete ático laureado no anverso pode ser encontrado na Magna Grécia? Seria o caso também da circulação e possível influência local ateniense, ou o reflexo do estabelecimento de Túrio como potência local e consequentemente um centro de difusão e o estabelecimento como uma influência tipológica para as moedas cunhadas na região?

4.1.3. A moeda ateniense para além do caso de Síbaris e Túrio

Ainda que trabalhamos em nossa interpretação com a provável reprodução da iconografia monetária utilizada em Atenas, esse é apenas um caso e que pode ser singular dentro do contexto, ou seja, ainda que notemos semelhanças com a moeda ateniense em outras emissões da Magna Grécia, o caso de Túrio deve ser tratado com sua devida particularidade, em paralelo com a respectiva historiografia dessa cidade. Sobre essa continuidade da tipologia ateniense, em *Atene e L'area Tirrenica. Questioni Monetali*, Renata Cantilena conclui que:

A adoção dos tipos monetários de Atenas no Ocidente não se vê mais como uma imitação pontual da moeda ática que sugere um predomínio político de Atenas. Trata-se mais de referências explícitas a deusa Atena que as vezes podem ser lidas como o reflexo de contatos de natureza política e econômica com Atenas (me parece o caso das moedas de Neápolis na metade do século V a.C.), em outros revelam a importância que naquele lugar tinha assumido o culto da deusa e sua imagem com a qual a cidade pretendia se identificar (como acontece em Eleia ao longo de três séculos de emissão monetária), em outros casos se limita à notoriedade do tipo da cabeça de Atena difundido pela ampla penetração da moeda de Túrio nos últimos decênios do século V a.C. na Magna Grécia (como pelas emissões do centro da Campânia) (2008, p. 530-531, tradução nossa).

Vemos em nosso levantamento que esse tipo monetário evidenciado anteriormente, o de Atena com o capacete ático laureado, aparece na Lucânia e em sequência na Campânia, no século V a.C. Entretanto, no caso de algumas dessas pólis e de outras localizadas na costa do mar Tirreno, é curioso notar que elas também cunham moedas com a imagem de Atena na forma como a deusa aparece nas moedas de Corinto, ou seja, vestindo o capacete coríntio, como

evidenciamos pela tabela 6 (página 79). Ao elencarmos as emissões com Atena vestindo o capacete ático laureado, notamos sua concentração na costa do mar Jônico e na Campânia.

Tabela 8 - Autoridades emissoras que utilizam a tipologia de Atena vestindo o capacete ático laureado, em ordem cronológica de início das respectivas cunhagens.

Início da cunhagem	Nº tipo	Autoridade emissora	Data aproximada da cunhagem inicial (a.C.)
Século V a.C.	39 a/b/c	Síbaris, Lucânia	446
	40 a/b	Túrio, Lucânia	443
	17 a/b	Neápolis, Campânia	440
	20 a/b	Eleia, Lucânia	440
	40 c/d	Túrio, Lucânia	440
	40 e	Túrio, Lucânia	435
	40 f	Túrio, Lucânia	433
	15 a	Cumas, Campânia	420
	38 a	Posidônia, Lucânia	420
	40 g	Túrio, Lucânia	420
	40 h/i	Túrio, Lucânia	415
Século IV a.C.	17 c	Neápolis, Campânia	400
	40 j	Túrio, Lucânia	400
	40 k	Túrio, Lucânia	Início séc. IV
	20 c	Eleia, Lucânia	334

Curiosamente, como levantado em nosso catálogo, no século V a.C. Eleia, na Lucânia, emite moedas reproduzindo o tipo monetário ateniense (tipo 20a), com Atena vestindo o capacete ático laureado no anverso e a coruja no reverso. Sendo, na região, a única reprodução exata da tipologia de Atenas evidenciada através do nosso catálogo.

No século IV a.C. Crotona, em Bruttium, também reproduz a tipologia ateniense, mas no caso dessa emissão (tipo 1b) o capacete ático não apresenta a decoração da folha de oliveira adornada; ainda que remeta as emissões atenienses do século VI a.C. Segundo nosso levantamento, Eleia e Crotona seriam as únicas pólis da Magna Grécia que adotaram o modelo iconográfico semelhante ao das ‘corujas’ atenienses, porém tratam-se de ocorrências pontuais e, dada a cronologia dispersa, difíceis de serem associadas a eventos específicos e à própria Atenas, inclusive.

Figura 19 - Moeda de bronze de Crotona (tipo 1b), semelhante à ‘coruja’ ateniense.

Fonte: catálogo, página 39.

A Magna Grécia além de adotar a representação de Atena em suas moedas, também utiliza a imagem do principal atributo dessa divindade: a coruja. Apesar de em algumas emissões específicas ela vir associada com Atena no anverso da moeda (a coruja aparece no reverso, como via de regra, na Magna Grécia), a maior recorrência desse tipo monetário aparece associada com outras figuras míticas representadas no anverso, como Hércules nas emissões de bronze em Crotona (tipo 2a) e em Eleia (tipo 22a), no final do século Va.C., ou com a cabeça da ninfa tradicional de Eleia (tipo 18).

Inclusive, ainda no século V a.C., as emissões de bronze aparecem em diversas pólis, mas, em relação à iconografia de Atena, não apresenta inovação significativa em paralelo com as moedas de prata, os tipos monetários são mantidos praticamente os mesmos. As fontes literárias apontam para uma possível ação individual de um dos fundadores atenienses de Túrio, que havia aconselhado em Atenas a adoção das moedas de bronze e que não foi atendido, mas é capaz que em Túrio a proposta tenha sido acatada (RUTTER, 1997, p. 66). Ainda assim, é uma ocorrência específica de Túrio e que pode não condizer com outros contextos.

Contudo, as emissões com o tipo monetário da coruja de Crotona e Eleia podem ser apontadas como recorrência tipológica por alguma relação entre essas duas pólis, dada a semelhança notada quanto aos tipos monetários, à cronologia e ao metal utilizado; como se pertencessem a uma mesma série. De fato, seria uma suposição plausível, visto que Eleia possa ter atuado como o centro difusor da representação da coruja em moedas na Magna Grécia, como demonstraremos em sequência.

Sobre a coruja (em grego γλαύξ, *glauúks*), ela era associada a Atena e aparece constantemente retratada junto à divindade, as fontes escritas tradicionais costumam descrever Atena como a “deusa dos olhos glaucos”, tal como descrito no Capítulo 3. Como representado no Gráfico 2 (página 54), o uso dessa representação concentra-se na Lucânia, mas aparece em alguns exemplares em Bruttium. A coruja é atribuída à sabedoria e ao conhecimento, por ser um animal de hábito noturno possui a capacidade de enxergar na escuridão da noite, que denota sua associação com a percepção.

Glaucôpis, um dos cognomes de Atena, não é explicado com segurança. Admite-se em geral que a palavra significa *com olhos de coruja* ou *com rosto de coruja*, mas trata-se mais de uma alusão ao aspecto *brilhante* ou *terrível* da coruja ou de seus olhos do que de uma relação estreita da deusa com o pássaro, relação que só muito mais tarde seria estabelecida na própria Atenas, onde grutas e anfractuosidades da Acrópole, povoada de corujas, teriam feito da coruja o pássaro de Atena, o que é testemunhado pela cerâmica (não antes, porém, do século VI a.C.) e pelas moedas (ROBERT, 1988, p. 64 *apud* PONTIN, 2006, p. 256).

Em relação ao uso da representação da coruja, a pólis com o maior número de emissões contendo esse tipo monetário é Eleia, na Lucânia. Esse tipo monetário aparece pela primeira vez nessa pólis na primeira metade do século V, em cerca de 465 a.C. (tipo 18a, 18b e 18c), e é emitido continuamente, inclusive no século IV a.C., em diferentes denominações. Em alguns casos, o reverso com a coruja vem acompanhado do anverso com Atena (tipo 19a e 20a), em outros aparece associado a outros tipos emitidos por Eleia (tipo 18 e 22), como pontuamos anteriormente sobre a adoção da representação da coruja em moedas pela Magna Grécia.

Sobre a adoção desse tipo monetário em Eleia, de acordo com Enrica Pozzi Paolini, a representação da coruja nas moedas batidas por essa pólis, de maneira geral, não reproduz o utilizado pelas moedas atenienses. Pelo fato de que as emissões com a coruja aparecem antes da provável circulação da moeda de Atenas na Magna Grécia, e inclusive como não se pode atestar sua circulação em Eleia, a hipótese para a adoção da coruja nas emissões locais seria

através da cerâmica, mais precisamente pelo *esquifo* ático caracterizado por uma coruja, com datação inicial provavelmente em cerca de 480 a.C. e que foi amplamente difundido no Ocidente grego (1969, p. 51).

Figura 20 - *Esquifo* de Atenas, decorado com a coruja e folhas de oliveira. Cerâmica de figuras vermelhas, datado em cerca de 470-440 a.C.

Fonte: THE FITZWILLIAM MUSEUM. Número do objeto: GR.7.1917.

Em outra suposição, a aparição da coruja nas dracmas em Eleia, associada à cabeça da ninfa, ocorre a partir da época de Parmênides (filósofo grego nascido em Eleia), ou seja, contemporânea à tradicional jornada histórica de Parmênides e Zenão (filósofo grego nascido em Eleia e membro da escola eleática, fundada por Parmênides, do qual era discípulo) até Atenas, e que é apontada como reflexo do interesse político-econômico no mar Tirreno por parte de Atenas, ou então como um indicativo da ânsia de Eleia em estabelecer relações comerciais com Atenas. Entretanto, mesmo que possamos deduzir que a adoção da coruja por Eleia pudesse estar relacionada a Atenas, o uso dos tipos monetários da cabeça de Atena e de sua ave sagrada nos nominiais em prata ou bronze de Eleia perdurou por mais de três séculos, em toda a extensão da produção de moedas por essa pólis. Tal dado sugere que o culto a Atena na região era profundamente enraizado, o que torna incerto atribuir essas emissões a um episódio temporário de influência política ateniense em Eleia (CANTILENA, 2008, p. 526).

No entanto, mesmo com essa constatação, ainda assim não podemos negar a alusão do uso do tipo monetário da coruja com Atenas, dado o fato de que Eleia é a primeira pólis da Grécia ocidental a introduzi-lo nas cunhagens locais. Se escolhermos por tirar a arbitrariedade dessa escolha, a provável hipótese seria o desejo de enfatizar publicamente e de maneira oficial a existência, ou vontade de, criar elos por parte de Eleia com Atenas (POZZI PAOLINI, 1969, p. 52). Nesse sentido, não só a adoção da coruja, mas a representação de Atena seguindo o modelo ateniense poderia também ser interpretada como uma forma de associar-se ou buscar associação com Atenas, pelas pólis da região?

Visto que o uso da iconografia ateniense nem sempre denota a existência de um vínculo com essa pólis, ao pensarmos no sentido de identificação com a helenidade, podemos olhar para essas moedas de outras maneiras, além do viés historiográfico. Outro ponto passível de argumentar é que, como denotamos pela Tabela 8, o tipo monetário de Atena com o capacete ático laureado passa a ser adotado na região a partir do estabelecimento de Túrio, e que nesse período e contexto específico, as emissões podem ser apontadas como derivadas da tipologia de Atenas. Entretanto, dada a extensão cronológica e espacial, presumir a adoção dessa iconografia de Atena nas moedas das outras cidades gregas como uma relação ou tentativa de aproximar-se de Atenas seria cair em potencial generalização sobre a região.

Além da Lucânia, a representação de Atena com o capacete ático laureado é também adotada na Campânia, por Neápolis e Cumas. Anteriormente, evidenciamos que as primeiras moedas com a deusa aparecem na região nessas pólis, com a iconografia semelhante à das moedas difundidas por Corinto. Sobre essa mudança iconográfica, Renata Cantilena em sua análise sobre Atenas e as imagens monetárias das cidades do Tirreno, observa que “a mudança na forma do capacete coríntio para o ático, que ocorre em meados do século V a.C., também é encontrada nas emissões monetárias de Focéia¹⁷ e Massália e, ao lado do Tirreno, nas frações de prata de Cumas e Neápolis” (2008, p. 525, tradução nossa).

Sobre as emissões da Campânia, em Neápolis, os atenienses citados como *epoichoi* por Estrabão e as celebrações em honra de Partenope (na mitologia grega, sereia que havia fundado a cidade de Partenope, que posteriormente seria refundada como Neápolis; e que costumava figurar o anverso das moedas dessa pólis) instituídas por Diotimo, navarco ateniense; denotam a presença de um componente ateniense no corpo cidadão. A partir de tais constatações, é

¹⁷ Lembrando que Focéia foi a fundadora de Eleia, em 535 a.C.

plausível tratar um momento marcante da História local como o impulsor da substituição pela cabeça de Atena no anverso do maior nominal, no lugar da cabeça de Partenope, mesmo que tenha sido temporário (CANTILENA, 2008, p. 31).

No final do século V a.C., segundo Colin M. Kraay, a cunhagem da costa tirrênica pode ser dividida em duas áreas: ao Norte, as primeiras cidades gregas a sucumbirem perante as tribos nativas foram Cumas e Posidônia, e neste período entra em evidência Neápolis como autoridade emissora. Ao Sul, Eleia e Terina expandiram suas respectivas cunhagens e se mantiveram independentes com sucesso (1976, p. 186).

Tanto na Campânia quanto na Lucânia, ao mesmo tempo em que se observa a atuação de Atenas ao longo do século V a.C. principalmente – como demonstramos em Túrio e Neápolis, por tratarem de acontecimentos pontuais e específicos dentro do contexto dessas pólis – é arriscado olharmos para a Magna Grécia como um todo e replicar a situação arbitrariamente nas outras pólis gregas. Além do culto à divindade, algumas das pólis locais ao final do século V a.C. consolidam-se como autoridades emissoras e, portanto, podendo ser apontadas como centros de difusão do tipo monetário de Atena.

A partir do final do século V a.C., e ao longo do IV, a situação parece diferente: a persistência do tipo da cabeça de Atena com elmo ático, ou do tipo da coruja, em autoridades emissoras como Túrio, Eleia, Neápolis, e seu reflexo em Crotona, Heracléia, etc. costumam aparecer independentes de um relacionamento direto com a cunhagem ateniense; sua adoção por essas casas da moeda perdeu o significado que tinha no início e é articulada dentro das tradições própria de cada um deles. Em particular, deve-se notar que o capacete de Atena que aparece nestas séries é decorado, mais ou menos recorrentemente, com um grifo, um hipocampo etc., e mais frequente com a Scylla (POZZI PAOLINI, 1969, p. 67, tradução nossa).

De acordo com a Tabela 8, o uso da representação de Atena com o capacete ático laureado apresenta seu ápice de recorrência na segunda metade do século V a.C. e posteriormente quase cai em desuso, apenas com algumas aparições pontuais no século IV a.C. O que se observa ao decorrer da queda do uso de tal iconografia é a aparição de outras decorações na calota do capacete de Atena, ainda que seguindo o modelo ático desse atributo. Uma possível leitura seria a diminuição da presença de Atenas na região simultaneamente à afirmação das pólis gregas no território e como autoridades emissoras, assim como uma expressão de helenidade.

Quando consideramos a interação entre cidades semelhantes no Mediterrâneo, é fácil entender a difusão de um traço formal. Essas características viajam

entre as cidades e são rearranjadas de acordo com critérios de representatividade, como já foi indicado por Lacroix e outros. Afinal, as moedas são meios capazes de expressar os particularismos de cada pólis no mundo grego. Mas em outras vezes, com certeza, essas características são reorganizadas, formando novas imagens que expressam não a individualidade, mas simplesmente o pan-helenismo. Pode ser mais importante para uma comunidade enfatizar sua importância no mundo grego do que sua própria independência (FLORENZANO, 2018, p. 17, tradução nossa).

Como observado por Maria Beatriz Borba Florenzano, a reorganização iconográfica de um símbolo tão emblemático como Atena era dentro e fora do contexto helênico, pode ser lida tanto quanto a expressão da individualidade de uma pólis como a vontade de mostrar-se perante o mundo grego como parte dele. Dessa forma, abordaremos algumas das moedas elencadas em nosso catálogo que apresentaram variações estilísticas em relação à decoração do capacete na representação de Atena, observando como elas se difundiram pela região.

4.2. Variações estilísticas na representação de Atena em moedas

Uma abordagem comum nos estudos sobre o tipo monetário de Atena é descrevê-lo a partir da moeda de Atenas, mesmo quando emitido além da Grécia continental. Evidente que, por tratar-se do possível modelo difusor da iconografia de Atena nas moedas durante o período Clássico, tal associação é plausível. Sobre a Magna Grécia, denotamos que, dentre as primeiras aparições dessa divindade nas moedas da região, algumas emissões tenham de fato sido produzidas a partir da moeda ateniense: primeiro observadas em Síbaris sob a influência de Atenas, em 446 a.C.; em seguida vista através da quantidade de emissões contendo o tipo monetário de Atena com o capacete laureado após a fundação de Túrio, em 444/443 a.C.

O tipo monetário com Atena vestindo o capacete ático laureado circula na região, mas não aparece como a maior recorrência iconográfica da divindade. Isso se dá não pelo modelo do capacete, e sim pela decoração presente na calota dele. A representação de Atena na região apresenta modificações iconográficas e que são replicadas pelas pólis gregas no período estudado. Ainda pensando sobre a funcionalidade da moeda tal qual objeto, observamos que “embora muitas cidades da Grécia continental e ocidental rapidamente tenham começado a cunhar moedas de prata, nem todas as cidades o fizeram, e a distribuição de cidades emissoras sugere que a cunhagem era vista como servindo a diferentes propósitos em diferentes lugares” (OSBORNE, 1996, p. 256 *apud* FLORENZANO, 2018, p. 2).

Como demonstramos anteriormente, a representação de Atena em moedas é provavelmente tão plural quanto a própria divindade. As variações presentes nessa divindade abrem para uma gama de leituras e interpretações sobre o seu culto e os significados que ela tinha para os gregos antigos. Nesse ponto, podemos apontar a relevância dos atributos em relação as respectivas divindades: eles além de aparecerem como identificadores dos deuses com os quais estão relacionados, são emblemas que agregam na caracterização mítica e nas figuras construídas de cada qual.

No nosso objeto de estudo, notamos que além das variações no modelo de capacete vestido por Atena em suas representações, outra mudança iconográfica evidenciada é na decoração do próprio capacete¹⁸. Como vimos, os modelos mais utilizados nas emissões da Magna Grécia são o ático e o coríntio, ainda que apareçam alguns exemplares bastante específicos e quase que únicos na região, como é o caso da representação de Atena com o capacete frígio em Eleia (tipo 23 e 24) e até sem capacete, nos quais Atena é identificada pela presença da égide ao fundo (tipo 10 e 27).

O primeiro caso em que notamos a decoração do capacete de Atena foi nas moedas de Síbaris, que muito provavelmente foram replicadas da moeda ateniense; e emitidas a partir do século V a.C., nas quais um ramo de folhas de oliveira foi agregado ao capacete ático, chamado de capacete laureado. E que, como discutimos anteriormente, foram adotadas posteriormente por Túrio e pelas pólis gregas da Campânia. Os detalhes decorativos podem nos trazer informações sobre possíveis influências tipológicas e ao mesmo tempo sobre as respectivas autoridades emissoras.

Nas moedas da Magna Grécia, os elementos decorativos que notamos serem usados de forma mais recorrente são: a Scylla, o hipocampo e o grifo. Essas variações estilísticas aparecem no capacete de modelo ático, enquanto no coríntio não levantamos a presença de decorações. O uso da imagem de uma divindade já denota o caráter apotropaico atribuído à moeda, junto com a adição de uma criatura mítica reforça uma das características atribuídas às moedas na antiguidade: a de proteção, semelhante a um amuleto.

Mas há uma explicação global, que torna as representações de monstros em moedas tão ‘normais’ quanto a de qualquer outra divindade. Esta explicação

¹⁸ Não pretendemos usar do pressuposto de que as tipologias monetárias evidenciadas a partir desse ponto tenham surgido na Magna Grécia, nossa intenção é elencar as mudanças na representação de Atena somente dentro do contexto estudado.

se encontra na própria religião grega, na crença de que uma imagem podia ser carregada com a energia dos objetos ou das divindades figuradas. No caso específico da moeda, devido ao seu caráter emblemático, a eficácia esperada tinha um caráter protetor, independentemente de ser ela um monstro ou uma divindade olímpica. É este, no nosso entender, o traço comum que está por trás da escolha das representações de monstros nas moedas da Grécia antiga (FLORENZANO, 1995, p. 228).

Na Grécia Antiga, o uso da representação de criaturas míticas era amplamente difundido nas diferentes expressões artísticas e suportes imagéticos. Além das divindades e seus atributos, dos heróis e de animais (como vimos as primeiras moedas emitidas na Grécia continental figuravam animais em suas faces, como a tartaruga em Egina e a própria coruja em Atenas); outras figuras recorrentes nas representações gregas eram os seres mágicos, ou monstros¹⁹. Dentre os exemplos que podemos elencar, vemos figuras como a Górgona, o Pégaso e o Minotauro aparecendo nas moedas gregas da antiguidade.

A representação de monstros pelos gregos pode ser entendida, assim como a das divindades, como uma forma de invocar os poderes associados a tais criaturas. Dessa forma, ao pensarmos sobre os monstros, sua característica mais intrínseca era a de um ser assustador, que aparecia como uma presença que repelia e amedrontava os que cruzavam com eles. Quando representados em moedas, interpretamos como algo inerente ao caráter apotropaico desse objeto, ou seja, invocar o simbolismo de uma criatura mítica poderia ser uma forma de associar a moeda com a funcionalidade dos amuletos, como uma tentativa de chamar por proteção repelindo o que era indesejado (FLORENZANO, 2018, p. 18).

Nesse sentido, quando pensamos sobre a Scylla, ela é retratada como um monstro marinho por Homero, na *Odisseia*, cuja função era proteger o estreito de Messina, que dava acesso ao mar Tirreno, entre a península Itálica e a Sicília. Desassociada de Atena, na Magna Grécia, ela integra o reverso de algumas emissões de Cumas nos séculos V a.C. e IV a.C., e aparece em alguns vasos e adornos da região; além de aparecer como elemento decorativo do capacete de Atena nas moedas (RUTTER, 1979, p. 14). Sendo assim, tratando-se de uma criatura mítica que cumpria função protetora ao mesmo tempo em que era retratada como um monstro, podemos interpretar a adoção da figura da Scylla nas emissões aqui estudadas como parte da função ambígua da moeda como um objeto apotropaico.

¹⁹ Segundo definição “o monstro é, então, um ser que soma as qualidades do homem ou de um animal àquelas de um outro ser e que por isso possui poderes incomuns” (FLORENZANO, 1995, p. 226)

Figura 21 - Ânfora produzida na Campânia, datada em cerca de 340-320 a.C. (Groningen, coleção particular), na qual vemos a Scylla antropomórfica representada semelhante à observada nas moedas da Magna Grécia, incorporada ao capacete ático vestido por Atena.

Fonte: STILP, 2011, p. 11.

Além da Scylla, elencaremos as variações estilísticas de maior recorrência como decoração do capacete ático, a fim de traçarmos a difusão de tais tipos e/ou eventual circulação dessas moedas. Demos evidência na representação da Scylla por tratar-se do elemento

decorativo mais utilizado nas cunhagens das pólis gregas da região e, de acordo com seu mito, ser uma criatura que se situava na própria Magna Grécia e de proveniência helênica. Dessa forma, podemos denotar sua aparição como elemento integrante da helenidade expressa por Atena, assim como as outras criaturas míticas evidenciadas na representação da deusa nas moedas levantadas, como abordaremos em sequência.

4.2.1. Elementos míticos representados com Atena nas moedas

Nas representações de Atena, era comum ela aparecer associada com elementos míticos do imaginário helênico no decorrer do Mediterrâneo grego, sendo alguns tratados inclusive como um atributo característico da deusa, como a própria coruja e toda a esfera mítica associada a esse animal. Um exemplo claro disso é o uso da Górgona acoplada à égide ou no escudo representado junto à deusa, que pode ser lido como um dos atributos mais significativos e recorrentes da divindade. A égide aparece tanto nas representações imagéticas quanto na literatura grega antiga, como na *Ilíada*:

A égide ornada de franjas, então, sobre os ombros coloca,
coisa espantosa de ver, pelo frio Terror circundada,
pela Discórdia, a Violência e, também, pelo Assalto horroroso,
bem como pela cabeça da Górgona, monstro terrível,
horripilante espetáculo, do Crônida Zeus maravilha.
(HOMERO, *Ilíada*, Canto II, v. 739-743).

Ela era uma espécie de escudo dado a Atena por Zeus, que segundo a mitologia foi confeccionado com pele de cabra e posteriormente coberto com a pele da Medusa (que costuma ser representada em forma de escamas), morta pelo herói grego Perseu com o auxílio de Atena, e que também costuma ser caracterizada pela presença da cabeça gorgônica e serpentes no entorno. A representação desse atributo é um dos elementos que nos permitem identificar a deusa em imagens e/ou objetos.

Em nosso levantamento, denotamos a presença de duas emissões nas quais Atena figura sem seu atributo mais emblemático nas outras moedas: o capacete. Ambas são datadas no século V a.C., na Lucânia, sendo primeiro em Tarento (tipo 10) e posteriormente em Heracléia (tipo 27), o que é curioso pelo fato de que Heracléia foi fundada em 433 a.C. por Tarento e Túrio em conjunto. Sendo que, como observamos ao longo da pesquisa, Túrio pode ser considerada como um centro difusor do tipo monetário figurando Atena na região.

Figura 22 - Estátua romana de Atena *Promakhos*, com a égide sobre os ombros com a Górgona acoplada. Apesar de ser uma provável cópia romana, sua representação é muito semelhante as de Atena nos moldes gregos, especificamente do período Clássico. Achada em *Villa of the Papyri*, nos arredores de Herculano e datada aproximadamente no século I a.C.

Fonte: MUSEO ARCHEOLOGICO NAZIONALE NAPOLI. Disponível em: <<https://www.museoarcheologiconapoli.it/en/3598-2/>>. Acesso 2019.

Tarento era uma *apoikia* localizada na região da Calábria, fundada por Esparta, com a qual manteve relação próxima mesmo posteriormente, e marcada por conflitos com os grupos nativos vizinhos. As cunhagens de Heracléia iniciam logo após sua fundação e são apontadas como decorrentes de suas pólis fundadoras, já que trazem características de ambas, sendo uma das observadas a adoção do tipo monetário de Atena no anverso das emissões, tal qual o que era utilizado em Túrio.

Figuras 23 e 24 - Anverso de óbolo de prata de Tarento (tipo 10) e do estáter de prata de Heracléia (tipo 27), com Atena sem capacete e a égide ao fundo.

Fonte: catálogo, página 40.

As pólis que mais apresentam variações nas representações de Atena estão localizadas na região da Lucânia, sendo essa região a com maior número expressivo de emissões com a deusa, como levantado em nosso catálogo. Tal evidência é possivelmente consequência da ascensão de um novo poder nas planícies férteis da costa do mar Jônico no século V a.C., pelo fato de que Crotona era a pólis grega mais potente desde a destruição de Síbaris e que, após as fundações da metade do século V a.C., as emissões monetárias de Crotona diminuem significativamente (KRAAY, 1976, p. 184).

A primeira variação estilística no capacete de Atena que observamos foi a adesão do grifo a calota do capacete ático, em Eleia. Essa representação particular de Atena surge na Magna Grécia em torno de 440 a.C. nessa pólis e posteriormente apenas no século IV a.C. Além desse contexto, ou seja, de Eleia, somente em Túrio ele é utilizado. Dentre as autoridades emissoras analisadas, Eleia aparece como possivelmente uma das mais singulares da Magna Grécia em relação às representações de Atena adotadas, é a única pólis grega que utiliza o capacete de modelo frígio decorado com centauros (tipo 23 e 24), na segunda metade do século IV a.C.

Também em cerca de 440 a.C., Eleia emite moedas com a representação de Atena no anverso vestindo o capacete ático laureado (tipo 20a e 20b) concomitante a emissão figurando o capacete ático decorado com o que aparenta ser uma cobra arqueada na lateral, e a coruja no reverso com um ramo de oliveira na decoração (tipo 19). Essa emissão contempla diversos elementos relacionados a Atena e é o único tipo monetário da região com essa tipologia, entretanto ela é contemporânea à cunhagem das moedas representando a coruja por essa pólis e, como discutimos anteriormente, pode ser interpretada de acordo com os intuítos de Eleia com Atenas. A serpente era também um atributo de Atena, ela era protetora da Acrópole ateniense e era relacionada ao mito de nascimento de Erictônio; filho da deusa, primeiro rei de Atenas e instituidor das Panateneias.

Um dos modelos tipológicos distintos evidenciados em Eleia aparece também em Heracléia, no qual Atena aparece em posição frontal (tipos 23 e 30), no século IV a.C. Sobre Heracléia, outra particularidade encontrada nas emissões dessa pólis é, nas emissões de bronze do final do século IV a.C., o único exemplar em que Atena aparece representada em pé (tipo 32). São casos pontuais e que dificilmente podem ser classificados desassociados de toda a cunhagem dessas pólis, uma possível hipótese seria um mesmo artesão que cunhou por ambas as autoridades emissoras no caso de Atena representada em posição frontal, o que não era tão

incomum no período; ou a replicação do tipo monetário de Siracusa do final do século V a.C. (RUTTER, 1997, p. 146) dadas as semelhanças iconográficas entre as representações de Atena evidenciadas entre as moedas da Magna Grécia com as da Sicília; além da possibilidade de serem reflexo do culto local a Atena, evidentemente.

O grifo como adorno no capacete de Atena era uma representação até que comum no ambiente helênico ao longo do período Clássico, o que reforça a associação entre o papel da moeda como um motor da helenidade expressa pelas pólis. O grifo era uma criatura mágica que no mundo grego antigo estava associado à proteção de tesouros e ao poder divino, comumente relacionado a Zeus e Apolo.

Na Magna Grécia, essa representação específica de Atena não aparece tão difusa quanto as outras evidenciadas, sendo majoritariamente atribuída a Eleia, na Lucânia. Em relação à essa pólis específica, outra possível interpretação seria a influência iconográfica de distinto suporte imagético, como observamos com a coruja nos tipos monetários locais que podem ter sido derivadas do *esquifo* ático. No século IV a.C., período que corresponde a maior parte dessas emissões, Eleia integrava a Liga Italiota no combate aos avanços dos tiranos de Siracusa na região (HANSEN; NIELSEN, 2004, p. 263); sendo um dos fatores que demonstram a necessidade dessa cidade em bater moedas.

Tabela 9 - Autoridades emissoras que utilizam a tipologia de Atena vestindo o capacete ático decorado com o grifo, em ordem cronológica de início das respectivas cunhagens.

Início da cunhagem	Nº tipo	Autoridade emissora	Data aproximada da cunhagem inicial (a.C.)
Século V a.C.	21 a	Eleia, Lucânia	440
Século IV a.C.	21 b	Eleia, Lucânia	400
	21 c	Eleia, Lucânia	365
	21 d	Eleia, Lucânia	340
	21 e	Eleia, Lucânia	334
	44 a	Túrio, Lucânia	330

O hipocampo aparece contemporâneo a Scylla e no mesmo contexto, Heracléia, sendo posteriormente adotado por ambas suas pólis fundadoras, Túrio e Tarento, no século IV a.C. Era um ser mítico e marinho que para os gregos teria sido criado por Posêidon, e associado com Taras, o *oikista* de Tarento, pólis que foi uma das principais autoridades emissoras da Magna Grécia no século IV a.C. Esse tipo monetário restringiu-se às pólis gregas da costa do mar Jônico, inicialmente em Heracléia e difundiu-se para suas respectivas pólis fundadoras, na primeira metade do século IV a.C.

A fundação de Heracléia foi estabelecida como um acordo de paz entre Túrio e Tarento, após disputa pelo controle da região denominada siritide, como descrito pelas fontes antigas (HANSEN; NIELSEN, 2004, p. 259). Heracléia mantinha relação próxima com Tarento, no século IV a.C. ambas emitem dióbolos de prata com Atena no anverso e Héracles no reverso e que são bastante semelhantes entre si, sugerindo a adesão da produção de moedas em âmbito federal (RUTTER, 1997, p. 95).

Tabela 10 - Autoridades emissoras que utilizam a tipologia de Atena vestindo o capacete ático decorado com o hipocampo, em ordem cronológica de início das respectivas cunhagens.

Início da cunhagem	Nº tipo	Autoridade emissora	Data aproximada da cunhagem inicial (a.C.)
Século V a.C.	25 a	Heracléia, Lucânia	433
	25 b	Heracléia, Lucânia	432
	25 c	Heracléia, Lucânia	420
Século IV a.C.	43 a	Túrio, Lucânia	início séc. IV
	12 a	Tarento, Lucânia	380
	43 b	Túrio, Lucânia	380

Outra criatura mítica que aparece nas emissões com Atena é a Scylla, como abordamos anteriormente, ela era um monstro marinho (em uma das versões de sua origem, dizia ser uma ninfa anteriormente) que habitava a região do estreito de Messina e morava do lado da península Itálica; do outro lado, na Sicília, vivia outro monstro marinho, a Caríbdis. Esses monstros

marinhos representavam os perigos da navegação em águas próximas a rochedos. A Scylla aparece na *Odisseia*, na qual é descrita como filha do rio *Crathis*. No momento em que Odisseu passava com sua nau próximo ao local que a criatura habitava, os cães que integravam o corpo da Scylla devoram seis de seus tripulantes.

Da cava nau, nem mesmo a flecha que um herói
robusto possa desferir atinge o fundo.
É onde habita Cila de hórridos latidos.
O timbre de sua voz lembra o de uma cadela
recém-nascida, mas é um monstro atroz. Ninguém
se alegraria ao vê-la, nem que seja um deus.
Seus doze pés são todos eles bem disformes,
longuíssimos pescoços (seis), uma cabeça
hórrida encima cada; tríplice fieira
da dentição onusta do negror da morte,
espessa e vasta. Meio corpo gruta adentro,
as testas protendidas no exterior do bátrato.
Dali escruta o escolho a fim de fisgar cães
do mar, delfins ou animal maior, dos muitos
de que Anfitrite, a urladora, se alimenta.
Marujo algum se jacta de escapar intacto
com seu navio: cada bocarra puxa fora
um nauta do baixel de proa azul-cianuro.
Verás, herói, um outro escolho nos baixios,
tão vizinho que um dardo o poderia atingir.
Há nele uma figueira enorme amplicopada,
por sob a qual Caribde sorve a água negra.
Vomita-a três vezes num só dia e três
a absorve, horrível. Não estejas quando a sorva,
pois nem o Treme-terra te resgataria:
em rápida manobra, opta por margear
Cila no escolho: menos ruim é lamentar
a sina de seis homens que plangê-los todos.’
(HOMERO, *Odisseia*, Canto XII, v. 83-110).

O uso da Scylla como integrante da representação de Atena nas moedas da região é interessante por dois motivos: primeiro porque trata-se de uma criatura mística da própria Magna Grécia; e segundo porque a primeira aparição desse tipo monetário, de acordo com nosso catálogo, foi em Heracléia (tipo 26). Heracléia, como vimos, foi uma fundação de Túrio em conjunto com Tarento e que posteriormente seria a sede da Liga Italiota, o surgimento desse tipo monetário nessa pólis pode ser interpretado como uma possível tipologia que correspondia ao amplo contexto helênico e simultaneamente aos gregos da Magna Grécia.

Segundo John K. Papadopoulos, a cunhagem na Magna Grécia é complexa em sua própria natureza. Além de ser um marco cívico, ela aparece não como a equidade das estruturas de comércio ou das formas de trabalho, e sim como articuladora de uma nova ordem social que materializou as mudanças culturais na região (2002, p. 43). Sobre os tipos monetários, os temas comuns representados não costumam ser simples resquícios do comportamento social ou de interações, eles funcionam como agentes ativos na formação de identidades e comunidades (PAPADOPOULOS, 2002, p. 24).

A Magna Grécia estruturou-se como parte do contexto helênico durante o período Arcaico e ao longo do período Clássico buscou firmar-se enquanto presença hegemônica no território, tanto perante as comunidades externas e as nativas quanto dentro do próprio mundo grego. A evidência e a associação de elementos culturais representativos em comum dentro da própria região, como as aqui destacadas na recomposição da imagem de Atena nas cunhagens locais, mostram a ação da moeda enquanto artefato simbólico pelas comunidades gregas analisadas. Essas peculiaridades expressas pela Magna Grécia denotam o processo de configuração de identidade cultural e étnica no contexto, ainda dentro da helenidade como um todo.

Lembrando que, a Magna Grécia sofria com conflitos constantes que são intensificados no século IV a.C., e por mais que houvesse a participação por parte de Atenas ou outras pólis gregas na região (o caso ateniense reflete nas primeiras emissões monetárias de Túrio, como demonstramos), as pólis gregas locais deparavam-se simultaneamente com a incorporação de elementos helênicos como forma de estabelecer-se no contexto amplo da Grécia e também de firmar-se no território, perante as outras pólis gregas da região e as constantes ameaças externas. Dessa forma, a adoção da representação de Atena nas moedas cunhadas estaria vinculada à relação da helenidade expressa através da materialidade, mesmo que ressignificada dado o referido contexto emissor.

Figuras 25 e 26 - Anverso de estáteres de prata de Heracléia (tipo 26b e 29a), com a Scylla adornada ao capacete ático de Atena representada nos dois modelos iconográficos evidenciados pelas moedas da região, de acordo com a posição dos braços.

Fonte: catálogo, páginas 42 e 43.

A Scylla surge como elemento decorativo do capacete de estilo ático, e pode aparecer de duas formas: com o braço traseiro abaixado ou estendido, como se estivesse prestes a fazer um arremesso. A representação de Atena com a Scylla no capacete ático foi adotada por Heracléia, Túrio e Tarento, nos séculos V e VI a.C., e mesmo que apareça em contexto restrito, esse tipo monetário é bastante replicado por essas pólis, em diferentes datações e denominações.

No século V a.C. ela é representada com o braço traseiro abaixado e no começo do século IV a.C. passa a aparecer com os braços erguidos, simultaneamente em Heracléia e Túrio e posteriormente em Tarento, podendo ser mais um reflexo da produção de moedas em âmbito federal pelas pólis gregas da costa do mar Jônico.

Tabela 11 - Autoridades emissoras que utilizam a tipologia de Atena vestindo o capacete ático decorado com a Scylla, em ordem cronológica de início das respectivas cunhagens.

Início da cunhagem	Nº tipo	Autoridade emissora	Data aproximada da cunhagem inicial (a.C.)
Século V a.C.	26 a	Heracléia, Lucânia	433
	26 b	Heracléia, Lucânia	420
	41 a/b	Túrio, Lucânia	410
Século IV a.C.	41c	Túrio, Lucânia	400
	41d	Túrio, Lucânia	início séc. IV
	42 a	Túrio, Lucânia	390
	29 a	Heracléia, Lucânia	390
	41 e/f	Túrio, Lucânia	380
	11 a	Tarento, Calábria	380
	42 b	Túrio, Lucânia	375
	41 g	Túrio, Lucânia	360
	41 h/i	Túrio, Lucânia	350

	29 b	Heracléia, Lucânia	340
	26 c	Heracléia, Lucânia	340

No caso dessas emissões, com as variações estilísticas apontadas sobre a decoração do capacete de Atena, elas seguem quase que coordenadas entre si em relação ao tipo monetário, ainda que cunhadas em diferentes denominações. A centralização de tipos monetários relacionados a Atena na região após o século V a.C. pode significar o estabelecimento das autoridades emissoras locais, o que possivelmente decorre da organização das próprias pólis gregas na Magna Grécia.

No século IV a.C., as emissões monetárias da região estão fortemente associadas às atividades militares, algumas pólis da região haviam sucumbido aos grupos nativos ou às invasões dos tiranos de Siracusa, ao mesmo tempo em que outras estabeleciam-se na região e dentro do contexto helênico. A Magna Grécia foi marcada por intensa atividade econômica, o que reflete diretamente na abundante quantidade de moedas batidas pelas cidades locais, sendo a emissão de moedas e o culto a Atena representantes da própria helenidade.

Em nossa análise, buscamos relacionar a tipologia monetária associada a Atena com os acontecimentos e estruturas da Magna Grécia, buscando interpretar como essa região portava-se no contexto helênico e localmente, a partir do culto dessa divindade. A vasta quantidade de moedas com que nos deparamos tornaram o processo de abordagem do objeto de estudo complexo, dada a magnitude de dados que podemos evidenciar a partir das emissões monetárias.

Nesse sentido, buscamos utilizar a iconografia de Atena e seus atributos como nossa perspectiva de análise em preferência a outros elementos característicos das moedas, como as denominações e os sistemas ponderais adotados, sem evidentemente desconsiderar a importância de tais critérios sempre que viável. Dessa forma, além da interpretação que demos às emissões elencadas, consideramos o catálogo construído como uma importante base de dados disponível para os estudos numismáticos referentes à região.

Dentro do que apresentamos, acreditamos que o culto de Atena tenha sido amplamente difundido e adotado pelas pólis da Magna Grécia, e uma evidência dessa constatação são as moedas aqui analisadas. Essa divindade integra um dos objetos mais significativos da pólis

grega e denota a identificação dessas cidades com a Hélade como um todo, ao mesmo tempo em que evidenciamos mudanças na iconografia de Atena que podem ser interpretadas como a relação com um contexto maior e de individualidade da própria pólis.

Iniciamos nossa interpretação partindo da principal variação na representação de Atena nos tipos monetários analisados: o capacete. Esse atributo aparece majoritariamente em dois modelos, coríntio e ático, que foram respectivamente difundidos pelas moedas de Corinto e Atenas a partir do século VI a.C. Traçando a difusão desses dois tipos monetários, notamos que o modelo coríntio se estabelece majoritariamente na costa do mar Tirreno, enquanto que o modelo ático na costa do mar Jônico. Entretanto, além de denotarmos a adoção de outras iconografias de Atena nas moedas estudadas, notamos que esses tipos monetários são adotados simultaneamente pelas pólis gregas da região e com cronologia relativamente dispersa, o que dificulta na atribuição direta da adoção do tipo monetário com evento político específico.

Como elencamos, o capacete coríntio aparece mais incisivo em Bruttium, região mais próxima geograficamente da Sicília, que também emitiu moedas com o mesmo modelo tipológico. Por outro lado, o capacete ático circula por todas as regiões, mais incisivamente na Lucânia. O modelo da representação de Atena segundo as moedas atenienses, ou seja, com o capacete ático laureado, aparece na região a partir de Síbaris e Túrio mas em curto período após a emissão inicial desse tipo, ainda no século V a.C., vemos a reconfiguração da iconografia da divindade, especificamente da decoração da calota do capacete.

Ainda assim, o caso de Síbaris e Túrio nos proporcionou interessante leitura sobre a relação da moeda enquanto um objeto político. Como discurremos, essas pólis adotam o tipo monetário ateniense após o estabelecimento de vínculo político com Atenas, entretanto a denotação do culto à divindade na região anterior a evento específico nos mostra que a moeda era simultaneamente um artefato de caráter religioso, além de econômico. Em outros casos, como o de Eleia, a adoção do tipo monetário da coruja pode ser decorrência da circulação da iconografia desse atributo tão característico de Atena através de outro suporte imagético, o *esquifo*.

A relação das *apoikias* com suas cidades fundadoras não deve ser tratada de maneira igual pela Magna Grécia, dada a individualidade expressa por cada uma das pólis locais e pela consolidação da própria região dentro do contexto helênico, ainda mais evidente no momento que estudamos. No período Clássico, a cunhagem estava se estabelecendo e chega no ápice de

autoridades emissoras ativas no final do século V a.C., ao longo do século IV a.C. vemos a consolidação de alguns dos centros de emissão monetária em detrimento de outros, reflexo da instabilidade causada pelos conflitos externos e internos.

Em relação aos tipos monetários de Atena, a transformação na cunhagem da Magna Grécia vista entre os séculos V e IV a.C. manifesta-se na reconfiguração estilística que denotamos na representação da divindade. Para além dos modelos do elmo, vimos que os gregos da região passam a emitir moedas primeiramente com Atena vestindo o capacete ático laureado e posteriormente outros elementos decorativos são incorporados à figura da deusa, como é o caso do grifo, do hipocampo e da Scylla; modelos representativos mais difundidos pelas moedas analisadas. A remodelação da representação de Atena vestindo o capacete ático restringiu-se às pólis gregas da Lucânia, o que mostra não somente a relação política entre essas cidades como também o estabelecimento de cada uma delas como autoridades emissoras na Magna Grécia.

Sendo assim, a representação de Atena nas moedas da Grécia ocidental entre os séculos V e IV a.C. aparece de maneira ampla, porém específica, de acordo com cada autoridade emissora e o período da adoção de cada tipo monetário. Mesmo assim, uma interpretação possível, é que a moeda possa ter atribuição particular em cada um dos centros emissores do qual ela emanou, mas ainda age como um reflexo político e religioso materializado de seu devido contexto.

O estudo iconográfico de Atena nos demonstra que as nuances expressas pelos diferentes tipos monetários que levantamos referentes a uma mesma divindade, no qual vemos variações estilísticas sendo difundidas e replicadas através das moedas, podem mostrar a relação entre os contextos gregos do período compreendido. O estudo da recorrência e difusão espacial e cronológica desses modelos tipológicos usados nas moedas nos demonstra desde o culto à divindade até o uso político da iconografia de Atena e/ou seus atributos.

5. Considerações finais

Abordar a representação de uma divindade nas moedas gregas que circularam pelo Mediterrâneo, durante a antiguidade, é um trabalho minucioso e delicado. Ao mesmo tempo em que olhamos para a iconografia devemos relacioná-la com o respectivo suporte imagético, sendo a moeda um objeto de caráter amplo e que transborda culturas e territórios; e se referindo à religião grega temos que contar também com o lado apotropaico da imagem.

Ao escolher Atena para figurar em suas emissões, as pólis utilizavam um documento oficial como forma de vincular-se ao Panteão grego, contemplar suas atividades econômicas, com pagamentos e arrecadação de tarifas; ao mesmo tempo em que o estudo sobre a replicação dos tipos monetários pode assinalar associações iconográficas que apontam a decorrência das atividades políticas do período nas quais as moedas foram batidas.

Os estudos numismáticos prévios apontam que a cunhagem de moedas na Magna Grécia não costuma estabelecer um padrão que funcione simultaneamente por toda a extensão regional, e essa fragmentação característica é essencial para pensarmos sobre as emissões locais. Mesmo que não consigamos traçar uma sequência pontual entre as pólis e seus respectivos tipos monetários, podemos constatar que alguns elementos compartilhados entre essas cidades remetem ao senso de pertencimento ao contexto helênico, o que no nosso caso seria a adoção do culto e do tipo monetário de Atena.

Por ser uma divindade que transpassa o ambiente da Hélade, Atena pode remeter à necessidade daqueles que se identificavam como helenos de se afirmarem territorialmente ou mesmo como indivíduo pertencente a um grupo étnico; já que ela era tão presente e difundida no ideal da helenidade. A deusa era tão característica e multifacetada que o uso da sua imagem era carregado de simbolismos, o que em alguns casos pode ir além da questão religiosa.

Como observamos ao longo da pesquisa, as variações estilísticas na representação dessa divindade são associadas a determinados contextos e, especificamente no caso dos tipos monetários, remetem a emissões de outras pólis gregas do Mediterrâneo, como demonstramos com Atenas e Corinto. Ainda assim, a replicação dos tipos monetários em diferentes contextos helênicos demonstra que objetos, pessoas e ideias circulavam pela região; ao mesmo tempo em que se firmava o conceito de uma ampla conjuntura que identificava esses elementos entre si.

As moedas na Grécia Antiga quase que flutuavam entre as esferas que compunham as sociedades do período. O uso do metal como sistema de troca já era atestado em períodos

anteriores, mas a introdução da moeda cunhada pelos gregos no século VII a.C. atesta outro nível de organização social e de ressignificação de um artefato. Além disso, o conteúdo das imagens utilizadas nesse objeto apresenta ramificações de abordagens e interpretações a partir do seu estudo.

A ideia de elaborar um levantamento sistemático das moedas contendo Atena na Magna Grécia, emitidas ao longo do período Clássico da historiografia grega, surgiu a partir da concepção de que, sendo as moedas objetos emblemáticos da pólis e da composição helênica ao longo do Mediterrâneo; a adoção e recorrente representação dessa divindade podem nos apontar a relação do contexto emissor com a religião e com outras autoridades emissoras, através da associação entre os tipos monetários.

Ao mesmo tempo em que abordamos a adoção da representação de Atena pelo viés historiográfico, buscamos também através da própria imagem da deusa traçar as pequenas nuances estilísticas que apontem aspectos da respectiva pólis emissora. Através de um tipo monetário que aparece entre vários outros adotados pelas emissões da Magna Grécia, é complicado tratá-los fora de contexto. Nossa intenção foi observar algumas das características da região a partir da iconografia de uma divindade amplamente difundida na Hélade, como foi Atena. Para tal, elencamos as moedas de acordo com nossas observações e perspectivas, a partir do catálogo composto.

Acredito que, a melhor forma de abordar sobre as denominações das moedas e os metais seria contextualizando-os junto ao restante das emissões da respectiva pólis. Dessa maneira, as alterações nos sistemas ponderais recorrentes ficam mais evidentes à luz da historiografia. Em relação à iconografia, notamos que os tipos monetários relacionados a Atena cunhados na Magna Grécia devem ser observados para além da representação da divindade. Atena estava intrinsecamente ligada a Atenas e, dado todo o simbolismo atribuído à deusa, é muito comum que nos estudos referentes às moedas uma das interpretações seja a observação dessas imagens partindo daquela difundida pelas moedas atenienses.

Dessa forma, a cunhagem é imediatamente tratada como uma reprodução da tipologia de Atenas. O que denotamos em nosso estudo é que essa leitura descontextualizada pode resultar em uma generalização sobre o assunto, tratando arbitrariamente todas as moedas que representam Atena em suas faces como o efeito de uma influência política e/ou econômica

ateniense na região. O que, como exploramos ao decorrer da pesquisa, nem sempre é aplicável a determinados contextos, como em Bruttium.

Para estudar Atena é essencial olhar para a deusa como figura políade e plural na Grécia Antiga, e sua associação com a moeda, artefato também caracteristicamente plural; figura entre os elementos representativos do mundo grego do período, em relação à própria helenidade. Da mesma forma, a Magna Grécia também aparece como contexto passível de diversas interpretações, mas ainda assim como um forte representante da Grécia do período Clássico: expressiva enquanto espaço de diferentes núcleos políticos, econômicos e inerente à religião e manifestações culturais e artísticas.

6. Bibliografia

6.1. Catálogos Consultados

6.1.1. Online

Magna Graecia Coins. Disponível em: <<http://www.magnagraecia.nl/coins/home.html>>. Acesso em: 2017. (MGC database).

Sylloge Nummorum Graecorum. Disponível em: < <http://www.sylloge-nummorum-graecorum.org/>>. Acesso em: 2017. (SNG database).

The American Numismatic Society collections database. Disponível em: < <http://numismatics.org/search/>>. Acesso em: 2017. (MANTIS database).

6.1.2. Impressos

RUTTER, N.K. **Historia Numorum Italy.** Londres: The British Museum Press, 2001. Catalog.

SYLLOGE NUMMORUM GRAECORUM. **Grèce Collection Réna H. Evelpidis. Part. 1, Italie, Sicile, Thrace. Planches 1 à 31, Nos 1 à 1126.** Louvain: Imprimerie Orientaliste, 1970. Catalog.

SYLLOGE NUMMORUM GRAECORUM. **The Collection of The American Numismatic Society. Part 2, Lucania.** New York: The American numismatic Society, 1972. Catalog.

SYLLOGE NUMMORUM GRAECORUM. **The John Morcom Collection of Western Greek Bronze Coins.** New York: Oxford University, 1995. Catalog.

SYLLOGE NUMMORUM GRAECORUM. **The Royal Collection of Coins and Medals, Danish National Museum. 1, Italy, Sicily.** West Milford, N.J.: Sunrise Publications, 1981. Catalog.

6.2. Fontes escritas

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses.** Estudo e tradução de Jaa Torrano. São Paulo: Iluminuras, 1995. 3ª ed.

HOMERO. **Ilíada.** Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. 25ª ed.

HOMERO. **Odisseia.** Edição bilíngue. Tradução, posfácio e notas de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2014. 3ª ed. 816 p.

6.3. Sites

BRITISH MUSEUM. Disponível em: <<https://www.britishmuseum.org/>>. Acesso em: 2019.

MUSEO ARCHEOLOGICO NAZIONALE DI NAPOLI. Disponível em: <<https://www.museoarcheologiconapoli.it/it/>>. Acesso em: 2019.

NATIONAL ARCHAEOLOGICAL MUSEUM OF ATHENS. Disponível em: <<https://www.namuseum.gr/en/>>. Acesso em: 2019.

NAUSITOO. <<http://labeca.mae.usp.br/pt-br/city/>>. Acesso em: 2017.

THE ACROPOLIS MUSEUM. Disponível em: <<https://www.theacropolismuseum.gr/en>>. Acesso em: 2019.

THE FITZWILLIAM MUSEUM. Disponível em: <<https://www.fitzmuseum.cam.ac.uk/>>. Acesso em: 2019.

THE SHRINE OF THE GODDESS ATHENA. Disponível em: <<http://goddess-athena.org/>>. Acesso em: 2018.

6.4. Fontes textuais

ANTONACCIO, C. (Re)Defining Ethnicity: Culture, Material Culture, and Identity. In: HALES, S.; HODOS, T. (eds.). **Material Culture and Social Identities in the Ancient World**. Cambridge: University Press Cambridge, 2010, p. 32-53.

BRANDÃO, J. **Dicionário Mítico-Etimológico**, Volume I: A-I. 2o edição. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 1993.

BURKERT, W. **Religião Grega na Época Arcaica e Clássica**. Tradução de M. J. Simões Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

CANTILENA, R. Atene e l'area tirrenica: questioni monetali. In: **Atene e la Magna Grecia dall'età arcaica all'ellenismo, Atti del XLVII Convegno di Studi sulla Magna Grecia**. Napoli: Istituto per la Storia e L'Archeologia della Magna Grecia - Taranto, 2008. Pag.519-535.

CARTLEDGE, P. (org.). **História Ilustrada da Grécia Antiga**. Tradução de Laura Alves e Aurélio Rebello. São Paulo: Ediouro, 2009. 2º ed.

CERCHIAI, L.; JANNELLI, L.; LONGO, F. **The Greek Cities of Magna Graecia and Sicily**. Los Angeles: Getty Publications, 2002.

CORREIA, L.C., SOUZA, C.D. Representações de Atena em ânforas de figuras negras do século VI a.C.: um exercício de análise iconográfica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, 25: 83-103, 2015.

D'AGOSTINO, B. The First Greeks In Italy. In: TSETSKHLADZE, G.R. (ed.). **Greek colonisation: an account of Greek colonies and other settlements overseas**. Vol. 1. Leiden: Boston: Brill, 2006, p. 201-237.

DE JULIIS, E. M. **Magna Grecia: L'Italia meridionale dalle origini leggendarie alla conquista romana**. Bari: Edipuglia, 1996.

DEACY, S. **Athena**. London/New York: Routledge, 2008.

DODGE, H.; CONNOLLY, P. **The Ancient City: Life in Classical Athens and Rome**. Oxford: Oxford University Press, 1998.

DUGAS, C. **Recueil Charles Dugas**. Paris: E. de Boccard, 1960.

EDLUND, I.E.M. **The Gods and The Place. Location and Function of Sanctuaries in the Countryside of Etruria and Magna Graecia (700 – 400 b.C.)**. Estocolmo: Paul Åströms Förlag, 1987.

FLORENZANO, M.B.B. Anotações sobre a representação de monstros nas moedas gregas. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, 5: 223-234, 1995.

FLORENZANO, M.B.B. Notes on the imagery of Dionyisos on Greek Coins. **Revue Belge de Numismatique**, Bruxelas, v. CXLV, p. 37-48, 1999.

FLORENZANO, M.B.B. Fontes sobre a origem da moeda: apresentação crítica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, 11: 201-211, 2001.

FLORENZANO, M.B.B. In God we trust: gods and god-like entities on ancient Greek coins (Plate XII). In: **TYPOI. Greek and Roman coins seen through their images noble issuers, humble users? Proceedings of the International Conference Organized by the Belgian and French Schools at Athens**, 26-28 September 2012[S.l: s.n.], 2018.

FLORIAN, S. Scylla l'ambivalente. In: **Revue archéologique**. France, 2011/1 (n° 51), 3-26. DOI: 10.3917/arch.111.0003. URL: <https://www.cairn.info/revue-archeologique-2011-1-page-3.htm>

FUNKE, P. Western Greece. In: KINZL, K.H. (ed.). **A Companion to the Classical Greek World**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010.

FRANCISCO, G. S. **Panatenais: tradição, permanência e derivação**. 2012. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. doi:10.11606/T.71.2012.tde-16052012-141348. Acesso em: 2019-06-03.

GALANI-KRIKOU, M. et al. **Coins & Numismatics**. Atenas: Kapon Editions, 1996.

GOSDEN, C. **What do objects want?** Journal of Archaeological Method and Theory. 12(3): 2005, p. 193-211.

GRECO, E. **Archeologia Della Magna Grecia**. 6a Ed. Roma: GLF Editori Laterza. 2004.

GRECO, E. Greek Colonization in Southern Italy: a Methodological Essay. In: TSETSKHLADZE, G.R. (ed.). **Greek colonisation: an account of Greek colonies and other settlements overseas**. Vol. 1. Leiden: Boston: Brill, 2006, p. 169-200.

GRIMAL, P. **Dicionário da Mitologia Grega e Romana**. Tradução: Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993. 2ª ed.

GOMES MARQUES, G. **Introdução a Numismática**. Lisboa: Publicações Dom Quixote. 1982.

HALL, J. Quem eram os gregos. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, 11: 213-225, 2001.

HALL, J. **Hellenicity: between ethnicity and culture**. Chicago/Londres: The University of Chicago Press, 1993.

HANSEN, M. H.; NIELSEN, T.H. **An Inventory of Archaic and Classical Greek Poleis**. Oxford University Press, 2004.

LACROIX, L. **Études d'archéologie numismatique**. Universidade de Lion. Publicações da Biblioteca Salomon Reiach, Diffusion de Boccard, 1974.

LAKY, L.A. As moedas de Olimpia e a consolidação da imagética de Zeus na Grécia Clássica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**. São Paulo, 18: 211-237, 2008.

LAKY, L.A. Moedas, santuários e contexto único de produção: o lugar da documentação numismática no estudo do culto de divindades na pólis grega. In: PORTO, V. (Org.). **Arqueologia hoje: tendências e debates**. São Paulo: MAE/USP, 2019, p. 453-464.

LO MONACO, V. A moeda como instrumento interpretativo em arqueologia. In: PORTO, V. (Org.). **Arqueologia hoje: tendências e debates**. São Paulo: MAE/USP, 2019, p. 731-745.

KRAAY, C. M. **Archaic and Classical Greek Coins**. London: Methuen. 1976.

LÉVÊQUE, P.; SÉCHAN, L. **Les grandes divinités de la Grèce**. Paris: Armand Colin, 1990. 2ª ed.

MALKIN, I. **A small Greek world, networks in the Ancient Mediterranean**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

MERTENS, D. **Città e monumenti dei Greci d'Occidente**. Roma: "L'Erma di Bretschneider, 2006.

MONEDERO, A.J.D. **La polis y La expansion colonial griega. Siglos VIII-VI**. Madri: Editorial Síntesis S. A., 2001.

MORRIS, I. Mediterraneanization. In: MALKIN, I. **Mediterranean Paradigms and Classical Antiquity**. Londres: Routledge, 2005, p. 30-55.

PAPADOPOULOS, J.K. **Minting Identity: Coinage, Ideology and the Economics of Colonization in Akhaina Magna Graecia**. Cambridge Archaeological Journal. 2002. Vol. 12, no. 1p. 21-55. DOI 10.1017/S0959774302000021.

PONTIN, Patricia Boreggio do Valle. **O escudo grego: a simbologia de um equipamento defensivo**. 2006. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. doi:10.11606/T.71.2007.tde-15052007-102701. Acesso em: 2019-06-18.

PORTO, V.; CORREIA, L.S. O simbolismo de Atena: o mito sob o olhar literário de Homero. **Todas as musas: revista de literatura e das múltiplas linguagens da arte**, São Paulo, v. 5, p. 100-112, 2013.

POZZI PAOLINI, E. Riflessi Della Tipologia Monetale Ateniese Sulle Emissioni Delle Zecche Italiote e Siceliote. In: **La Circolazione Della Moneta Ateniese in Sicilia e in Magna Grecia, Atti del I Convegno del CSIN (Napoli 1967)**, suppl. AIN.12-14 (1969), 49, n. 35.

RITTER, S. Athena in Archaic Corinth: the creation of an Iconography. In: DEACY, S.; VILLING, A (eds.). **Athena in the Classical World**. Leiden: Brill, 2001, p. 143-162.

ROSATI, F.P. (org.). **La moneta greca e romana**. Roma: <<L'Erma>> di Bretschneider, 2000.

RUTTER, N.K. **Campanian Coinages, 475-380 B.C.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 1979.

RUTTER, N.K. **Greek Coinages of Southern Italy and Sicily**. Ann Arbor: Spink. 1997.

SPIER, J. **Emblems in Archaic Greece**. Bics 37, 1990, p. 107-132.

VAN DOMMELEN, P.; KNAPP, A.B. **Material Connections in the Ancient Mediterranean: Mobility, Materiality, and Identity**. Abingdon, Oxon; New York: Routledge, 2010.

VERNANT, J.-P (ed.). **La cité des images, religion et société en Grèce Antique**. Lausanne: Fernand Nathan LEP, 1984.

VERNANT, J.-P. **Mito e religião na Grécia Antiga**. Tradução de Joana Angélica D'Avila Melo. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.

WOODHEAD, A.G. **Os Gregos no Ocidente**. Lisboa: Verbo. 1972.